NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: UM TEXTO INÉDITO DE LE CLÉZIO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 605 ANO 48.º UM ESCUDO

amanhã anda a roda
TALUDA
4 MIL CONTOS!

A «APOLO 9» DESCEU NO ATLÂNTICO

Os astronautas americanos da «Apolo 9» desceram no Oceano Atlântico, às 18 horas.

As operações de regresso começam normalmente de acordo com o que estava previsto pelos técnicos da N. A. S. A.. McDivitt, Scott e Schweickart encontram-se bem e um helicóptero partiu já do navio «Guadalcanal» para os recolher.

Deixavam para trás 10 dias de experiências no espaço, que fizeram com que os Estados Unidos dessem mais um passo para colocarem este ano homens na Lua.

«Fizemos o que dissemos que iamos fazer», declarou a noite passada, numa conferência de Imprensa, o director do voo, Eugene Kranz, quando os astronautas James McDivitt, David Scott e Russell Schweickart concluíram as suas tarefas finais e começaram a limpar a sua cabina, antes de se deitarem, para a sua última noite no espaço.

Além de algumas expe-

(Continua na 15.ª pág.)

Há 48 anos que não chovia assim no mês de Março

Há 48 anos que, em Março, não chovia tanto em Lisboa. Os aluimentos verificaram-se em muitos locais e em alguns, como junto à Estrada do Desvio, usou-se um processo inédito e insólito para impedir a infiltração das águas e suas consequências: um enorme plástico a cobrir, como a nossa gravura documento, terras que há tempos aluíram parcialmente. Entretanto, os bombeiros tiveram de atender centenas de chamadas, acudindo casas inundadas e chaminés, empenas e muros a ruir. Na cidade houve perturbações de vária ordem e continuam a viver-se horas de ansiedade nas zonas mais afectadas, como na Quinta do Alpoim, em que um desabamento nocturno de terras provocou a morte de um casal que vivia numa barraca situada na encosta.

(Ler nas páginas 10 e 11)

KIESINGER EM PARIS

PARIS, 13. — (R.) — O presidente de Gaulle e o chanceler Kurt Georg Kesinger iniciam hoje conversações de alto nível, nos termos do tratado de amizade franco-alemão, no meio de uma atmosfera de suspeita e de ressentimento.

Observadores desta capital esperam que a reunião de dois dias pouco progresso faça em virtude das actuais relações entre Bonn e Paris, que atingiram o ponto mais baixo desde que o histórico tratado foi assinado há seis anos.

Pelo menos, segundo esses observadores, as conversações poderão desanuviar a atmosfera; coisa que a visita a Bonn, efectuada na segunda-feira passada, do ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Michel Debré, não conseguiu, de acordo com fontes bem informadas de Paris.

«Existe um certo número de dificuldades na aplicação do tratado», notou Debré firmemente numa entrevista que concedeu à Televisão.

Observadores julgavam ainda que a oferta secreta feita em Janeiro pelo presidente de Gaulle para travar conversações com a Grã-Bretanha, visava a trazer esse país para a Europa Latina de contrabalançar a influência crescente da Alemanha.

Terminou a reunião da Liga Árabe

CAIRO, 13 — (R.) — Os delegados à reunião da Liga Árabe nesta cidade começaram hoje a regressar aos seus países, depois de terem prometido reforçar o auxílio ao Movimento de Libertação da Palestina.

A principal moção adoptada durante a reunião afirma ao direito do povo da Palestina de libertar a sua pátria e conquistar a autodeterminação.

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO

PELA CENSURA

O «NAVAJA» NÃO LARGOU

Devido ao mau tempo que continua a fustigar Lisboa, não largou ainda o iate «Navaja» que se propõe seguir a rota de Pedro Alvares Cabral.

Esta manhã o barco abasteceu-se de combustível mas logo voltou ao seu ancoradouro.

Os deputados debatem os problemas das Casas do Povo e da Previdência Rural

A Assembleia Nacional reuniu hoje sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Serras Pereira. Na ordem do dia prossegue o debate na proposta de lei sobre as Casas do Povo e Previdência Rural.

Estão inscritos nove parlamentares. No período destinado á ordem do dia, os deputados Leonardo Coimbra, Cid Proença e Melo Giraldes. No período antes da ordem do dia os deputados Sousa Magalhães, Cutileiro Ferreira, Correia Barbosa, Coelho Jordão, Santos da Cunha e Pontífice de Sousa.

Medicina no trabalho

O deputado Cutileiro Ferreira, que em fins de Janeiro se referira ao decreto que regulamenta a medicina no trabalho, provocara uma resposta do ministro das Corporações, lida na Camara. A esse documento se referiu hoje o deputado, afirmando: «Tudo o que disse, nessa minha intervenção, e as duvidas que levantei, mantenho integralmente».

Acentuou que o ministro, servindo-se de relatos da Imprensa, não dispunha do texto completo. E mais uma vez lamentou o atraso do «Diário das Sessões» e agradeceu á Imprensa o interesse com que vem acompanhando os trabalhos da Assembleia.

CONSEGUIU FUGIR UM PORTUGUÊS QUE É PROCURADO PELA INTERPOL

ORENSE (Espanha), 13 — (A. N. I.) — O português António Barreira Pereira, que é procurado pela Interpol, conseguiu fugir quando ontem dois guardas civis de Celanova iam proceder á sua prisão.

A Guarda Civil fora informada de que na residência de Francisco Touza Blanco, na povoação espanhola de Mezquina, se encontrava um português que se fazia passar por João Vaz Coelho.

Um carro de turismo, com a matrícula alemã 606-Z 200 foi apreendido e posto á ordem do juiz da comarca de Celanova.

O automóvel e os objectos de uso pessoal encontrados dentro do veículo foram avaliados em 180 000 pesetas.

CASA DO CONCELHO DE GÓIS

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa do Concelho de Góis. Presidem á assembleia geral, á direcção, ao conselho fiscal e ao conselho regional, respectivamente, os srs. dr. Alfredo Simões Travassos, Fernando dos Santos Almeida Carneiro, dr. José Maria Neves da Silva Polares e prof. eng.º Carlos Manuel L. Baeta Neves.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 13 — (L.) — Foi distribuido o boletim informativo das forças armadas na Guiné, respeitante ao período de 3 a 9 do mês corrente, que é do seguinte teor:

«Durante o período o inimigo flagelou os aquartelamentos de Guileje, Gapture, Biambé, Nova Sintra e Tite, implantou engenhos explosivos nas regiões de Camalaupa (Vatió) e do Pelundo, emboscou as nossas tropas nas regiões de Teixeira Pinto, Sambuia, Sare Alabato (Farim), Bululolandiu (Buba) e Pelundo.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu:

— Na região de Poidom (Xime) um morto, três capturados e apreensão de armamento e munições, bem como material diverso.

— Na região de Alabato (Farim) quatro mortos e apreensão de armamento diverso.

— Na região de Teixeira Pinto apreensão de munições e material diverso.

— Na região da foz do rio Judinga (Buba) apreensão de munições.

— Na região de Piche apreensão de material diverso.

Nas vias fluviais foram destruidos meios de transposição.

Durante o período, o inimigo sofreu cinco mortos e três capturados.

As nossas forças sofreram dois mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente revelados aos órgãos de Informação.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

● *Dez oradores — fora os apartes — preencheram a sessão de ontem da Assembleia Nacional. O vice-presidente em exercício, dr. Soares da Fonseca, abandonou a presidência por um quarto de hora, para descansar, mas sem interromper os trabalhos. Assim, «deu gosto ao dedo», na presidência, o dr. Castro Fernandes, recentemente eleito 2.º vice-presidente.*

● O «Diário das Sessões» continua a publicar-se com grande atraso. Mas o ministro do Interior tem uma solução para o caso, que hoje vai ser lida aos deputados — segundo anunciou o vice-presidente em exercício.

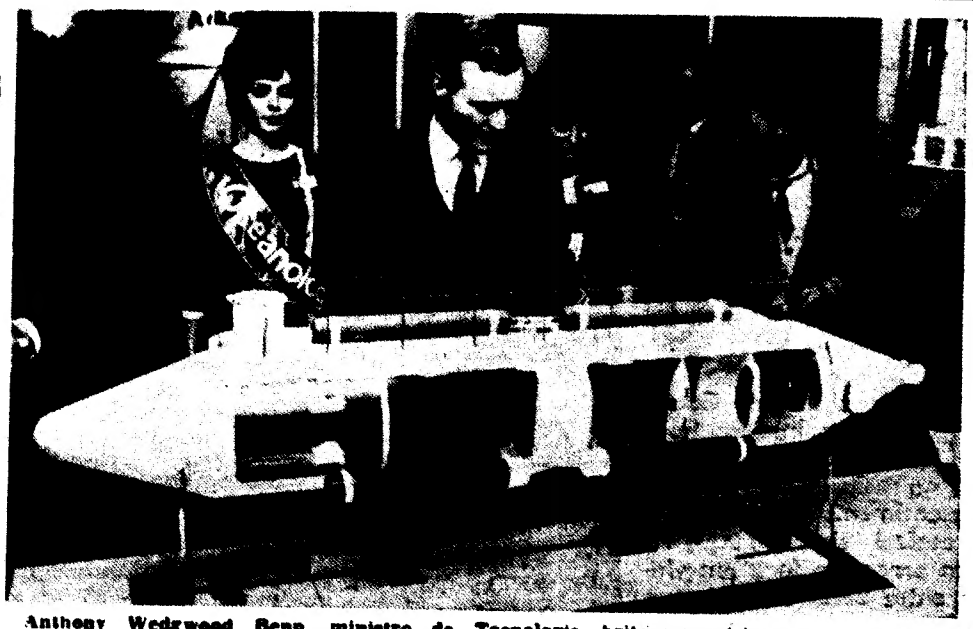
● *As tarifas da Carris de Lisboa foram um dos assuntos importantes ontem tratados na Camara. Mas não o unico. O deputado dr. Albano de Magalhães, por exemplo, falou de problemas do porto de Leixões, dizendo a certa altura: «Paradoxalmente, o sistema aduaneiro, antiquado e ultrapassado, prejudica o seu desenvolvimento. Não se compreende que o segundo porto de Portugal não disponha de uma alfandega, nem ao menos e transitóriamente de qualquer interposto da alfandega do Porto. Situa-se esta a cerca de 10 quilómetros de Leixões! O mesmo é dizer que o porto de Leixões, um grande e moderno porto, não tem regime aduaneiro. Daqui, resulta uma série de consequências que convém pôr em evidência. A descarga de mercadorias é realizada, sob o ponto de vista aduaneiro, da mesma forma como se processaria a descarga de um navio que encalhasse, algures, em qualquer ponto da costa portuguesa».*

● O dr. Albano de Magalhães, entretanto, teve que se haver com algumas interrupções do dr. Antão Santos da Cunha. Este deputado, na verdade, está particularmente bem colocado para saber o que se passa em Leixões. Apoiou o colega mas... E ambos foram muito cumprimentados.

● *A propósito, esclareça-se que todos os parlamentares, quando usam da palavra, são cumprimentados. É uma regra de delicadeza que se mantém, embora não faça parte do Regimento. Cumprimento, porém, ao que nos explicaram, não significa concordancia, nem sequer conhecimento do assunto tratado. Delicadeza, o que já é muito.*

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

SEVILHA
SEMANA SANTA
E
FEIRA
SEM A PREOCUPAÇÃO DE HOTEL
HOSPEDAGEM NO PRÓPRIO NAVIO
PREÇOS A PARTIR DE 1.800$00
DUAS VIAGENS DO NAVIO
«PONTA DELGADA»
— de 1 a 8 de Abril
e
— de 15 a 22 de Abril
Consulte o seu agente de viagens ou directamente a
EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
RUA AUGUSTA, 183 — TEL. 37 03 41
LISBOA



Anthony Wedgwood Benn, ministro da Tecnologia britanico visita uma exposição internacional de equipamento submarino. Um dos modelos expostos prendeu sobremaneira a atenção de Anthony Benn: o do «Bacchus», nave de concepção inglesa, para uma tripulação de seis homens, susceptivel de operar a uma profundidade de cerca de 200 metros. Mais de duzentas empresas de todo o mundo estão representadas na Oceanology International 69

Com representantes de dez países principiou uma reunião sobre Defesa Fitossanitária dos Produtos Agrícolas

Principiou esta manhã, nas instalações do Laboratório da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, a reunião do Grupo de Trabalho da Organização Europeia para a Protecção das Plantas, o qual trata dos assuntos respeitantes á defesa dos produtos agrícolas de origem mediterrânica. Presidiu á sessão o prof. eng.º Baeta Neves e participam nos trabalhos 16 delegados de 10 países — Portugal, França, Espanha, Itália, Israel, Alemanha, Grécia, Turquia, Inglaterra e Finlândia.

Da agenda dos trabalhos — que prosseguem e se concluem amanhã — consta o estudo de diversos problemas entre os quais se contam a importância económica dos diferentes destruidores e das diversas doenças, assim como estudos ecobiológicos gerais e monográficos sobre o assunto, apreciação dos desgastes (considerando particularmente as espécies económicamente importantes), estudos concernentes á metodologia, inventário dos depredatores e inventário das disponibilidades em laboratórios, instalações, material e pessoal, permitindo efectuar os estudos em causa relativos ás espécies economicamente mais importantes, etc.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

GUARDA DA P.S.P. AGREDIDO POR UM MOTORISTA DE TÁXI

Esta madrugada, o motorista de táxi sr. Agostinho Arés Martins, de 27 anos, casado, natural de Vilaranco, S. João da Pesqueira e residente na Travessa de Santa Marta, 11, 1.º-Dto. foi detido, pela P. S. P., na Rua Nova do Carvalho, perto de um bar ali existente. No táxi por ele conduzido, veículo com a matrícula HE-25-13, entrara momentos antes, saindo pouco depois, um marinheiro pertencente á esquadra da NATO agora no Tejo. O referido marinheiro, saindo do táxi, entrou no referido bar, deixando, porém, esquecido, no carro, o seu boné. O porteiro do bar, sr. António Marques da Cruz dirigiu-se então ao táxi, a fim de ir lá buscar o boné. Mas o motorista exigia-lhe o pagamento da «bandeirada» (2$50), devida, segundo disse, pelo marinheiro a quem pertencia o boné. E mantinha o veículo parado na rua. Foi então que um guarda da P. S. P. lhe disse para retirar dali o táxi que estava a impedir o tranaito. O motorista recusou-se, porém, a fazê-lo enquanto o porteiro não pagasse a importancia por ele indicada. Além de ter desobedecido ao policia agrediu-o com um soco, não lhe provocando, porém, qualquer ferimento. Acabou por ser dominado por aquele guarda da P. S. P. e outro que lhe prestou auxilio.

RECUO PROVISÓRIO DE NIXON NA DEFESA ANTIMÍSSIL

Por ALAIN CLÉMENT

WASHINGTON, MARÇO — Um Governo chegado de fresco ao poder, como é o caso do Governo de Nixon, pode encontrar-se subitamente na obrigação de fazer face a duas espécies de crise: uma, provocada pelos próprios acontecimentos, para a qual se exija uma decisão urgente e pública; outra, pelo contrário, que o force a tomar a iniciativa, em consequência de um debate tortuoso e complicado o bastante para que a sua solução dê azo a interpretações equívocas.

É esse o caso, por exemplo, da ordem emanada da Casa Branca obrigando à suspensão dos trabalhos em curso para a implantação da rede de defesa antimissil, baptizada de *Sentinela*. Para as «forças da paz», que se vêem privadas de objectivos imediatos pela conferência de Paris é uma medida «realista» que vibra um golpe de recuo a um redobrado lance militar tão ruinoso quanto insensato. Este simples gesto valeu ao novo presidente simpatias inesperadas, que ele talvez não se preocupe em cultivar abertamente, e que contribuem, de momento, para desmobilizar a coligação liberal, que bloqueou a segunda candidatura de Johnson. Estes democratas antijohnsonianos, influentes nos meios universitários e jornalísticos, não passarão, por isto, para o campo republicano. As prevenções que há uma vintena de anos alimentam contra Nixon dão, contudo, lugar, agora, a disposições mais conciliadoras. Concedem-lhe, agora, o benefício da dúvida. Se, afinal, fosse verdade que a vocação do *Grand Old Party* é a de liquidar as guerras iniciadas pela presunção democrática?

Além disso, essa minoria militante já não se sente isolada. Tem o sentimento de que é o país inteiro, homens de negócios e financeiros, que se opõe a um reatamento da corrida aos armamentos atómicos, mesmo sob pretexto da protecção da população civil. Esta, aliás, tomou a dianteira ao reagir á construção de silos atómicos á volta de várias grandes aglomerações. Uma vintena de silos estavam programados, três dos quais foram começados a construir. Os habitantes dos arredores depressa deram a entender, de Boston a Honolulu, que dispensariam de bom grado a presença dessas bases; em caso de conflito, não lhes garantiriam, em troca de uma segurança muito aleatória, mais que uma certeza: a certeza de que receberiam com prioridade as salvas atómicas do adversário.

Mesmo que os foguetões «Spartan» (primeira linha de defesa) e «Sprint» (segunda linha de defesa, desdobrada ao redor dos centros mais povoados) devessem fazer maravilhas, o que ainda não está provado, elas inspirariam simplesmente desconfiança aos interessados, pela única razão de que eles não concebem que um estrangeiro possa ser tão louco que vá deliberadamente provocar uma hecatombe de pacíficos cidadãos americanos, o que lhe valeria imediatamente represálias pelo menos tão sanguinolentas quanto o ataque.

Este raciocínio, simplista no entender de certos peritos, mas derivado de demonstrações reiteradas de McNamara sobre a futilidade de um «escudo» antimissil, já chegou ao Congresso, onde deputados e senadores pouco suspeitos de «pacificação» fizeram pressão sobre o novo presidente para que este olhasse de mais perto os argumentos aduzidos pelos partidários da rede A. B. M (Anti - Balístico - Míssil) antes de se proceder ao voto da segunda adjudicação de créditos previstos pelo orçamento legado por Johnson ao seu sucessor

Uma engrenagem pouco tentadora

Nixon não prometeu nada. Pronunciou-se apenas por uma revisão completa do «sistema contestado». O inquérito, que será dirigido por David Packard, adjunto do novo secretário de Defesa, Melvin Laird, deveria demorar apenas algumas semanas. Após o que competirá a Nixon conceder o crédito ou encontrar um compromisso que modifique os termos da alternativa. Tal como hoje se põem, só a certos departamentos do Pentágono parecem convincentes. Fora daí, chocam com dupla incredulidade.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Habituados a pensar que vivem em «espaço aberto» sobre a superfície de todo o continente, os americanos não chegam a crer que, mesmo a preço de ouro, se poderá tornar a abobada celeste impenetrável a engenhos dirigidos contra os seus lares. As macabras estatísticas destinadas a persuadi-los de que são preferíveis dois milhões de mortos a vinte milhões de mortos não os comovem. Não estão em mare de fazer as contas do Apocalipse. Em compensação, vêem-se ainda enleados numa guerra «limitada» no Vietnam, que lhes terá custado, calculando por baixo, mais de uma centena de gastos têm sido continuamilhões de dólares e cujos mente subestimados *Sentinela* foi-lhes «vendido» por 5 biliões de dolares, mas é um artigo de panóplia que poderia, à vontade, atingir o custo de umas dezenas de biliões, e que, como no Vietnam, exigiria cada vez mais, sem que se pudesse controlar a sua eficácia real. A engrenagem não é tentadora para os americanos. Não há patriotismo que resista ás cifras astronómicas que um erro de juízo inicial implicaria.

O que levou Nixon a reflectir não foi uma campanha juvenil como a do senador McCarty, mas a circunspecção dos patriarcas ultraconservadores, como o senador Dirksen e o deputado Mendel Rivers, presidente inamovível da comissão das forças armadas da Câmara dos Representantes.

O «dossier» *Sentinela* ainda não está enterrado. Nixon deu mais um passo para o lado que pròpriamente um passo atrás. O facto de ele aceitar um suplemento de informação, em vez de seguir a linha da menor resistência, só pode ser inscrito no seu activo quanto ás dificuldades psicológicas que qualquer terceira solução lhe custará.

O GOLO E A ESTOCADA

«Jogam bem e perdem! Ora, futebol é marcar golos...» — *exclamava frequentemente o Tavares da Silva, nuns tempos em que «Os Belenenses» tinham uma equipa que jogava maravilhosamente, mas não obtinha resultados positivos correspondentes à qualidade do seu futebol.*

Mas — e eu atrevo-me a entrar no prélio, apenas como espectador que só desconfia de que conhece alguma coisa desse jogo porque nunca acertou no Totobola... — não podemos aceitar tal doutrina como axiomática, até porque muitas vezes perde o melhor e o que mais merecia o triunfo, visto que este é dependente de muitas coisas visíveis e invisíveis.

A categoria futebolística do Benfica em nada ficou diminuída pelas cinco horas de jogo dos três encontros e um terço que disputou com o Ajax. Sempre jogou melhor; e se, depois do espantoso resultado obtido, sobre a neve, em Amsterdão, perdeu na Luz e em Colombes, foi, em Lisboa, pelo excesso de confiança; e, em Paris, pelo cansaço, em frente a uma equipa com muito maior poder físico, («de pequenino é que se torce o pepino» e, na Holanda, começa-se a fazer ginástica no berço) e pela desmoralização resultante das circunstâncias azarentas do golo sofrido ao começo do prolongamento. Quer dizer: houve causas ponderáveis e imponderáveis: e a luta de um regimento regular contra uma força armada e guerrilheiros eficazes...

Mas Tavares da Silva não era — como fazia gala em parecer... — um escravo dos resultados apontados no marcador; e se, por exemplo, falava, ou escrevia, embevecidamente, ácerca dos «cinco violinos» do Sporting não era apenas pelo seu poder de marcação, mas pelo seu belo e precioso jogo de «association».

Também na corrida de touros a finalidade é a morte do animal (ás vezes sai ao contrário...); mas isso não quer dizer que o «aficionado» se contente com ela, porque, se toda a lide deve ser uma preparação adequada para a sorte suprema, nenhum há que não vibrasse com uma vara a preceito, com uns pares de bandarilhas, em «todo lo alto», como os de Joselito, com as verónicas e os naturais dominadores do sevilhano, com a meia verónica de Belmonte, com a rendilhada chicuelina, cigana, com a serena e magestosa manoletina... E quantos, quantos toureiros matam bem, á primeira estocada, e não cortam nem uma só orelha, porque abreviaram demasiadamente a «faena» que o touro merecia!

Mas, em referência às «réplicas» — mais violentas e mais prolongadas que as do recente tremor de terra — consequentes da «catástrofe» de Paris, não quero deixar de registar aqui o impressionante desabafo de alguém que, defendendo o direito ao matrimónio dos sacerdotes católicos, se permitiu exclamar, com sinceridade:

— Aos «asses» do futebol, não os deviam deixar casar!

A tanto não chegam os poderes do Otto Glória...

FÉLIX CORREIA

Nota do dia

O APARELHO CIRCULATÓRIO

A HIPÓTESE DE ENCERRAMENTO ao tráfego da linha do Vale do Corgo (da Régua a Chaves) não constitui surpresa nem pode considerar-se um caso isolado. Insere-se no conjunto de consequências do regime tendencialmente deficitário em que vive, não só no nosso País, a exploração ferroviária, apertada pela concorrência de outros meios de transporte tècnicamente mais versáteis e propensos à renovação Há quantos anos se ouve falar nisto? Há quantos anos o comboio se esforça por se adaptar à guerra que lhe move a camioneta? Há quantos anos, nalguns traçados, com a via férrea a par da estrada, o passageiro hesita entre as condições de segurança, o conforto, a velocidade e o preço que lhe oferecem os dois sistemas concorrentes?

Viu-se há dias a suspensão de actividade num ramal ferroviário a partir do Barreiro, substituído o comboio pelo transporte fluvial. Agora fala-se do Vale do Corgo O mesmo problema, ao que sabemos pôe se noutras linhas secundárias onde se apresenta a necessidade de proceder à renovação do material quer do circulante quer da própria via E de cada vez se defronta a atroz interrogação: vale a pena? A verdade é que se, nalguns casos, «noblesse oblige», noutros se conclui por um descoroçoante «não vale a pena».

A alternativa que se ofe.ece é essa: renovar ou desistir. E, em muitos casos, como está não rende e as perspectivas não dão para renovar. Fica o desistir, optando-se por outros tipos de exploração que se revelem mais eficazes, mais práticos e até mais baratos. Nalguns casos, ainda quando não exista a estrada capaz que substitua a via férrea, vão fazer-se contas e apura-se como sendo mais económico abri-la ou pô-la em condições do que teimar num sistema que, na opinião de alguns, parece inevitàvelmente condenado à desaparição.

Tudo isto importa, no entanto, contas e mais contas. É preciso ver não só a quantidade mas também a qualidade do tráfego (mais carga ou mais passageiros?), pois nem sempre qualquer leigo será capaz de imaginar tranquilamente a superfície de estrada que se ocupa e o tempo de ocupação de estrada em que se traduz a respectiva reconversão da carga correspondente a um comboio de um determinado número de vagões. Deve haver uma fórmula que dá esses resultados. Deve haver e há, se bem que não a tenhamos presente para consulta. Mas acham-se verdadeiras surpresas.

O comboio e a estrada (não estamos a pensar na exploração do tráfego aéreo) não constituem, todavia, as únicas vias superficiais de exploração de transportes. Nalguns países têm-se aberto canais para a navegação de transportes interiores: a França, a Bélgica, a Holanda têm optado, em muitos casos, por essa solução, vendo-se com frequência verdadeiros comboios de bateiões sulcando as águas tranquilas que rasgam e fertilizam as grandes planícies. Muitos desses canais servem para ligar os cursos fluviais e tornam-se deles o complemento.

Que temos nós ensaiado nesse sentido? A navegação do Tejo até à embocadura do Zêzere, se a memória não se mostra traiçoeira, foi um projecto que interessou os nossos séculos XVI e XVII. A utilização do Douro como «estrada» do vinho do Porto não está fora das lembranças de ninguém. A hipótese de um canal ligando o Tejo ao Sado tem sido posta uma vez por outra, talvez um tanto romànticamente, mas sem deixar de corresponder a uma realidade possível. Uma carreira fluvial, no Alto Douro, não virá um dia a substituir o ramal ferroviário de Barca de Alva, em vias de degradação? Se temos muita coisa que fazer, parece que temos também muita coisa que pensar. É um exercício. Pensar faz bem.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MAJA DE PORTUGAL-1969: HISTÓRIAS DE JUVENTUDE

Prosseguimos a publicação, nas nossas colunas, das mais credenciadas candidatas ao título de «Maja de Portugal-1969». O volume de inscrições (cerca de trezentas) obriga a um longo trabalho de selecção, o que impede que a eleição final se realize este fim-de-semana. Esse acto, esperado por muitas jovens com verdadeiro alvoroço, efectua-se num dos primeiros dias da próxima semana, o qual será oportunamente anunciado. Entretanto, continuamos a apresentar aos leitores do «Diário de Lisboa» fotogénicas raparigas que, de diversos locais do continente, acorreram ao convite da Associação Goya Internacional, através da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) e foram consideradas, pelo júri prévio, como pretendentes ao título. Desta forma, os nossos leitores podem tomar contacto com o grupo de concorrentes de onde sairá a vencedora.

Maria São José Melro («Foi meu pai quem me inscreveu»), Mavilde Reis («Sou uma mulher complexos») e Ana Maria Lourenço Marques («Adoro Florbela Espanca») — três candidatas ao título de «Maja de Portugal — 1969»

À moda de Viana

— *Não. Não conheço Saragoça, e é a primeira vez que concorro a eleições deste estilo.*

Reside no Porto (Rua Carlos Dubini), tem 22 anos e chama-se Ermelinda Maria Ferreira. Pretende obter o diploma de correspondente: para isso estuda línguas. Tem 1,64 centímetros de altura e pesa 54 quilos.

— *A minha família. Ora... achou bem. Pois achou.*

Gosta bastante de autores portugueses — Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão. E de música clássica — Chopin, Mozart...

— *Se vencer, vou a Espanha vestida à moda de Viana. De Viana do Castelo, não acha? Sempre tive especial predilecção pela região minhota.*

— Aprecia Goya?

— *Quem?*

— Goya. Francisco Goya. O pintor que o concurso tenha evocar...

Ermelinda Maria Ferreira: conhece (Goya) de ouvir falar

— *Ah!*

Depois:

— *Conheço, de ouvir falar. Sei que foi imortal.*

Ermelinda mais não disse.

Dois anos em Luanda

— *Foi o meu pai. Ele é que me inscreveu no concurso...*

Maria São José Melro tem vinte anos de idade e reside na Pontinha (Lisboa). Trabalha numa cabeleireira: é encarregada na firma Zulmira Santos, na Rua Dona Estefânia. Tem 1,62 m de altura e cabelo preto. Peso? «*Há dois meses pesava 49 quilos*» — diz-nos. E, acrescenta:

— *Gostava imenso de ir a Espanha. Seria a minha segunda grande viagem.*

— Segunda?

— *Exacto. Estive dois anos em Luanda, como cabeleireira.*

Maria São José é uma rapariga esbelta, de porte bastante elegante.

— *Ganho quatrocentos e cinquenta escudos por semana e gasto o mínimo em vestuário. Mas, realmente, tenho bom gosto.*

— Se for a Espanha, que recordação trará?

— *Para oferecer? Uma coisa qualquer, bonita, para ficar durante a vida.*

E lá foi, a correr, para o trabalho.

«Ele é esquisito...»

— *Não tenho dinheiro, nem «toilettes» luxuosas, sou uma mulher cheia de complexos: se for a Espanha, como vou apresentar-me?*

A «coisa» é curiosa. Mavilde dos Anjos Reis (nascida a 13 de Dezembro de 1947, em Moura) concorreu ao título de «Maja de Portugal-1969» sem bem saber porquê. («*Talvez porque nunca saí de Portugal e esta oportunidade de conhecer outras terras cata como sopa no mel*» — diz-nos). E, acrescenta:

— *O prémio é tão simpático...*

Mavilde (1,60 m de altura e 58 quilos de peso) é órfã e está há oito anos em Lisboa, para onde veio logo após completar a quarta classe. Vive sòzinha, mas namora.

— *O meu noivo não sabe que eu estou nesta luta... Vamos a ver se consigo encobrir-lhe a minha inscrição até à última hora.*

— Que sabe de Goya?

— *Eu?* — responde Mavilde. — *Sei que fazia quadros e mais não sei o quê... Vou pouco a exposições de pintura: só tenho visto trabalhos de portugueses, ali no S. N. I.*

Acrescenta, rápidamente:

— *Mas ele (Goya) é um pintor com bastante nível.*

Mavilde estuda: à noite frequenta uma escola, na Rua Morais Soares. «*Quero aprender línguas, o que é sempre muito útil*» — esclarece. Empregada no comércio, ganha um conto de réis por mês e não tem ideias de casar tão cedo.

— «*Ele*» *é muito esquisito...*

(Tem olhos e cabelos castanhos. E um nome quase exclusivo. Isso mesmo: Mavilde).

Peter O'Toole — uma «tara»...

Maria de Lurdes Oliveira Barata completou vinte anos de idade, no passado dia 26. Até há pouco empregava-se num organismo corporativo; presentemente, trabalha numa empresa editorial.

— *Gostava muito de conhecer a Espanha. Conhecer bem. Só uma vez passei a fronteira: estive, em Junho, em Badajoz. Agora, a oportunidade seria uma maravilha...*

Maria de Lurdes nasceu em Lisboa. Pesa 54 quilos e mede 1,58 de altura. Tem irmãos: uma rapariga (13 anos) e um rapaz (18 anos).

Vai muitas vezes ao cinema: — *O Peter O'Toole é uma «tara»...*

Mais preferências de Lurdes Barata: canções na voz de Rui de Mascarenhas («*não há nenhum como ele*» diz) e de Simone de Oliveira («*uma rapariga que é triste, muito triste, mas canta muito bem*» — comenta).

No emprego anterior, Maria de Lurdes Oliveira Barata ganhava 1800 escudos mensais. Gastos maiores: no cabeleireiro. («*Duas vezes por semana, no mínimo, vou arranjar o cabelo ao salão «Suzibela», à Maria de Lurdes*»).

Maria de Lurdes Barata é benfiquista. Já esteve noiva de um amigo de José Águas. Agora, esperançada em triunfar no concurso e sem compromissos sentimentais, mantém-se em estado de euforia.

— *Ai! Era tão bom...*

De cabelos castanhos claros, Maria de Lurdes (tímida, recatada) virou costas e desandou. À espera.

Maria de Lurdes Oliveira Barata: estudou inglês e (actualmente) vende livros

«Quero dar a volta ao Mundo»

É estenodactilógrafa, nasceu a 24 de Novembro de 1950 (em Lisboa), trabalha numa firma da Avenida de Roma e chama-se Ana Maria Lourenço Marques.

— *Em casa de umas pessoas amigas, já vi um quadro de Goya: «Las Niñas».*

Ana Maria tem inclinação poética:

— *Adoro Florbela Espanca.*

E começa a recitar trechos de «Rústica» ou de «As árvores do Alentejo». Depois, diz-nos:

— *Também gosto de cinema. De cinema na generalidade...*

Tem 1,58 de altura, cinco quilos de peso, cabelos castanhos, olhos quase pretos e pernas esguias. Ganha três contos de réis por mês (*«trabalho há dois anos»*) e possui o curso da Escola Lusitânia.

— *Foi um colega de emprego quem me escreveu. Eu nem sabia de nada...*

Com efeito, quem preencheu o cupão-candidatura de Ana Maria foi Joaquim Filipe Pereira, («representante em Lisboa do «Diário da Madeira» e colaborador de muitas publicações estrangeiras»). Ana Maria: uma rapariga extrordinàriamente alegre, sem problemas na vida.

— *Pois, pois. Escreva isso mesmo. Se eu pudesse, ia dar a volta ao Mundo.*

NEVES DE SOUSA

Desordem entre vizinhos com muita pancada e tiros à mistura

Foi na Quinta da Musgueira, na madrugada de hoje. O sr. José Ilídio Fernandes Morais, de 36 anos, casado, canalizador, natural de Lisboa, e ali residente, na Rua B n.º 13, queixou-se, na esquadra da P. S. P. daquela área, contra o sr. Manuel Rodrigues de Matos, barbeiro de profissão, e sua mulher sr.ª Maria José de Oliveira Lopes de Matos, também ali residentes, no n.º 15, acusando-os de, junto da sua residência, por motivos fúteis e após troca de palavras e discussão o terem agredido com um pau do que resultou ter o queixoso ficado com escoriações no rosto. Recebeu tratamento no Hospital de Santa Maria, após o que recolheu a casa.

Por seu lado, aquele casal apresentou queixa contra o mesmo sr. José Ilídio Fernandes Morais acusando-o de, igualmente, o ter insultado e agredido.

A juntar a esta «batalha de palavras e obras» entre vizinhança, outro vizinho, o sr. Carlos Alberto de Almeida, de 32 anos, casado, caixeiro de vendas e residente no prédio n.º 16, daquela Rua B, na Quinta da Musgueira, disparou, na altura da desavença, quatro tiros para o ar, procurando assim, segundo declarou, chamar a atenção da P. S. P. para a contenda. Os disparos foram produzidos pela pistola com o n.º 561 635, marca «Ceska», calibre G. 35, da propriedade daquele, que possui, aliás, a necessária licença de uso e porte de arma. A pistola foi-lhe apreendida.

LINTAS
PUBLICIDADE
INTERNACIONAL

LINTAS — Agência Internacional de Publicidade, Lda.
com 26 associadas em todo o mundo

PROCURA

PESSOAL CRIATIVO PARA TV./CINEMA
PARA MAQUETTE
PARA REDACÇÃO

Responda por mão própria a este jornal ao n.º 232 dando as razões porque um cargo deste género lhe interessa e ainda a sua idade, habilitações, experiência anterior e ordenado que pretende.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Diário do Alentejo», de Beja; «Jornal de Estarreja» e «A Voz da Serra», de Seia.

COMO CONTROLAR O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é preocupação quase vital de inúmeras pessoas. Que se pode fazer para controlar esse penoso processo? Em Tempo de Estrelheer, Selecções de Março apontam os factores capitais do programa e falam dos caminhos capazes de retardá-lo em condições óptimas. Não perca, pois, este sensacional artigo em Selecções de Março, numa distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Dunya, a noiva eterna».

PRODUÇÃO — Alemã.

INTÉRPRETES — Eva Bartok, Ivan Desny, Karlheinz Böhm, Walter Richt.

O filme ontem estreado no Odéon é uma despretensiosa adaptação de uma novela de Puschkin que já há umas décadas foi transposta para a tela, comovendo plateias e balcões. É com esse romantismo colorido, que teve a sua máxima expressão na série da «Sissi», que o cinema alemão nos habituou a estas transposições, cor-de-rosa ou não, sempre fastidiosas porém. Após uns anos de intervalo, em que os estúdios de Munique e de Berlim nos presentearam com maus filmes policiais, a adaptação da novela romântica volta a ser pretexto para os exercícios fílmicos alemães. Desta vez (regozijem-se pelo menos os que gostam de pequenas obras bem feitas e escorreitas) o romanticismo deu lugar a uma contenção dramática notável, o melodramatismo dos actores foi substituído por uma direcção profissionalmente conseguida, e, de tudo isto, resultou um filme que atinge por vezes uma qualidade plástica pouco vulgar e que consegue prender a atenção do espectador. Uma obra agradável, em suma.

S.

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

Karen Kay

VEDETA DA CANÇÃO E DA TV INGLESA

THE KAMAL'S

ORIGINAIS ACROBATAS E FANTASISTAS

ANA HORTENSE

PARIS JAZZ BALLET

UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA

JIRINA'S COMBO OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no snack-bar à 1.00h m/21 anos

No CINEMA às 17 e 21.30 h. (M. 17 anos)

A NOITE É PERVERSA

ABC

Tel. 366745 (Adultos)

JOSÉ MIGUEL APRESENTA

As 20.45 e 23 H.

IVONE SILVA — NICOLAU BREYNER — HENRIQUETA MAYA — JOSÉ DE CASTRO — NATALINA JOSÉ e TONY DE MATOS

NA REVISTA

Elas é que sabem

TEATRO CAPITÓLIO

Tel. 320879

HOJE, AS 21.45 H.

a peça de S. Mrozek

«TANGO»

M/ 17 anos

Sábado e Domingo — Tarde às 16 horas

A seguir: O original português de Jaime Salazar Sampaio «OS VISIGODOS»

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM:

2.ª SEMANA

O GRANDE MESTRE do CRIME

Thomas Crown Affair

FILME APAIXONANTE DIRIGIDO POR NORMAN JENISON

com

Steve McQueen

Faye Dunaway

num

Conflito Irresistível

entre ambição e sexo

(ADULTOS)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

RESTAURANTE TÍPICO

A SEVERA

FECHA À 3.ª FEIRA

PARA DESCANSO DO SEU PESSOAL E ARTÍSTICO

DORIS DAY...

... DESAFIA... AMEAÇA... ... E... CUMPRE...

— HAVERÁ POR AÍ ALGUM VALENTE QUE SE QUEIRA BATER COMIGO?

PROCURE-ME NO

RANCHO DA INJUSTIÇA

(BALLAD OF JOSIE)

ONDE ESTOU PRONTA A DEFENDER OS DIREITOS DAS MULHERES... MESMO QUE ELAS NÃO TENHAM DIREITOS...

VÃO VER NO

2.ª SEMANA

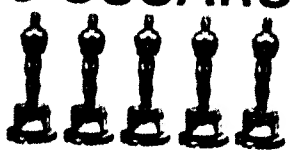
POLITEAMA

ESTA DELICIOSA COMÉDIA TECHNICOLOR MAIORES DE 12 ANOS

UNIVERSAL — FILMES LUSOMUNDO

ELIZABETH TAYLOR
RICHARD BURTON

5 OSCARS



MELHOR ACTRIZ
MELHOR ACTRIZ SECUNDARIA
MELHOR REALIZAÇÃO
MELHOR ADAPTAÇÃO
MELHOR GUARDA-ROUPA

VINTE ANOS DE ILUSÕES E FRUSTRAÇÕES REVELADAS NUMA NOITE EM QUE SE PÕE A NU A VIDA INTIMA DE DOIS CASAIS!

PRODUÇÃO DE ERNEST LEHMAN
DA OBRA DE EDWARD ALBEE

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

M/ 17 anos
VERSÃO INTEGRAL

COM
GEORGE SEGAL · SANDY DENNIS
ARGUMENTO: ERNEST LEHMAN
REALIZAÇÃO: MIKE NICHOLS
MÚSICA DE Alex North
WARNER BROS - SEV
ASTORIA FILMES

Amanhã estreia nos cinemas SÃO LUIZ ALVALADE

Exclusivo e, como tal, não será exibido noutra sala de Lisboa antes de Outubro

CINECLUBE IMAGEM

Hoje, ás 18 e 40; h., no Jardim Cinema o Cineclube Imagem exibe o filme de Carlos Saura «A carga dos rebeldes». Aceitam-se novos sócios á entrada da sessão.

NOS PALCOS DO MUNDO

■ *No «Teatro do Montepio», em Madrid, vão ser apresentadas ao público três peças do dramaturgo norte-americano Tennessee Williams: «O grande adeus», «O mais estranho idílio» e «Fala-me com a chuva».*

■ *O dramaturgo Jean Merois, referindo-se á sua nova peça «Ombre et Soleil», em cena no Teatro-Estúdio, de Paris, afirmou que já há vinte anos tratara um tema idêntico: o desprezo pelo amor e pela vida e o culto da morte.*

■ *Está para breve a estreia da comédia dramática de Emílio Romero «Só Deus pode julgar-me», em que intervirão os actores Vicente Parra, Armando Calvo, Maria Luísa Ponte, Encarnita Paso e Luísa Maria Payon.*

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET

ADULTOS

HOJE: 2 sessões, ás 21 e 23 h.

EM 4.º MÊS DE ÊXITO POPULAR

A PREGUIÇA

com

RAUL SOLNADO

(Uma comédia que todas as noites é aplaudida)

FERNANDA BORSATTI (a mãe) — ALINA VAZ (a mulher) — MÁRIO JACQUES (Relações humanas) — ANTÓNIO MONTEZ (o colega) — DAVID SILVA (o patrão)

(e... o preguiçoso)

RIR RIR

Badaró

ESTREIA 3.ª-FEIRA NO MARIA VITÓRIA

UM ÚNICO ACTOR EM CENA... UM MUNDO DE GARGALHADAS 6 ÚNICOS DIAS

O MUNDO ALEGRE DE BADARÓ

M/ 12 ANOS

ÀS 21.45

MÚSICA POR THILO'S COMBO

RIR RIR RIR

DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SIVA ROSA.

ELES TRIUNFARAM!

CARROLL BAKER · JEAN SOREL

O DOCE CORPO DE DEBORAH

VIVENDO PELA PRIMEIRA VEZ JUNTOS UMA ESTRANHA, INQUIETANTE E DIABÓLICA HISTÓRIA DE AMOR

No FASCINANTE CENÁRIO da RIVIERA FRANCESA

3.ª SEMANA!

CROMOSCOPE COLORIDO
FILMES LUSOMUNDO
MAIORES DE 17 ANOS

OUTRO GRANDE ÊXITO DO CINEMA MUNDIAL

TEATRO T. 555133

MONUMENTAL

6.ª Semana

HOJE, ÀS 21.45 H. (Maiores 17 anos)
2.º MÊS
A farsa de CLAUDE MAGNIER
tradução de Marina de Morais

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Aldo Pinto, Alice Caria
Encenação de SANTOS CARVALHO

SÁBADO, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde às 16 h.
ULTIMOS DIAS

TEATRO LAURA ALVES

— T. 864756 —
(ADULTOS)

Hoje não há espectáculo
Descanso da Companhia
Amanhã, às 21.45 h.

O JOVEM MENTIROSO

com BRUNILDE JUDICE, RUI DE CARVALHO, Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo, Benjamim Falcão e o par-revelação Guido Maria e Vasco Morgado Jor.
Encenação de JACINTO RAMOS

SÁBADO, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde, às 16 h.
ULTIMOS DIAS

RESTAURANTE TÍPICO

A SEVERA

FECHA A 5.ª FEIRA
PARA DESCANSO DO SEU PESSOAL E ARTÍSTICO

TIVOLI NO DIA 18 DE MARÇO ás 18.30

RECITAL PELO P. RAMÓN CUE

Autor do «Mi Cristo Roto» e Frei Hermano da Camara em fados. A favor do Centro Social da Mangueira.

BILHETES À VENDA (Maiores de 12 anos)

ora diga-nos...

— Já foi roubado alguma vez?

Os jornais regurgitam de notícias de roubos e congéneres (congéneres especialmente). Agora que se fala tanto de festivais da canção, Ajax (salve seja!) descongestionemos, voltando ao rouboxito descontraído, prato forte da Imprensa factológica tradicional que tem sido sempre a nossa.

● *O jovem Jorge Manuel da Costa Gomes, paquete da delegação lisboeta do «Norte Desportivo», disse-nos:*

— Não. Só na escola...
— Na escola?
— Sim, é natural. Na nossa idade roubam-se com facilidade borrachas, apara-lápis, canetas. É natural.
— Portanto, também tirou coisas?
— Que remédio! Se me tiravam, tinha que fazer o mesmo.

● *O sr. José Manuel Martins Galinha, funcionário de seguros, foi o nosso segundo inquirido. Contestou-nos:*

— Não, nunca.
— Nem viu ninguém roubar nada a outrem?
— Não, nem isso.
— Nem ouviu falar?
— Sim, de roubos de automóveis.
— Porque é que haverá tantos roubos?
— Roubam para vender as coisas. Há por aí tanta necessidade... Sim, acho que os que

roubam, poderiam conseguir emprego, se quisessem ou gostassem de trabalhar.

● *Outro funcionário de seguros, o sr. José Manuel Graça, retrucou-nos:*

— Não. Por sorte, creio eu. Não tenho precauções especiais.
— O que motivará os ladrões?
— A ambição, talvez.
— Uma tentativa fácil de singrar...
— Não, porque normalmente os ladrões não singram... A não ser os dos desvios, mas isso é outro género de roubos.
— Se pertencesse à Polícia, que medidas tomaria para que os roubos diminuíssem?
— Não consigo pôr-me na pele da Polícia.

LINTAS
PUBLICIDADE
INTERNACIONAL

procura

CHEFE DE ESTÚDIO GRÁFICO

Com boas qualidades de chefia e habilitado em todos os aspectos técnicos da produção e montagem de documentos definitivos, desde a verificação de qualidade de composição e letragem até ao retoque de fotografia.

Responda a este jornal ao n.º 233 indicando idade, habilitações, prática e ordenado que pretende.

Se necessário, o candidato poderá vir a ser enviado em estágio ao estrangeiro para completar conhecimentos.

Artes plásticas

Carlos Ramos expõe na S. N. B. A.

Carlos Ramos, o paisagista enamorado da terra portuguesa, todos os anos desce da sua Coimbra, e mais precisamente do Calhabé, a Lisboa para apresentar os últimos trabalhos do seu pincel.

Apresenta-se em Coimbra nos começos do ano, vem a Lisboa semanas depois, em geral ao despontar da Primavera.

Cá o teremos, em duas das saletas de entrada da S. N. B. A., no próximo sábado, ás 15 horas. Inaugura nesse dia a exposição que ficará aberta até ao dia 24.

O aguarelista José Rodrigues no Museu de Setúbal

Com o patrocínio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, inaugura-se no sábado, numa das salas do Museu de Setúbal, nova exposição de trabalhos do aguarelista José Rodrigues, cujo nome ultrapassou as nossas fronteiras.

O tema desta nova colecção é a Península do Sado e ao acto inaugural presidirá o chefe do distrito de Setúbal. O escritor e crítico de arte dr. J. M. Boavida-Portugal proferirá algumas palavras de apresentação desta nova galeria de aguarelas.

A exposição abre ás 17 horas

LIVROS NOVOS

MARIA CANDELÁRIA

«80 POEMAS SOBRE MOTIVOS DE FERNANDO PESSOA» por MARIA CANDELÁRIA

Trata-se de uma curiosa experiência poética o livro que, em edição do autor, Maria Candelária fez dar à estampa. Glosa, em jeito confessional e intimista onde impera uma sofrida sensibilidade e um coração vibrátil às grandezas e misérias da comédia humana, algumas passagens de Fernando Pessoa (ele próprio) e dos seus heterónimos.

Conforme a autora informa nas «Palavras de Abertura» do livro, essa associação deve-se a vários factores, uns de natureza pessoal, outros reflexo do «encontro tardio» com a obra maior do poeta e consequente preito de admiração e homenagem — esta embora «pequena e pobre».

De factura irregular e um tanto ao sabor da circunstância emotiva (o coração sobrelevando a vigilância crítica: «O coração foi sempre a minha arma/Demasiadamente» — poema LXX), os poemas de Maria Candelária não deixam por isso de acusar uma certa lucidez introspectiva (patente, por exemplo, no poema VI, em que a autora ironiza o seu «burguesismo») paralelamente a uma constante preocupação humanística, às ilusões e mentiras, aos exageros e baixas comédias de um tipo de civilização que recusa a Paz, a sensibilidade e o primado do amor: «Se (a luta) fosse a do amor/Não era convulsa/A face do mundo» — poema XXVIII.

Estamos longe do diapasão em que vibrou a poética de Pessoa, mas o livro de Maria Candelária impõe, sem dúvida, um tom lírico feito de comovida sinceridade.

O resgate urgente da concessão à Carris de Ferro de Lisboa defendido na Assembleia Nacional

O deputado por Lisboa, dr. Miguel Pinto de Meneses, usando ontem à tarde da palavra na Assembleia Nacional, ocupou-se do problema dos transportes colectivos da capital, criticando a forma como se procedeu ao aumento das tarifas da Carris de Ferro de Lisboa — como noticiámos na nossa edição da noite.

Aquele parlamentar, «impressionado com a questão do aumento tarifário», requereu a 14 de Janeiro, às entidades competentes, os elementos que julgou necessários ao ministro das Comunicações e ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa. De posse dos elementos do processo, o dr. Pinto de Meneses preparou um estudo desenvolvido da forma como o caso se processou, de que leu apenas as conclusões, mas que será publicado na íntegra no «Diário das Sessões».

Os motivos da recusa da Câmara em aceitar os aumentos

Eis, seguidamente, o texto das conclusões do deputado Pinto de Meneses:

«A Câmara Municipal de Lisboa nesta questão recusou-se sempre a aceitar os pedidos da Carris, ao passo que o Ministério procedeu de outra forma.

Qual a razão desta diferença de atitudes? Por que é que a Câmara não aceitou as propostas de aumento de tarifas, e as aceitou o Ministério?

A razão está em que as duas entidades partiram de bases diferentes, e assim necessàriamente, tinhm que ser diferentes os caminhos e os termos finais.

A Câmara baseou-se, para as suas deliberações, no relatório da Comissão de Peritos nomeada pelo ministro das Comunicações em 23 de Julho de 1968, e o Ministério partiu, para a sua decisão, do relatório do Delegado do Governo junto da Carris. Ora, realmente, partindo do relatório da Comissão de Peritos, era difícil tirar uma deliberação de todo favorável à Carris, visto que as conclusões desse relatório alimentavam as dúvidas da Câmara sobre a exactidão dos aumentos tarifários que a Companhia propunha ou pedia; pelo contrário, partindo do relatório do Delegado do Governo era difícil não tirar uma conclusão favorável ao pedido da Carris, e daí as decisões do ministro das Comunicações e da Comissão Arbitral».

O aumento autorizado foi o dobro do que seria lógico

O deputado, prosseguindo, afirmou:

«Todavia, seria possível, mesmo seguindo os trilhos indicados pelo relatório do Delegado do Governo, chegar a outra solução? Acho que sim.

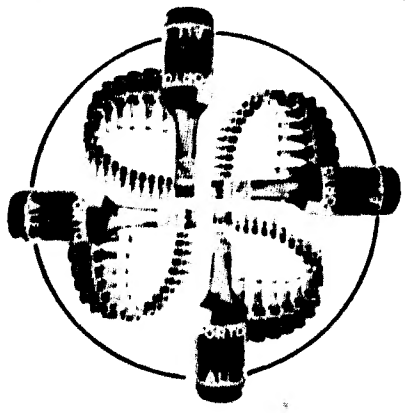
Diz-se nesse relatório que, para se estabelecer um esquema tarifário, é preciso o conhecimento, tanto quanto possível exacto, dos encargos de exploração conjugado com uma previsão cuidadosa do tráfego. De facto, é necessário calcular o número de passageiros para se poder fixar um preço ao transporte e assim obter as receitas indispensáveis à vida da empresa.

Neste caso da Carris, foi feita essa previsão do tráfego, e pode dizer-se que é nela que reside quase toda a delicadeza do problema. No relatório indica-se que, a manterem-se os preços antigos, o número de passageiros nos eléctricos seria de 177,4 milhões e nos autocarros 204 milhões; mas prevê-se que, com as novas tarifas, aqueles números desçam, nos eléctricos, de 177,4 milhões para 160 milhões, e nos autocarros de 204 milhões para 192 milhões. Estas quebras estimou-as o técnico responsável com base na experiência da própria Carris, quando dos aumentos de 1962 e 1967 nos eléctricos, e ainda com base numa fórmula citada na «Revue» n.º 2/1968 da U. I. T. P. (New York City Transit Authority). Simplesmente, o que é que se verifica? Verifica-se que, nos anos apontados de 1962 e 1967, em que houve aumentos de tarifas dos eléctricos, o número de passageiros aumentou consideràvelmente, passando de 128,4 milhões em 1961 para 137,7 milhões em 1962 e para 147,1 milhões em 1963, e de 178 milhões em 1966 para 185,7 em 1967. Como nos autocarros (em que não houve então agravamento de tarifas) se deu um aumento ainda maior de passageiros, custa a aceitar a hipótese pessimista da retracção ou quebra do tráfego pelo menos nas proporções indicadas no relatório.

E que ilação se pode tirar desta previsão menos pessimista? A ilação que se pode tirar é só esta: se o número de passageiros se mantiver equivalente ao previsto para os preços antigos, a Carris registará uma receita bastante superior à orçamentada no relatório, e, assim, para seu equilíbrio orçamental em 1969 ela careceria de uma verba bastante inferior aos 113 000 contos, que é a quanto montam os novos encargos. Por consequência, a elevação das tarifas ter-se-ia situado talvez em metade ou pouco mais do aumento que sofreram, isto é, em vez de atingir a média geral de 30 %, ficaria pelos 15 ou 20 %, percentagens de agravamento menos impressionantes, porque mais condizentes com as restantes flechas da subida do custo de vida. E esta é para mim a conclusão máxima.

O sr. ministro das Comunicações teve a percepção nítida desta hipótese menos pessimista, pois, por um lado, acautelou no seu despacho que os saldos, eventualmente resultantes do aumento tarifário, devem ser aplicados em benefício do pessoal ou de reequipamento, e, por outro, previu no seu comunicado de 10 de Janeiro último um possível abaixamento de tarifas. Diga-se desde já que esta segunda solução é a que se me afigura mais justa, pois os «superavits» obtidos do público, uma vez satisfeitos os benefícios salariais que originaram toda esta questão, devem reverter em benefício do próprio público, e o reequipamento fazer-se à custa de outros recursos.

É com esta esperança que termino a minha intervenção, acrescentando ainda que sou dos que defendem o resgate, o mais urgente possível, da concessão. Faltam 18 anos para o termo do contrato, e Lisboa não pode esperar tanto tempo por uma reorganização dos transportes colectivos à altura da sua categoria e do nosso tempo.»



NOS 4 CANTOS DO MUNDO
quem realmente aprecia Vinho do Porto prefere

PORTO CÁLEM

CÁLEM VELHO
VIDA NOVA

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO PARA DESCANSO DA COMPANHIA
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto na protagonista
SÁBADO, tarde às 16 h.

CINEMA NO
COLISEU
Hoje, às 21 e 15 (M/ 12)
O grandioso programa duplo:
«Atenas»
e «Amar e Comidas»
com Elvis Presley e Nancy Sinatra

CLUBE DE CAMPISMO DE LISBOA

Integrado no seu programa de actividades culturais, o Clube de Campismo de Lisboa inaugurou na sua sede, uma exposição de gravuras, patrocinada pela Gravura — Cooperativa dos Gravadores Portugueses.

Nesta exposição, patente aos sócios das 21 ás 24 horas, estão documentados os vários estilos artísticos e sistemas de gravação, com obras dos autores mais consagrados.

A exposição fecha no dia 28, e com ela encerra-se o ciclo cultural com uma palestra pelo sr capitão Celestino Marques Pereira, que falará sobre «Campismo nos seus aspectos desportivo e educacional».

Durante este ciclo, haverá outras manifestações culturais

FILMES SOBRE TAPEÇARIA FRANCESA NA S. N. B. A.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, decorre hoje, ás 21 e 45, uma sessão em que serão exibidas curtas metragens sobre tapeçaria francesa antiga e moderna. A entrada é livre

Protecção de menores no Ultramar português

Por portaria do Ministério do Ultramar foi tornada extensiva ás províncias ultramarinas portuguesas a Convenção Relativa á Competência das Autoridades e á Lei Aplicável em Matéria de Protecção de Menores, concluída em Haia em 5 de Outubro de 1961.

Pupilos do Exército

Amanhã, ás 21 e 30, na Associação dos Pupilos do Exército, reune-se a respectiva assembleia geral, para eleição dos novos corpos gerentes.

ESCAPE — ASSISTÊNCIA AUTOMÓVEL PERMANENTE, S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Extraordinária para reunir no dia 31 de Março de 1969, pelas 18 horas, na sua sede social, R. Castilho, 72-A, em Lisboa, com a seguinte ordem do dia:

Eleição de um membro do Conselho Fiscal e de um Secretário da Mesa da Assembleia Geral.

Lisboa, 10 de Março de 1969

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

Dr. Carlos da Camara Pinto Coelho

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Pedro Manuel de Nóbrega 10-B

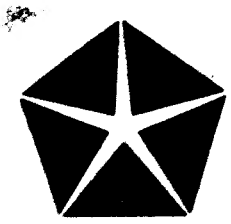
Telefone: 72 76 54 72 49 75

LISBOA

Examine bem o Simca 1100.

Examine bem os concorrentes.

E que vença o melhor.



SIMCA PORTUGUESA

Avenida de Roma, nº 15b - LISBOA

E SEUS CONCESSIONÁRIOS DISTRITAIS

Há mais de 30 horas que chove sem parar pràticamente em todo o Continente

Lisboa ficou e continua literalmente encharcada com a chuva que há mais de trinta horas cai quase sem cessar, e por vezes torrencialmente, sobre a cidade e os arredores. Há 48 anos que não havia tanta precipitação no mês de Março: 75,4 milímetros de chuva durante o dia de ontem e 32,3 mm. durante toda a madrugada e manhã de hoje, causaram perturbações de toda a ordem na vida da capital. Os bombeiros, que não pararam um minuto só, tendo atendido centenas de chamadas, acudindo a casas inundadas, chaminés, empenas e muros a ruir, prédios em precárias condições. Na Quinta de Alpoim, onde um casal morador na Azinhaga das Teresinhas morreu de noite, soterrado por um aluimento de terras, os seus moradores continuam a viver horas dramáticas, e na Brandoa há quem receie pela segurança de alguns prédios, dado haver fendas num deles em que habitam seis famílias.

Na Linda-a-Velha também uma casa ruiu e três se encontram ameaçadas, e a situação é também de certa gravidade no Dafundo, onde os aluimentos provocaram muitos estragos e o trânsito está interrompido.

Com efeito, desde 1921 até agora a maior quantidade de precipitação em Lisboa, no mês de Março, tinha-se verificado em 5 de Março de 1947: 69.8 milímetros. A quantidade normal de chuva para o período de 11 a 20 de Março era de 31,9 mm — e, como dissemos, só no dia de ontem caíram 75,4 mm e esta madrugada e manhã, até ao meio-dia, 32,3 mm. A precipitação de ontem foi, por períodos de seis horas, a seguinte: das 0 às 6 — 0,6 mm; das 6 às 12 — 8,6 mm; das 12 às 18 — 31,2 mm; das 18 às 24 — 35 mm. Esta madrugada das 0 às 6 horas caíram 19,6 mm e das 6 ao meio-dia 12,7 mm, segundo informação que colhemos junto do Serviço Meteorológico Nacional.

Em consequência da precipitação os Sapadores Bombeiros, que ontem tiveram de atender mais de 350 chamadas, continuaram esta manhã a ser ininterruptamente solicitados para socorrer casas inundadas e chaminés, empenas e muros a ruir. Além disso os proprietários de alguns prédios mais afectados pelo sismo de 28 de Fevereiro temeram quaisquer consequências mais graves, e por isso pediram a comparência dos B. S. B. Na Rua do Cimo do Quelhas, por exemplo, ruiu um muro com 25 metros e na Rua do Arco do Carvalhão a empena de um prédio. As perturbações no trânsito, provocadas pelas inundações, fizeram-se sentir em diversos locais da cidade, em especial nos que já habitualmente costumam ser mais afectados pelas cheias.

Desolação na Quinta do Alpoim, onde um casal morreu soterrado

Reina a desolação no aglomerado de humildes moradias de madeira da Quinta do Valpoim, onde um casal encontrou, ontem, à noite, a morte sob as terras de uma barreira que se abateu sobre a sua habitação, surpreendendo-os em pleno sono, e poupando três crianças que dormiam a pouca distância.

Os mortos são José Maria Cação de Oliveira, de 40 anos, e a sua companheira, Maria de Lurdes Marques Pinto, de 35 anos. As crianças são António Luís, de seis anos, Ana Maria, de três, e Angelina, de quatro. Apenas a última ficou ferida num joelho, sendo todas salvas no último instante pelo sr. Sebastião Inácio Tomé, de 36 anos, carpinteiro, que passava no local e correu a recolhê-las.

Em Linda-a-Velha: uma casa destruída e outras três em perigo

Elementos da corporação de bombeiros de Carnaxide voltaram esta manhã a Linda-a-Velha, onde uma vivenda ruiu, tendo-se salvo o proprietário e locatário, e outras três se encontram ameaçadas, tendo sido abandonadas pelos respectivos moradores.

Da casa que ruiu (a «Vivenda Antunes», pertencente ao sr. Manuel Antunes, de 66 anos) nada resta senão destroços, numa amálgama de pedras e terra revolvida. Os locatários das três vivendas em perigo, srs. José Manuel Antunes, António Figueiredo e Albano Camelo, procuraram, também, refúgio em casa de familiares.

Particularmente dura foi também a sorte que ao sr. Carlos Ferreira Dias coube: a derrocada de um estábulo, na Quinta das Conchinhas, em Chelas, fez-lhe perder vinte cabeças de gado que ali tinha guardadas.

Aluiram terras na encosta do Vale Escuro

Aluiu esta manhã na Rua Lopes parte dos quintais dos prédios n.os 65 e 67, de que são inquilinas as sr.as D. Antonieta Santos e D. Guilhermina Pires Duarte. Não há desastres pessoais, dado que apenas foram atingidos pombais e galinheiros. No entanto, apesar da aparente insignificância do acontecimento, o facto é merecedor da maior atenção por parte das entidades competentes, dada a existência de casas e barracas na encosta da Quinta dos Peixinhos sobre a qual aluiram as terras depois de romperem o muro de protecção.

Caiu uma casa em Pinhal Novo

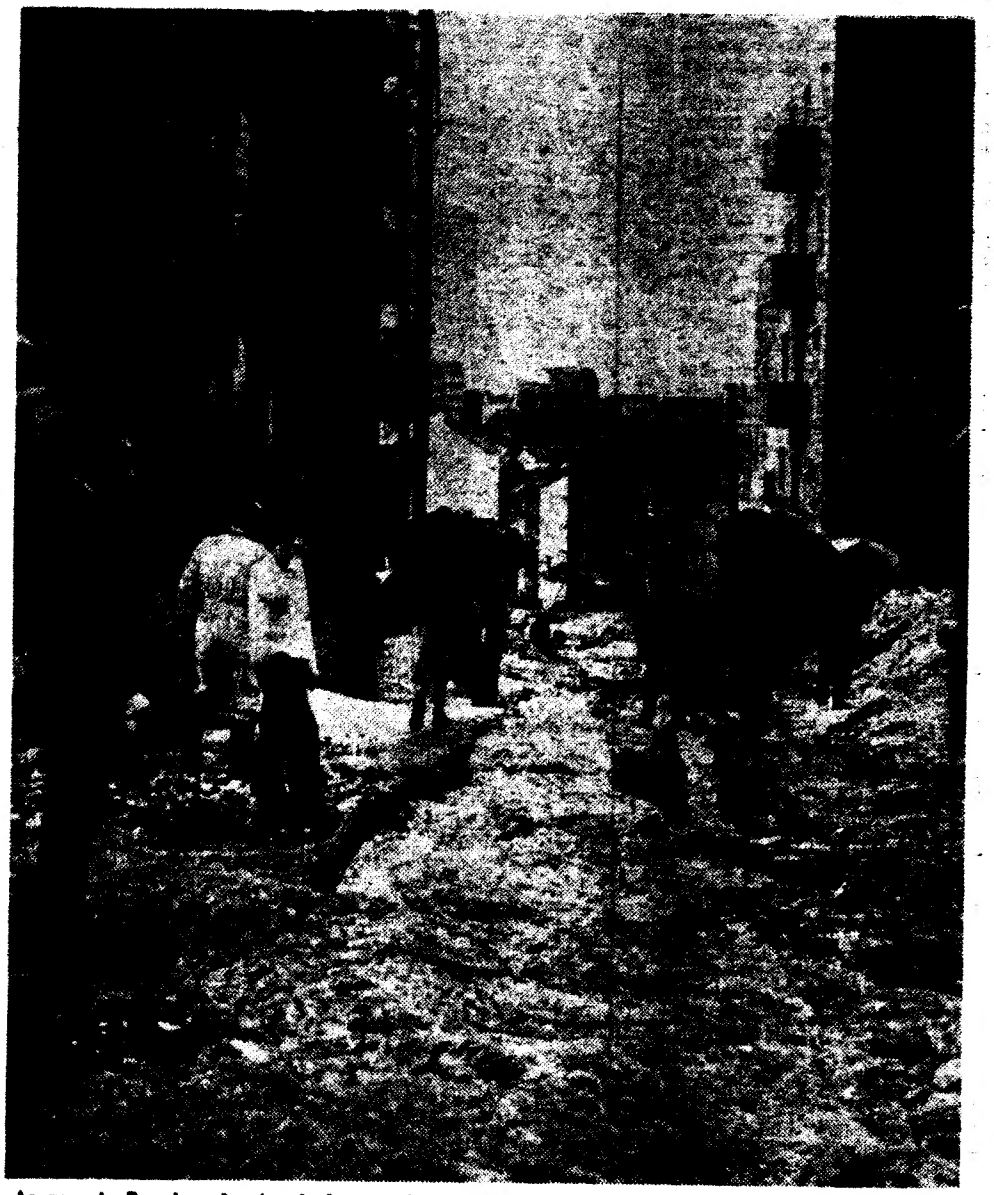
PINHAL NOVO, 13 — Esta manhã, cerca das 8 e 30, ruiu uma casa térrea na Rua 28 de Maio, n.º 12, desta vila, propriedade de Américo Cabrita, onde residia Eduardo Custódio, de 62 anos, ferroviário reformado.

Não houve desastres pessoais a lamentar, uma vez que o inquilino se encontra internado no Hospital do Desterro e a esposa dormia numa residência vizinha.

O prédio, que já ficara danificado em consequência do abalo sísmico de 28 de Fevereiro, não resistiu à infiltração das águas provocadas pela copiosa chuva que desde ontem fustiga esta localidade.

Trânsito interrompido

Está interrompido o trânsito na EN 9-2 no lugar de Codaçal entre Murgeira e Ponte de Gradil por motivo de dasabamento de terras



As ruas da Brandoa são rios de lama, cujo caudal, engrossado pelas chuvas, ameaça as «gaiolas» situadas em plano inferior

Crianças brincam indiferentes, na vala aberta junto ao prédio n.º 105 da Rua Principal da Brandoa

A situação na Brandoa

Na Brandoa, também as grandes chuvadas provocaram estragos, avolumando os receios da população que, todavia, parece resignada à sua sorte. Caminhando pelas ruas esventradas do já famoso bairro da cintura de Lisboa, pudemos verificar que das conversas tidas entre vizinhas, ou entre aqueles que se dirigem para os locais em que ganham a vida, nem uma escapava ao mote obrigatório: o perigo que se agiganta à medida que a água cai e aumenta o rol de fendas abertas nos prédios erguidos aqui e acolá, ao sabor da improvisação.

Pela Rua Principal acima era, esta manhã, uma romaria de curiosos que só se detinham quase ao alto, a contemplar os estragos trazidos pela chuva ao passeio fronteiro ao prédio n.º 105.

— *É clandestino, este bairro? Olhe para aquele prédio de sete andares: pode ter sido construído numa noite?* — perguntava, de passagem, um homem novo, de barba crescida de três dias.

No prédio ontem atingido não está quase ninguém: a debandada foi para a Câmara de Oeiras, aonde se dirigiram quase todos os inquilinos.

— *Só cá fiquei eu e a vizinha do rés-do-chão* — diz Maria das Dores, de 16 anos, filha dos locatários do 2.º andar direito, onde chove abundantemente, devido às obras de construção de um sótão suplementar no prédio (que já tem dois anos).

— *O meu irmão mais novo, de nove meses, está há um mês no hospital* — conta. — *A minha mãe foi dar com ele enxarcadinho no berço. Foi uma vizinha do 1.º andar quem o embrulhou num cobertor. Está no Hospital da Estefânia...*

— Quanto pagam de renda?

— *Pagamos 600 escudos, o que eu ganho. O meu pai é reformado e eu sou a única que ganha para a casa.*

Não se sabe como, no momento em que aluiu o passeio, caiu, no 2.º andar, um pesado armário com loiça. A jovem Maria das Dores olha o esqueleto do armário vazio e não tem comentários.

— *Só sei é que o meu pai, que não pode sair de casa, doente como está, foi lá para fora por ter medo que isto caia* — conclui.

Cá fora, as opiniões dividem-se:

— *Isto não cai.*

— *Ali para baixo é que é pior.*

— *A culpa não é dos senhorios.*

Em toda a gente há uma estranha resignação.

CORUCHE INUNDADA

CORUCHE, 13 — O rio Sorraia subiu assustadoramente e com grande rapidez, havendo zonas desta vila onde a água já atinge de meio a um metro de altura. Já não se pode passear para muitas casas, assim como estão cortados os acessos a algumas zonas, enquanto na parte ribeirinha a população defende as suas casas. Entretanto, as perspectivas são más, dado que parece verificar-se a tendência para o nível das águas subir rápidamente.

GALVEIAS

✝

CORONEL

VIRGÍLIO GARCIA GODINHO BARATA

FALECEU

Maria Graciana Veiga Ferrão Braga, Lobelia Godinho Braga Barradas de Carvalho e marido, Asdrubal Garcia Godinho Braga e mulher, José Garcia Godinho Braga e mulher, Cosme Godinho de Campos, Maria Ana Braga Teles Boudry de Carvalho, marido e filhos, Joaquim Manuel Godinho Braga Barradas de Carvalho, mulher e filhos, Maria de Lourdes Malheiro da Veiga Ferrão, filha e genro, Adília Ferrão Barbas de Albuquerque filhos, nora e genro, Maria Luísa Correia Teles Ferrão, Amílcar da Veiga Ferrão, mulher e filho, Amândio Ferrão, mulher e filhos, Ernesto Ferrão, mulher e filho e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido irmão, cunhado, tio e parente. Amanhã às 9 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde se encontra depositado será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para jazigo de família no Cemitério de Galveias.

AGÊNCIA BARATA

Campos inundados no Bombarral

BOMBARRAL, 13. — Devido às chuvas ininterruptas que têm caído, os campos encontram-se inundados, numa extensão de mais de dez quilómetros. Por tal motivo, a linha do caminho-de-ferro encontra-se interrompida entre Outeiro da Cabeça e S. Mamede. O transbordo é feito por camionetas da Empresa Claras, que não podem utilizar a estrada n.º 8 por esta se encontrar submersa. Assim o desvio é feito por Campeles, Moita dos Ferreiros e Bombarral e depois Bombarral, Azambujeira, Roliça e S. Mamede. Em vários locais deram-se desmoronamentos de terrenos.

A Rua Sacadura Cabral (que liga o Dafundo á Cruz Quebrada) continua vedada ao trânsito. O aluimento de terras da Mata do Dafundo poderá, no entanto, repetir-se se continuar a chover por muito tempo

CHUVA DE NORTE A SUL

Entre as 7 horas de ontem e as 7 horas de hoje, a precipitação de água no território continental foi a seguinte: Viana do Castelo — 33 mm; Vila Real — 78 mm; Bragança — 35 mm; Porto — 53 mm; Coimbra — 37 mm; Penhas Douradas — 68 mm; Lisboa — 95 mm; Portalegre—91 mm; Évora — 26 mm; Faro — 3 mm.

Aluimento de terras da Mata do Dafundo

As três famílias que habitam no prédio n.º 57 da Rua Sacadura Cabral (artéria que liga o Dafundo á Cruz Quebrada) não regressaram ainda ás suas casas, abandonadas cerca das duas da manhã, após um enorme aluimento de terras da Mata do Dafundo.

Ao fim da manhã de hoje, não se sabia ainda quando poderiam regressar, uma vez que a chuva continua pode provocar novos aluimentos.

A Mata do Dafundo é uma propriedade situada em nível muito mais elevado do que o da rua e servida por um muro de cerca de oito metros.

Já há anos, se verificou idêntico desprendimento na mesma propriedade, embora sem as proporções do de agora.

Os Bombeiros Voluntários do Dafundo, sob a direcção do seu comandante, sr. Manuel Parreira, acorreram ao local. O trânsito foi imediatamente cortado no Dafundo e as medidas tomadas — as unicas possíveis de momento — procuram apenas impedir prejuízos ou desastres pessoais provocados por novos aluimentos. E se estes se verificarem, é provável que mais prédios tenham de ser evacuados.

Quando a solução é de plástico

Sem duvida que é o desprendimento de terras um dos grandes perigos que se abatem sobre várias zonas da cidade, quando a chuva é mais intensa.

Esse perigo acentua-se em algumas zonas ainda incompletamente urbanizadas, como é a da Estrada do Desvio.

Concretamente: o aluimento de terras verificado há meses no Impasse entre a Estrada Militar e a Calçada de Carriche continua á espera de solução definitiva. E enquanto esta não chega, foi inventada uma solução provisória bem insólita: os bombeiros aplicaram sobre as terras desprendidas enormes peças de plástico (ai uns 50 metros de comprimento) por sua vez seguras com pedaços de madeira, não vá o vento levar a cobertura.

Acresce que poderá verificar-se mais um desprendimento de terras deste Impasse para a Calçada de Carriche, por deficiência de construção de um muro. Além do mais, os habitantes do Impasse não têm ainda telefones e apenas há luz eléctrica nas casas.

A situação dos moradores é de molde a inspirar desconfiança.

Agrava-se a situação no Ribatejo

SANTARÉM, 13—Volta a agravar-se a situação no Ribatejo, em virtude das chuvas abundantes que têm caído sobre a região. Ontem choveu durante todo o dia e toda a noite. O Tejo e os seus afluentes aumentaram de maneira assustadora, pelo que o Ribatejo se encontra ameaçado de novas inundações.

A estrada de Pombalinho a Vale de Figueira voltou de novo a ser galgada pelo rio Alviela, ficando ali interrompido o trânsito.

Segundo as últimas informações, as escalas higrométricas marcavam em Vila Velha de Rodão, às 6 horas, 5 metros e 15; às 9 horas, 6 metros. Na Barquinha, às 3 horas, 4 metros e 20, às 6 horas, 4 metros e 90, às 9 horas, 5 metros e 38. Em Santarém, às 6 horas, 4 metros e 30, às 9 horas, 4 metros e 76. A situação tende a agravar-se.

FRIGORÍFICOS

Fogões — Esquentadores — Televisores. Pequenos defeitos — Grandes descontos. Liquidação até 30 do corrente. Av. Almirante Reis, 91-A — Lisboa.

A SOLUÇÃO ESTÁ NA SUA MÃO!

Para qualquer empreendimento que implique a necessidade de ajuda financeira poderá encontrar uma solução nos folhetos do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais de que a sua conta

ECOS

A CHECOSLOVAQUIA não se rende — é o que pode deduzir-se, sem sombra de boa vontade, do artigo do *Le Monde* em que se anuncia o sétimo congresso dos sindicatos checos. Rúdic Praza considerou este congresso como «o mais democrático da história do movimento sindical revolucionário». Na resolução final deste conclave, que marca um importante momento histórico do nosso século, diz-se expressamente: «Sustentamos a política do partido comunista checoslovaco manifestado nas resoluções do comité central de Novembro e Dezembro, assim como o seu papel dirigente, único capaz de unificar os interesses das diferentes camadas da nossa sociedade»

★

OS sectores produtivos da economia francesa estão sendo sacrificados ao apoio dado pelo Governo a estruturas antiquadas, segundo se infere de números precisos fornecidos pelo «Le Monde», que declara ter o poder de compra dos operários franceses crescido apenas 30 a 35% de 1958 a 1968, quando em Itália, onde no momento da arrancada, o nível era inferior, se registou uma subida de 75%. Na análise feita no número de Março da «Expansion» a situação é considerada grave. Desde 1963, a parte da população francesa empregada na indústria deixou de crescer. Pelo seu lado, Pierre Uri homem do centro, que foi o arquitecto do Mercado Comum, encarregado pela Comissão de Bruxelas de levantar o quadro das forças e fraquezas dos seis países, forneceu ao «Express» a seguinte explicação: «De 1958 a 1968 a parte da indústria mecânica e química que integra o conjunto da produção industrial em França não progrediu no mesmo ritmo que se verificou noutros países evoluídos» Consequência lógica: o êxodo rural não encontra emprego na indústria e vai engrossar uma rede de distribuição já de si carregadíssima. Vale a pena, com todas as legítimas reservas, considerar ainda a importância desta afirmação de Pierre Uri: «A França necessita de um partido de trabalho capaz de conceber uma estratégia industrial, cujos frutos revertam a favor do bem-estar da classe operária». Essa classe tem obviamente os seus partidos mas a reflexão de Pierre Uri não deixa de confirmar a carência de um maior dinamismo e senso prático ou «estratégico»

O cinquentenário da obra literária de Assis Esperança

O escritor Assis Esperança

Na sessão de homenagem na Casa do Algarve (o escritor é natural de Faro) a Assis Esperança, celebrando o cinquentenário da sua brilhante carreira literária, foram postas em relevo a vigorosa personalidade e a obra do escritor, que avulta no panorama da moderna literatura nacional

Através dos cinquenta anos da sua laboriosa tarefa intelectual, Assis Esperança, seguindo o rumo inalterável do seu ideário, fiel aos princípios que definem o homem de pensamento mostrou-se sempre interessado nos problemas do seu tempo, os quais, bem como o pendor para se aproximar da gente do povo, constituem temas preponderantes nos seus romances, do primeiro dos quais, «A Vertigem», editado em 1919, se festeja agora o aparecimento.

Revelando, também, os seus méritos como novelista e dramaturgo, desde novo, como ele diz, impelido «pela bruteza teatral», esse anseio concretizou-se especialmente na peça premiada «Náufragos» e noutra, representada, «Noite de Natal». É, contudo, como romancista que Assis Esperança firma o seu nome e conquista uma posição. Distinguida a sua obra (salienta-se desses galardões o «Prémio Ricardo Malheiros», da Academia das Ciências), os romances do autor de «Pão Incerto» (alguns reeditados) adquiriram amplitude para além do mundo da língua portuguesa; e assim foram traduzidos os romances «Gente de Bem» na Hungria e «Servidão» na Roménia.

Ao falar na sessão de homenagem ao romancista, o prof. dr. Hernâni Cidade assinalou o acentuado «cunho de humanismo de que se impregnam todos os romances do escritor neo-realista». E deteve-se na análise dos romances «Gente de Bem» e «Servidão», em cujo enredo — disse — são debatidas, respectivamente, a problemática da burguesia endinheirada e a luta quotidiana das gentes da beira-mar. Fez, ainda, o orador um estudo, pleno de interesse, «das personagens femininas das duas obras, que incarnam as virtudes autênticas que o seu criador sempre defendeu».

A sr.ª dr.ª D. Maria do Carmo Lopes leu um trecho de uma das obras do romancista, em que sobressai a personalidade de «Manuel de Morgado de Martinas»; e o escritor Júlio Conrado falou da obra e da vida de Assis Esperança, apontando-as como uma dignificação constante do ofício de escritor».

Ao agradecer, Assis Esperança falou das suas «preocupações de carácter social e do interesse pelos humildes, que considera-va como a base fundamental e o cerne da sua vida literária».

O poeta Eugénio de Castro

As comemorações do centenário de Eugénio de Castro

FIGUEIRA DA FOZ, 13 — O Rotary Clube desta cidade consagrou a sua última reunião á memória de Eugénio de Castro, celebrando o centenário do nascimento do grande poeta.

Usou da palavra o sr. dr. Alvaro Malafaia, que falou de Eugénio de Castro como professor universitário e poeta, das suas relações com o catedrático espanhol e grande amigo da Figueira, Miguel Unamuno e da sua vida intelectual.

Em seguida, o professor-director do «Ciclo preparatório Dr. João de Barros», sr. dr. Marcos Viana, depois da leitura de um seu comentário sobre a obra do poeta de «Oaristeu», se referiu á sua personalidade como grande professor que foi.

O sr. dr. Pires de Azevedo, falando de Eugénio de Castro, referiu-se, em relevo, á obra do poeta e á actividade do professor.

Falaram ainda sobre a obra de Eugénio de Castro os srs. professor Mário Viana, dr. Rodrigo Santiago e o dr. Melo Costa presidente do clube, que encerrou a reunião.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A irmã de Amália só dentro de dois meses será operada em Boston

ODEMIRA, 13 — *(Do nosso enviado especial)* — Trezentos quilómetros não são de mais para apurar a verdade. As vezes mesmo, são de menos. Isto não quer dizer que tenha sido feita em vão esta longa viagem dentro da noite. Uma noite chuvosa, negra.

De Lisboa a Odemira vai uma longa estrada. Dali ao Brejão, um caminho de esperança. Neste caso, a nossa. A de encontrar Amália. Falar com ela. Interrogá-la. Saber tudo. Ouvi-la, com certeza, falar da sua dor. Entendê-la. Escutá-la, neste seu grande anseio: salvar a irmã de um destes casos dramáticos, desesperados, senão mesmo desalentadores.

Ah, mas a esperança impõe os seus sacrifícios! Amália — confirma-se — está disposta a dar mesmo a vida para salvar a que resta da irmã, A Détinha, A mais nova. A menina.

A procura desta linguagem de ternura, saímos de Lisboa. Tinham-nos dito que Amália estava recolhida (o termo é bem expressivo) no isolamento da sua casa distante. A casa de Brejão, que fica para lá de Odemira. Muito fora da estrada. Mesmo á beira da praia onde se chega indo por um atalho incómodo de lama, quando chove, ocupado de sombras quando é noite. É verdade e é assim.

Amália foi a Boston. Vira a irmã. Depois, teve que voltar. Um contrato chamava-a á Alemanha. Foi lá e, embora por dentro não quisesse, cantou. O dever de quem canta, como ela, é cantar. Mas chegou e *recolheu-se* — a expressão era do nosso informador de ocasião e ajustava-se bem á situação.

Saiu de Lisboa, onde o seu desgosto não encontra a solidão de que precisa. Velo morar na casa do Brejão. Uma quinta sua, onde nasce, neste momento, uma casa que ela quer habitável e cómoda. Mas está inacabada. Para viver lá (ela, a própria Amália) ocupa uma habitação de caseiro. Térrea, limpa, calada, mas estreita. Ainda sem luz eléctrica. Sem aquecimento. Sem geleira. Um monastério.

Mesmo assim, a sua impaciência não a deixa fixar-se. Nós chegámos, quando ela já não estava. Tinha pegado no carro e partido.

Para onde? Não se sabe, mas, talvez, para qualquer sítio, onde julgue que é sempre para trás que deixa a sua dor.

Volta? Talvez ainda hoje. Quem sabe? Todos os lugares lhe são pesados. Todos os actos se lhe tornam angustiantes.

«SER PRECISA»

Não se pode dizer que tenha sido feita em vão esta viagem.

Amália não estava, mas a porta abriu-se-nos. Era noite alta. E a noite mandonha de um dia de chuva.

Mal batemos, o sono preocupado acordou uma outra mulher que sofre e vive naquela casa. Quando, finalmente, nos abriu a porta, talvez julgasse que era a Amália. Quando, pelo nosso lado, nos abriram a porta, julgámos nós que fosse a Amália. Ambos nos enganámos.

Mas, de repente, tudo se desfez. Nós á sua frente e, á nossa frente, a cunhada de Amália. Outra pessoa metida na mesma angustia.

O seu marido, Vicente, o irmão mais velho da Détinha (a menina, a mais nova) é possivelmente, o dador do rim.

— Porquê? — perguntámos á sr.ª D. Felipina.

— *Olhe, ele é o mais velho. A minha cunhada Amália queria ser a dadora, mas nós só a deixámos, por enquanto, fazer a pesquisa do grupo sanguíneo. O meu marido é que já fez os «testes» sequentes. Há 15 dias que está em observação no Hospital de Boston. Mas, como lhe encontraram uma fraca arritmia cardíaca, talvez não sirva. Ele, em breve, nos dirá, visto que deve chegar amanhã a Lisboa. Entretanto, a minha cunhada Celeste ficou já internada em Boston para, por sua vez, fazer os «testes» finais. Se qualquer deles não servir, então, deixaremos tentar a Amália. Ela, por si própria, só espera ser precisa. Vive na impaciência desta esperança e na tristeza da sua grande dor.*

Em seguida, explicou-nos as razões da sua ausência. Isolou-se em Brejão, mas não suporta por muito tempo a solidão do seu próprio desgosto.

HÁ 13 ANOS

Perguntámos á sr.ª D. Felipina pormenores da doença da cunhada. A mais nova. A Odete. Détinha para a família. Para os mais velhos.

— *É uma doença que se arrasta há 13 anos.*

— *Que doença?*

— *Uma nefrite que lhe afecta os dois rins.*

— *Tem sido, apenas, tratada em Portugal?*

— *Não. Até já foi vista em Paris, onde esteve largo tempo.*

— *Mas só agora, na América, é que se encarou a hipótese de um transplante?*

— *Sim, só agora. Essas coisas, bem vê, só surgem quando já não há mais nada a fazer.*

— *O caso é, portanto, desesperado?*

— *De certo modo. Mas estão a tratar das coisas. A Détinha, antes de ser operada, tem ainda que fazer um grande tratamento. Dizem, porém, que tudo está a correr bem.*

— *Quando foi ela para Boston?*

— *Foi a 5 de Fevereiro.*

— *E, se o transplante se fizer, quando será?*

— *Nunca antes de dois meses. E' tudo o que sabemos.*

Foi, pelo nosso lado, também tudo o que soubemos na escura noite de ontem, na casa do Brejão, refugio de Amália para os seus dias de muitas horas de angustia.

«Ela está em excelentes mãos»

O dr. Adolfo Coelho, médico de Odete, declarou-nos:

— *Acompanho o caso clínico de Odete há cerca de três anos. Tenho, porém, de obedecer ao sigilo exigido pela minha profissão: fica-me, portanto, vedado o pronunciamento público sobre o estado da doente.*

Sobre se tencionava deslocar-se a Boston para conferenciar com os clínicos do Hospital Brighman, o dr. Adolfo Coelho disse-nos:

— *Não. Não irei lá. Ela está em excelentes mãos.*

Varela Silva fala ao nosso redactor

A UMA PALAVRA DOS ESPECIALISTAS AMÁLIA PARTIRÁ A SALVAR A IRMÃ

— DISSE-NOS O ACTOR VARELA SILVA CASADO COM CELESTE RODRIGUES

— A doença de Odete arrasta-se há anos, desde bastante antes do seu segundo casamento. O médico assistente (dr. Adolfo Coelho) segue sempre a marcha da sua doente e, há cerca de um mês e meio, achou que estava a chegar o momento de Odete ser observada por especialistas estrangeiros. Falou-se, então, de um hospital de Boston, especializado em transplantações. Um hospital (aliás) onde vários portugueses já se submeteram a idênticas (como tão metindrosas) intervenções cirurgicas. E' a família concordou: Odete iria a Boston.

Varela Silva, marido de Celeste Rodrigues e, portanto, cunhado de Amália, prossegue na história da doença:

— A observação a Odete conduziu a um único diagnóstico: só uma transplantação lhe poderia dar vida. E, mais ainda: apenas uma transplantação de órgão doado por pessoa de família, dado o grupo sanguíneo e outros requisitos que apenas os médicos conhecem.

Prossegue:

— Odete tem 31 anos. Merece que lhe salvem a vida: porque tem á sua frente toda uma vida para viver. Levantaram-se imediatamente, quatro hipóteses: o rim seria doado por sua mãe, por Amália, por Celeste ou pelo outro irmão, o Vicente. Foi, por isso que toda a família partiu para Boston.

«Esta família é um clã cerrado»

— Todos se submeteram a análises e a testes, cientes de que apenas deste quarteto pode sair o ofertante. E, sabe (também) porquê?

Varela Silva responde a si próprio:

— O hospital onde está a Odete possui Banco de Órgãos. Mas, centenas de pacientes estão na «bicha», á espera de serem atendidos. Quando chegasse a vez de Odete...

Anima-se:

— A família é um clã muito cerrado. Estreitíssimo. A primeira pessoa que quis valer á Odete foi a mãe, a D. Lucinda da Piedade. Ela, como mãe extremosa, sente, como sua, a dor da filha. Mas, os médicos puseram um óbice: D. Lucinda tem 78 anos, e a intervenção cirurgica não é, portanto, nada aconselhável.

Amália ofereceu-se, então para ser a doadora. Fez análises e, tal como a Celeste e o Vicente (que foram observados e testados por médicos americanos) está á espera dos resultados desses exames, uma vez que a transplantação apenas pode verificar-se daqui a dois meses. Logo, Amália chegou anteontem e está apressadamente a cumprir os contratos que firmara para regressar a Boston.

«É uma atitude»

Varela Silva é esclarecido e, igualmente, exacto na explanação do caso:

— A família é que suporta (financeiramente) todos os encargos com a operação de Odete. O marido, que é professor de línguas e, logo, vive um quotidiano absorvente, totalmente preenchido, está ao pé dela. Nada, portanto, tem faltado a minha cunhada.

Pessoalmente, se a escolha da doadora recair em Celeste, acho que ela teve uma atitude muito digna e muito honesta.

Amália: doadora na primeira linha

— Amália?

— Está na primeira linha e mantém-se na expectativa, aguardando o resultado dos testes. Toda a família está na mão dos clínicos. E Amália espera essa ordem para abandonar toda a vida profissional e partir a salvar a irmã.

Concluindo:

— A família só pretende que se não faça muito barulho em torno deste assunto. Há pouco, segundo li nos jornais, uma mãe estava pronta a salvar uma filha doando-lhe um rim: ela, que já lhe dera a vida. O mesmo estamos nós preparados para o fazer. O facto de sermos artistas não altera as nossas qualidades de Povo. E, quer seja a Amália ou a Celeste, não será uma artista que salva a vida da Odete: é uma irmã que estende o braço, que oferece o ombro, a outra irmã. A uma irmã que todos adoramos.

Torre de Babel

por João Medina

O «WESTERN-SPAGHETTI»

É como tudo acaba por acontecer, sucedeu que os italianos começaram a produzir filmes de «cow-boys». Passada a surpresa deste enunciado (acrescente-se que cerca de 80 filmes do género «western» saem todos os anos da Cinecitta e inundam o mercado fílmico da Alemanha Ocidental, do Japão e de outros países do Oriente e do Extremo-Oriente, começando mesmo a ameaçar o continente americano), digamos que não há nada de paradoxal ou de bizarro no facto de se rodarem filmes de índios e «cow-boys» a poucos quilómetros do Vaticano e a dois passos dos famosos pinheiros celebrados pela música de Respighi: se Marlon Brando faz de Marco António e Hollywood multiplica a narrativa dos amores e conquistas de Caio Júlio César, porque é que os romanos não haviam de recorrer á pena de Talido e, por cada «peplum», responderem com uma fita intitulada, por exemplo, «Não cantes, dispara», «O bom, o bruto e o bandoleiro», «Adios Gringo» e «Pistola para Ringo»?

Todos os títulos que acabo de enunciar são verídicos, ou seja, designam filmes do género «western» filmados na Itália, na boa e meiga Itália de Dante, de Boccaccio e de Leopardi. Sob um sol clemente e afagados pelos zéfiros da peninsula, os italianos lançaram-se de facto na conquista do Oeste, naquilo que podíamos chamar a «segunda epopeia do Far West». E se, a princípio, os actores do Lácio tomavam a precaução de se travestirem onomásticamente, de modo que um prosaico Giulio Gemma se transformava em Montgomery Wood, hoje nem sequer essa cautela se torna necessária, já que a fama do mesmo Gemma dispensa os produtores e cineastas italianos de exercícios anagramáticos. Acabou-se o pseudónimo americanizante e o western «made in Italy» ostenta francamente as suas origens, não precisando de esconder as raízes latinas.

Todavia, não é impunemente que o western se transforma em «western-spaghetti»: ao italianizar-se, o filme de cow-boys ganha desde logo uma dimensão europeia que o afasta de todo da matriz hollywoodesca. O cow-boy representado por John Wayne ou o mesmo sósia interpretado por Gemma só formalmente se assemelham e não se torna necessário ter lido Lacan ou Lévi-Strauss para se compreender que a mitologia do cinema americano se metamorfoseia quando transplantada com armas, bagagens e plumas para o solo italiano. Se o fundo dos mitos maiores (e menores) que presidem ao western tanque parece ser indiscutivelmente puritano, com o seu magote de cavaleiros andantes e peregrinos do Bem, Galaazes do Texas a defenderem os oprimidos e os fracos das garras satânicas dos bandoleiros, das mulheres de virtude duvidosa e da cobiça dos colonos, os arquétipos do «western-spaghetti» mostram-se bastante diversos: arrancados do solo natal, os «cow-boys», os bandoleiros, os apaches e o resto da fauna de Hollywood perdem toda a cor local mas, em contrapartida, ganham dimensões novas, mais realistas, menos ingénuas. Ao fazer-se europeu, o «western» deixa de ser a versão banalizada da luta entre o Bem (o bom «cow-boy» errante e sem lostão, mas bem barbeado e bem vestido) e o Mal (os outros).

Ao maniqueismo ingénuo dos filmes de «cow-boys» norte-americano sucede agora, aliás na esteira duma forte tradição neo-realista, o verdadeiro fundo da colonização do Oeste da América por bandos de aventureiros, jogadores, esbulhadores de terras até ali na posse dos índios, bandoleiros de todo o calibre, pesquisadores de oiro Vénus mercenárias, antigos cadastrados, etc. Donde este paradoxo curiosíssimo: ao desligar-se do solo originário, o «western» transforma-se no relato não-mítico da conquista e colonização reais do Oeste da América do Norte, sendo portanto mais fiel á verdade histórica do que todos os quilómetros de mentira em celulóide fabricados até agora pela indústria cinematográfica tanque. Transposto para os arredores da «Cidade Eterna», o Galaaz dos «westerns» «made in U.S.A.» passa a ser aquilo que na verdade era, ou seja, um batoteiro ou um aventureiro á caça de dólares e recompensas, um oportunista, um vagabundo sem moral nenhuma, um pícaro do Novo Mundo num cenário de «saloons», pradarias e diligências assaltadas por cavaleiros frenéticos. Ao maniqueismo de fundo religioso, puritano, sucede o realismo da melhor tradição crítica da velha Europa. Qual deles estará mais próximo da verdade: o mito a cores fabricado além-Atlântico ou o antimito confeccionado á sombra da cidade do Tibre?

Strasbourg, Março, 1969

STRASBOURG

A VINGANÇA DAS RAPOSAS

SOBRAL DA ADIÇA, 13 — Raposas desta zona vingaram-se de uma larga batida organizada por caçadores que abateram algumas das suas companheiras, matando 14 galinhas da capoeira da herdade de «Donas Catarinas».

No dia anterior á «vingança das raposas», caçadores haviam abatido dois belos espécimes e no domingo anterior outras quatro raposas tinham sido mortas.

Por outro lado, tinham sido mortas, também, numa vasta batida, nove raposas, nos terrenos situados entre esta freguesia e a de Santo Aleixo da Restauração, limítrofes de Espanha.

Destacaram-se nessa caçada os seguintes atiradores: Manuel Caeiro da Silva Brito, com duas peças abatidas; dr. José de Brito, António Brito Carvalho, Silvestre Baptista, António Ramalho, Manuel Caldeira Caeiro, José Garcia e Tomé Celeiro, com uma peça cada um.

Posteriormente, numa outra caçada, mais duas raposas foram mortas.

Ourivesaria da GUIA
GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ
Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

Desperdiçar não é grandeza Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

40.º ANIVERSÁRIO 13/3/1929 13/3/1969
R. OYARZUN, LIMITADA
57 Rua da Misericórdia 59 — LISBOA
Concessionária das marcas «HOBART» e «ETERNA» (Máquinas para a indústria hoteleira e similares) ao completar 40 anos de actividade, cumprimento os seus clientes e amigos agradecendo e preferência e confiança que lhe têm sido dispensadas.

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Actualidade internacional

ATENTADO EM FRANKFURT CONTRA UM AVIÃO ETÍOPE

FRANKFURT, 13 — (R.) — Um grupo nacionalista árabe afirmou ter sido responsável pelo ataque á bomba registado, anteontem á noite contra um avião de passageiros etíope no aeroporto desta cidade.

O grupo, que se intitula «Frente Arabe de Libertação da Eritreia» em carta dirigida ao jornal «Allgemeine Zeitung» desta cidade, explica que os árabes que vivem na Eritreia, uma região costeira no norte da Etiópia, pretendem libertar-se do dominio etíope.

A carta indica que serão cometidos novos actos de sabotagem.

O avião, um «Boeing 707», estava a ser reabastecido no aeroporto local para a viagem de regresso a Adis Abeba quando se registou a explosão a bordo que feriu oito mulheres que procediam á limpeza da cabine dos passageiros.

A Policia apurou que se encontravam a bordo duas bombas, uma das quais explodiu debaixo de uma cadeira.

Uma das mulheres da limpeza encontrou um embrulho que pôs de parte pensando que ele pertencia a qualquer dos tripulantes. O embrulho, porém, continha outra bomba que explodiu. Os estragos causados ao avião são avaliados em 20 milhões de marcos (cerca de 140 mil contos).

Deu a fábrica ao pessoal

HAMBURGO, 13 — (F. P.) — Um industrial multimilionário de Hamburgo cedeu ao pessoal a sua empresa, cujo valor é calculado em 20 milhões de marcos.

O dr. Kurt Koerber, proprietário de uma fábrica de máquinas automáticas para fabrico de cigarros, decidiu transformar o capital desta numa fundação, de que serão co-proprietários os 2000 operários e empregados da fábrica. Para si, Koerber reservou um lugar de simples empregado, em igualdade com todos os outros.

Aliás, antes desta decisão, o pessoal da fábrica já gozava de um direito de co-gestão muito desenvolvido.

Tendo começado modestamente em 1949, tornou-se o maior construtor mundial de máquinas de fabrico de cigarros. Actualmente, um de cada dez cigarros fumados no mundo foi produzido em máquinas da sua fábrica.

O PRESIDENTE MOBUTU VISITA A ALEMANHA NA PRÓXIMA SEMANA

KINSHASA, 13 — (R.) — O presidente Joseph Mobutu deverá partir amanhã desta capital para a sua primeira visita á Alemanha Ocidental desde que se tornou chefe de Estado em Novembro de 1965.

A sua visita de uma semana, que se inicia com a sua chegada a Bonn na segunda-feira, cimentará as relações cordiais existentes entre o Congo (Kinshasa) e a Alemanha Ocidental.

O general, de 38 anos, que reorganizou a vida política e económica do Congo, conferenciará com altos dirigentes e assinará acordos sobre auxilio técnico e a protecção de investimentos estrangeiros no seu país.

Em Bonn, deverá avistar-se com o presidente cessante Heinrich Luebke, o chanceler Kurt George Kiesinger e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt.

Visitará, também, Hamburgo, Berlim, Stuttgart e Munique.

Após a sua viagem á Alemanha, o presidente Mobutu projecta efectuar uma visita privada a França. Espera-se que durante a sua permanência de uma semana em Paris seja recebido pelo presidente de Gaulle.

O presidente Mobutu será acompanhado na sua viagem pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Justin-Marie Bomboko, e da Planificação, Etienne Tshisekedi.

RECRUDESCIMENTO DA ACTIVIDADE DOS GUERRILHEIROS DO VIETCONG

SAIGÃO, 13 — (A. N. I. e R.) — O Vietcong bombardeou 42 bases militares e povoações no Vietnam do Sul, ontem á noite e na madrugada de hoje, activando assim a sua ofensiva, que tinha abrandado nos ultimos dois dias.

Morreram, pelo menos, quatro pessoas e mais de 50 ficaram feridas em consequência dos ataques.

O maior numero de vitimas foi registado na cidade de Soc Trang, no delta do Mekong, a cerca de 145 quilómetros ao sul de Saigão, onde ontem, á noite, foram mortas três pessoas e 18 outras ficaram feridas quando um guerrilheiro lançou uma granada para dentro de um teatro cheio de espectadores.

Duas horas depois, a cidade foi atacada com fogo de morteiros pelo Vietcong, ficando feridas mais seis pessoas, quatro delas civis.

Segundo anunciou hoje um informador militar governamental, durante a noite verificaram-se 35 ataques contra cidades e instalações militares sul-vietnamianas.

Entre as cidades atacadas inclui-se Long An, uma capital provincial a 28 km a sul de Saigão, onde foi morto um soldado, e Tuyen Binh, a 85 km a oeste da capital sul-vietnamiana, onde ficaram feridas oito pessoas e foram destruidas seis casas.

Noutro bombardeamento, ás primeiras horas de hoje, ficaram feridas 13 pessoas num centro de refugiados em Ca Mau, na provincia de An Xuyen, a 230 quilómetros a sudoeste da capital. Os guerrilheiros dispararam 12 granadas de morteiro contra essa cidade.

Um informador militar americano anunciou que soldados da cavalaria aero-transportada travaram uma breve mas renhida batalha a noite passada com tropas norte-vietnamianas a 19 quilómetros a sudoeste de Hué, na provincia de Thua Thien.

Os americanos anunciaram ter morto 12 norte-vietnamianos, perdendo dois homens e ficando outros dois feridos.

MAIOR PARTICIPAÇÃO

WASHINGTON, 13 — (A. N. I.) — No regresso a Washington, ontem á noite, da sua viagem de inspecção ao Vietnam do Sul, o secretário da Defesa, Melvin Laird, declarou que as forças sul-vietnamianas deviam ter uma maior participação na guerra e que para isso era necessário activar a sua modernização.

Acrescentou, todavia, que nenhuma decisão se tinha ainda tomado com vista a uma possivel redução das forças norte-americanas naquele país.

«Tenho agora uma melhor compreensão dos problemas que as nossas tropas enfrentam no Vietnam» — sublinhou o secretário da Defesa.

PONTO MORTO

PARIS, 13 — (R.) — Os negociadores da paz no Vietnam reunem-se hoje nesta capital para a sua oitava sessão plenária, não havendo, aparentemente, qualquer esperança de se pôr termo ao ponto morto em que se encontram as conversações, que decorrem há seis semanas.

A sessão da semana passada acabou mais cedo a pedido da delegação de Saigão, apoiada pelos Estados Unidos, como protesto contra o bombardeamento de Saigão e de outras áreas habitadas.

SISMO EM ITÁLIA

MACERATA (Itália), 13 — (A. N. I.) — Um abalo de terra que durou cerca de quatro segundos sacudiu, ontem á noite, a provincia central italiana de Macerata.

Não há notícias de danos pessoais ou materiais.

ADEMAR DE BARROS VITIMADO POR CRISE CARDÍACA

Ademar de Barros, antigo governador do Estado de São Paulo, um dos promotores do movimento revolucionário que depôs o presidente João Goulart, e várias vezes candidato á presidência da Republica do Brasil, morreu ontem em Paris, vitimado por uma crise cardiaca que o acometera quando, há dias se encontrava em visita ao Santuário de Lourdes.

Ademar de Barros, que contava 67 anos, concluiu a licenciatura em Medicina, no Rio de Janeiro, em 1923, tendo posteriormente estagiado na Europa, em hospitais de Paris, de Berlim e de Londres.

ADEMAR DE BARROS

Ingressou na politica em 1934, como deputado federal e foi nomeado pelo Governo interventor federal no Estado de São Paulo em 1938. Nessa qualidade, e mais tarde na de governador, promoveu uma obra notável de industrialização e desenvolvimento deste Estado.

Politico controvertido, o seu nome tornou-se particularmente conhecido pelas acusações de corrupção de que foi alvo. Mais tarde, tornar-se-ia notada a sua persistência em candidaturas sucessivas e frustradas á Presidência da Republica.

Conta-se que, num comicio eleitoral em que participava, afirmou a certa altura de um discurso: «Nem um só cruzeiro desonesto foi metido nas algibeiras destas minhas calças». Opositores seus entoaram então em coro: «Ademar tem umas calças novas...»

Embora tenha participado activamente no golpe de estado que derrubou Goulart em 1964, Ademar foi privado dos direitos politicos em 1966 pelo presidente Castelo Branco. Especulou-se então sobre os motivos da caida em desgraça de Ademar; e afirmou-se que o dissidio do politico civil com os militares tivera origem no facto destes não estarem dispostos a apoiar as suas pretensões á Presidência da Republica.

Fundador do Partido Social Progressista, agrupamento de tendências conservadoras, Ademar de Barros afirmou por várias vezes e em várias ocasiões a sua simpatia por Portugal e as suas afinidades com o Estado Novo português.

HAROLD WILSON DESLOCAR-SE-Á EM BREVE À NIGÉRIA?

LONDRES, 13. — (R.) — O jornal «Financial Times» diz hoje que se espera que o primeiro-ministro Harold Wilson vá em breve á Nigéria para se inormar pessoalmente sobre o andamento da guerra.

Um porta-voz de Wilson recusou-se a confirmar a noticia.

O jornal diz que a noticia provém de fontes africanas fidedignas e coincide com o regresso do enviado especial de Wilson á Nigéria, onde esteve durante 48 horas.

Os preparativos para a viagem do primeiro-ministro teriam sido feitos por esse enviado.

Segundo a noticia, Wilson partirá para a Nigéria no fim da próxima semana ou no principio da seguinte.

Wilson tem afirmado várias vezes estar pronto a ir á Nigéria se com isso puder pôr termo á guerra.

Esta noticia aparece poucas horas antes do Governo britanico ter de defender na Camara dos Comuns a sua politica de fornecimento de armas ao Governo federal de Lagos.

Circulos politicos bem informados afirmam, contudo, categoricamente, que não se verificará qualquer alteração nessa politica.

O «Beatle» Paul McCartney passou a noite de núpcias num estúdio de gravação

LONDRES, 13 — (R.) — O «Beatle» Paul McCartney passou a noite de núpcias num estúdio de gravação, enquanto, a alguns quilómetros de distância, George era preso e acusado de possuir estupefacientes.

George Harrison, outro dos «Beatles» que ontem foi detido pela Policia, acusado de possuir estupefacientes.

McCartney, o único dos «Beatles» que ainda se encontrava solteiro, levou sua mulher Linda Eastman, de Nova York, até ao lar de ambos em Londres, após o seu casamento de ontem, acompanhada de Heather, a filha do anterior casamento Harrison, outro «Beatles», de Linda, antes de ir trabalhar.

Nenhum dos outros «Beatles» assistiu á cerimónia civil de cinco minutos «porque desejávamos que o casamento fosse sossegado» — afirmou Paul.

«Ringo está a filmar, mas se John e George aparecessem, a cerimónia teria sido mais caótica do que foi».

O «Beatle» preso, Harrison, e sua mulher, o antigo modelo Pattie Boyd, foram detidos na sua residência nos arredores de Londres, e a Policia acusou-os de possuirem a droga «cannabis». Foram soltos sob fiança, devendo comparecer perante um tribunal na próxima terça-feira.

Antes de ir trabalhar a noite passada, Paul, um católico romano, levou Linda á igreja, perto da sua residência, a fim de serem abençoados religiosamente.

«Desejávamos uma bênção religiosa, porque se alguém gostar de nos abençoar ficarei feliz com isso — declarou McCartney.

«Encaro o casamento com suficiente seriedade para receber a bênção. É importante, e não partilho as opiniões de Mick Jagger».

(Mick Jagger, o principal cantor do conjunto dos Rolling Stones, afirmou recentemente, segundo se anunciou: «Não sou partidário do casamento... Não preciso de palavras ditas numa igreja»).

Linda disse, por seu turno: «Sou agnóstica, mas ambos encaramos a sério o casamento».

RÚSSIA (10 dias), ESCANDINÁVIA, TURQUIA E GRÉCIA

Cruzeiro ABREU de 18 de Abril a 11 de Maio a bordo dos paquetes «CHOTA ROUSTAVELLI» e «TARASS CHEVTCHENKO». Escolha de camarotes na

AGÊNCIA ABREU — Fundada em 1840

LISBOA — Av. da Liberdade, 190 B PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — R. da Sota, 2

Nova moda para a patinagem artística? Nada disso. Trata-se de um «bikini» apresentado em Copenhague, num rinque de patinagem, durante o desfile da nova colecção de fatos de banho para o próximo Verão

Mudança na política russa em relação à China

PARIS, 13 — (F. P.) — As diligências efectuadas pelos embaixadores da U. R. S. S. em várias capitais europeias, como Paris e Bonn, para informar oficialmente os respectivos Governos da versão soviética do incidente com a China, nas margens do Ussuri, traduzem uma importante transformação na política russa em relação à China.

Até aqui, o Kremlin tudo fazia para manter o Ocidente na ignorância dos seus desentendimentos com a China. É certo que, como Adenauer tinha revelado nas suas memórias, Krustchev lhe falou em 1955, numa conversa informal, do perigo potencial que representava para a União Soviética e para toda a Europa a imensa China, com os seus 650 milhões de habitantes. Alguns anos mais tarde o mesmo Krustchev evocou este problema perante o então senador Hubert Humphrey.

Mas, desta vez, não se trata de confidências mais ou menos calculadas. A União Soviética acaba de fazer o Ocidente testemunha oficial da «agressividade chinesa». É evidente que, no espírito dos dirigentes soviéticos, o «perigo amarelo», conceito lançado há 70 anos por Guilherme II, se tornou muito mais importante que todos os diferendos que opõem Moscovo às potências capitalistas.

A propósito, as explicações dadas ao chanceler Kiesinger pelo embaixador Tsrapkine foram extremamente elucidativas. Segundo o diplomata, a batalha do Ussuri não pode ser interpretada como um incidente local, pois foi uma «provocação deliberada», telecomandada de Pequim.

É esta a tese que a Imprensa soviética expõe com o maior relevo, tendo já esquecido completamente a crise de Berlim, que tanta tinta fez correr há apenas dez dias.

TRANSFERÊNCIAS

MOSCOVO, 13 — (F. P.) — O problema do envio de forças russas, presentemente estacionadas a oeste do Ural, para a parte do território soviético próximo da China, será estudado na próxima reunião de alto nível do Pacto de Varsóvia, segundo se soube, ontem à noite, de boa fonte.

Por outro lado, teria sido tomada a decisão de acelerar o envio de jovens para aquelas regiões. Com efeito, um telegrama da agência Tass anunciava ontem que «contingentes de jovens voluntários vindos de Moscovo e Leninegrado, Smolensk e Uka, Perm e Kharkov, se preparam para seguir para o extremo-oriente soviético». «Estão a formar-se nestas e noutras cidades contingentes de jovens voluntários» — acrescenta a Tass, que esclarece haver chegado ontem ao Komsopolsk-sobre-o-Amur o primeiro contingente «a fim de participar em obras de construção».

Ainda sem confirmação oficial, soube-se que tinham sido criados há vários anos, em diversos pontos centrais do extremo-oriente soviético, estados-maiores sem tropas mas capazes de agir 48 horas depois da chegada dos primeiros elementos aerotransportados.

TROPAS DE PREVENÇÃO

HONG-KONG, 13 — (F. P.) — As tropas e os guardas fronteiriços chineses postados ao longo da fronteira entre a China e a Mongólia estão de prevenção depois do recente combate sino-soviético em Chen Pao, anuncia hoje a Rádio Pequim, captada em Hong-Kong.

A rádio chinesa já anunciou por muitas vezes que as tropas soviéticas tinham tomado posição na fronteira da Mongólia, país que tem apoiado firmemente a União Soviética desde que surgiu o conflito com a China.

Cargueiro-submarino nuclear para reduzir o custo da navegação transoceânica

CORONADO (Califórnia), 13 — (R.) — Um professor norte-americano apresentou um projecto para um cargueiro-submarino nuclear, com a forma de uma enguia, que, afirma, poderia reduzir em metade o custo da navegação transoceanica.

O dr. Robert Whitelaw, professor de Engenharia Mecanica do Instituto Politécnico de Virgínia, revelou o seu projecto numa conferência nacional submarina da Sociedade de Engenheiros Mecanicos desta cidade.

O dr. Whitelaw afirmou que o seu projecto para a «enguia» — um submarino em forma de agulha, com 426 metros de comprimento, que se deslocaria á velocidade de 40 nós a 60 metros abaixo da superfície do oceano — seria oferecido á Marinha dos Estados Unidos.

O professor proclamou ainda que o barco, com seis tripulantes, atravessaria o Atlantico Norte em menos de três dias, sem ser afectado pelas condições de tempo, e poderia ancorar, carregar e descarregar automáticamente.

O dr. Whitelaw revelou que a «enguia» necessitaria de facilidades portuárias especiais, com meios para ancoragem, carga e descarga automáticas e de um sistema de orientação transoceanico automático.

A «enguia», em forma de tubo com um diametro de 11,9 metros e accionado á popa, teria uma carga máxima de cerca de 5000 toneladas, podendo, também, transportar passageiros.

A «APOLO 9» REGRESSOU

(Continuação da 1.ª página)

riências com comunicações, que tiveram de ser eliminadas nas fases iniciais do voo, quando Schweickart adoeceu durante um curto período, todos os outros objectivos do plano da missão foram realizados disse ainda Kranz.

O propósito principal do voo da «Apolo 9» era fazer a primeira experiência no espaço com o «módulo lunar» tripulado, o aparelho que parece um pulgão e que transportará dois homens da sua nave-mãe «Apolo», em órbita, até á superfície da Lua, e os trará de regresso.

O navio de recuperação, o porta-helicópteros «Guadalcanal», estava na zona de recuperação, a cerca de 500 quilómetros ao norte da Republica Dominicana, por volta das 12 e 30 horas T.M.G.

O principal foguetão-motor da «Apolo» — o sistema de propulsão de serviço — foi disparado precisamente 41 segundos depois das 16,31 horas (T. M.G.), pela oitava e ultima vez nesta missão.

O funcionamento do SPS durante 11,5 segundos, quando a «Apolo» se encontrava a cerca de 490 quilómetros acima do oceano Pacifico, um pouco a Noroeste do Hawai, fez com que a cápsula iniciasse uma descida vertiginosa de 29 minutos sobre os Estados Unidos e o Atlantico, a cerca de 550 quilómetros a Noroeste de São João de Porto Rico.

Novo comandante supremo da N. A. T. O:

BRUXELAS, 13 — (F. P.) — O general Andrew Goodpaster, que acaba de ser nomeado para suceder ao general Lyman Lemnitzer no cargo de comandante supremo das forças aliadas na Europa, tem 54 anos. Nascido em 12 de Fevereiro de 1915, no Illinois, formou-se na Academia Militar de West Point e durante a segunda guerra mundial combateu em Itália.

Entre 1950 e 1954 foi adjunto do chefe do estado maior do comando supremo do SHAPE. De 1954 a 1961, fez parte do estado maior do presidente Eisenhower. Em 1961 e 1962, comandou uma divisão na Alemanha, antes de ser até 1966, assistente do chefe do estado-maior interarmas.

Comandante, em 1967, do Colégio Nacional de Guerra, em Washington, era, há meses, comndante chefe adjunto das forças norte-americanas no Vietnam.

LIBERTADA A PROPRIETÁRIA DO «CORREIO DA MANHÃ»

RIO DE JANEIRO, 13 — (F. P.) — Niomar Bettencourt, proprietária do jornal «Correio da Manhã», e o chefe de Redacção do jornal, Osvaldo Peralva, foram ontem postos em liberdade provisória, em execução da decisão do tribunal militar do Rio, de 6 do corrente. Ambos estavam presos desde 7 de Janeiro.

O «Correio da Manhã» continua a aparecer, mas tem sido objecto de várias sanções governamentais, desde 13 de Dezembro. O jornal depara actualmente grandes dificuldades financeiras, pelo que teve de pedir á justiça a nomeação de um fiscal de contas.

Os astronautas norte-americanos Edwin Aldrin, Neil Armstrong e Michael Collins, que constituem a tripulação da nave «Apolo 11», durante cujo voo, no Verão, deverá ser tentada, pela primeira vez, a descida de homens na Lua. Os E. U. A. projectam realizar três alunagens até ao fim do ano

Editorial Inova Porto
Hachette Paris
Aldus/Bonniers Estocolmo
Guadarrama Madrid
Kindler Munique
McGraw-Hill Nova Iorque
Meulenhoff/De Haan Amsterdão
Il Saggiatore Milão
Weidenfeld & Nicolson Londres

World University Library
Biblioteca Universitária Inova

Recortar e enviar à
EDITORIAL INOVA LIMITADA
PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38 ■ PORTO
Nome
Endereço

«Para que quero o disco se não tenho gira-discos?»

—disse a criança cega a Simone de Oliveira

MONTIJO, 13 — Durante um espectáculo efectuado ontem pelas produções Marques Vidal, no Cinema-Teatro Luís Almeida Fidalgo, desta localidade, em que, entre outros artistas, actuava Simone de Oliveira, uma criança cega, de 8 anos, Vítor Cola, demonstrou desejos de falar com aquela cançonetista.

O Vítor foi conduzido por um funcionário do teatro ao camarim de Simone, que lhe ofereceu um disco com a «Desfolhada».

— Para que quero o disco, se não tenho gira-discos? — disse a criança.

Simone, impressionada, mandou buscar o seu gira-discos ao automóvel e ofereceu-o ao rapazinho, prometendo que lhe mandaria mais discos seus.

O pequeno manifestou o desejo de ouvir a «Desfolhada» de viva voz, e Simone cantou a canção para ele, no camarim e, mais uma vez no palco, dedicando a canção ao seu pequeno admirador.

Escolas portuguesas em França

PARIS, 12 — (A. N. I.) — Encontra-se em Paris o prof. Martins de Carvalho, presidente do Conselho de Intercâmbio Cultural do Instituto de Alta Cultura, que examinou com o secretário-geral da Associação Nacional dos Portugueses em França dr. Monteiro Afonso os problemas relativos às escolas portuguesas em França.

O secretário-geral da Associação informou o prof. Martins de Carvalho da actividade dos dez centros escolares actualmente em funcionamento na região de Paris e em Ruão assim como dos cursos de adultos, ultimamente criados em Champigny, Versalhes e Ruão e das bibliotecas populares de Breuillet, Ruão, Orleans e Paris, estudando-se a urgente criação de uma biblioteca infantil.

Estudados os problemas da acção cultural e escolar da A N P F., o prof. Martins de Carvalho traçou as linhas gerais da acção a desenvolver, em duas fases, em prol da cultura escolar das comunidades portuguesas em França.

O estudo dividiu-se em três pontos distintos.

1 — Incremento dos cursos para adultos.

2 — Criação de novas escolas nos núcleos mais importantes e de grande densidade de portugueses.

3 — Criação do ensino secundário.

Os objectivos dos exercícios da N. A. T. O.

referidos hoje numa conferência de Imprensa

A bordo do cruzador «De Ruyter», navio que comanda a força naval da N. A. T. O. que está a tomar parte no exercício «Navalha de Barba» e se encontra fundeada no Tejo, efectuou-se, esta manhã, uma conferência de Imprensa.

Presidiu o comodoro O. Gramwinkel, da Real Marinha Holandesa, que arvora o seu distintivo naquele cruzador. Encontravam-se presentes outras altas patentes, bem como os capitães-tenentes Bandeira Duarte e Brandão Pereira (oficiais de ligação).

Segundo o comodoro O. Gramwinkel, *«o exercício «Navalha de Barba» tem por objectivo exercitar as forças da N.A.T.O. em tarefas de defesa em áreas estratégicas de grande importância.»*

— Que exercícios se efectuaram? — quis saber um jornalista.

O. Gramwinkel disse que se tinham efectuado exercícios anti-submarinos, anti-aéreos e de deteeção de minas. Foram também disparados mísseis em áreas especiais.

Relativamente á presença de unidades da esquadra soviética no Mediterrâneo, O. Gramwinkel afirmou que o exercício «Navalha de Barba» tivera, sem duvida, um efeito psicológico sobre os oficiais russos.

Finalmente, interrogado sobre o comportamento nos exercícios, das fragatas «Almirante Pereira da Silva» e «Almirante Gago Coutinho» O Gramwinkel disse:

— *Very well, indeed.*

A força naval da N.A.T.O. manter-se-á no Tejo até 17 do corrente.

XXXIV Curso do Colégio de Defesa da N. A. T. O.

Em avião especial da Força Aérea alemã chegaram, ao principio da tarde á Portela, os componentes do XXXIV Curso do Colégio de Defesa da N. A. T. O.

A sua permanência em Lisboa prolonga-se até sábado próximo.

O curso é constituido por 72 individualidades, civis e militares, e chefiado pelo comodoro Goodhugh, da Armada britanica.

O estado de saúde do chefe do distrito

PORTO, 13 — A direcção clínica do Hospital Escolar de São João forneceu, esta manhã, ás 10 e 30, o seguinte comunicado sobre o estado de saude do sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge, governador civil do distrito: «Acentuadas melhoras clínicas».

Entretanto àquele estabelecimento hospitalar continuam a acorrer numerosas pessoas interessando-se pelo estado de saúde do chefe do distrito.

TAUROMAQUIA

A garraiada de Medicina um espectáculo de alegria e irreverência

Os alunos do quarto ano da Faculdade de Medicina de Lisboa vão levar a efeito, uma vez mais, a sua tradicional garraiada. Espectáculo que criou já profundas raizes na vida académica, é sempre um grito de juventude, de alegria, de irreverência. Portanto, no próximo domingo, ás 16 horas, teremos na arena do Campo Pequeno, como dizem os futuros Esculápios, uma estonteante garraiada dos «mata-dores»... de Lisboa.

Para lá das peripécias ao uso e costume destas funções de saudável boa disposição, veremos a «cavá-lo» dois distintos cavaleiros amadores — Jorge Carvalho e Carlos Empis, e, como unico «mata-dor» — D. José Pisco.

No aliciante cartaz dos endiabrados estudantes outros numeros vão conquistar o publico, como a «Hospitalesca», duclaciana e parreiral equipa» no cortejo á antiga portuguesa; o jogo do «corno-ball», arbitrado por D. Bicórneo Palitus, a sorte da barraca, a vacinação anti-Hong-Kong (por via rectal) e o «D. Tancredo» interpretado por Manuel Andrade.

Dois grupos de forcados prometem amplexar as vampiresas e maliciosas vacas (3) e os três garraios marrões: um composto por 14 acariciantes e meigas donzelas e outro por 18 (pelos vistos as mulheres são mais valentes...) «acagaçados» mancebos. Há quem diga que as donzelas têm mais presença de corpo... e os rapazes mais presença de espirito. A ver vamos!

«AMIGOS DE LISBOA»

Foi transferida para o próximo dia 20, ás 22 horas, a conferência anunciada para hoje á noite nos «Amigos de Lisboa», pelo capitão-de-fragata sr. Henrique Silva Horta, sobre «O lisboeta Gago Coutinho, marinheiro, aviador e geógrafo».

FOI AGREDIDO POR CANTAR O HINO DO F. C. PORTO

O pequeno Vitor Manuel Fernandes Correia, de 14 anos, aprendiz fabril, Rua do Pinheiro, em Ermesinde (Valongo) é simpatizante do F. C. do Porto e não esconde o seu clubismo. Daí, sempre que pode, cantarolar o hino da agremiação.

Ora, ele viajava num comboio da linha do Douro para esta cidade, e trauteava a canção portista. Por infelicidade dele, seguia na mesma carruagem um individuo que tudo leva a crer não nutre simpatia por aquele clube. E tanto assim, que, sem qualquer explicação, agrediu com um guarda-chuva na cabeça o rapazito, que teve de ser socorrido no Hospital de Santo António.

O caso foi comunicado á Policia que procura o agressor.

NAVIO-ESCOLA DA ARMADA DA COLÔMBIA

Em visita não oficial entrou hoje no Tejo o navio-escola «Glória» da Armada da Colômbia, que faz em Lisboa a sua segunda escala do seu primeiro cruzeiro de treino de 70 guardas-marinhas e cadetes. E' a primeira vez que um navio da Armada colombiana nos visita. Trata-se de um veleiro tipo «Bric Barca» que foi construído nos Estaleiros CELAJA de Bilbau e foi entregue á Armada Colombiana nos últimos meses de 1968.

Necrologia

FALECIMENTOS

Coronel Virgilio Garcia Godinho Braga

Faleceu o sr. coronel Virgilio Garcia Godinho Braga, de 75 anos, natural de Galveias, coronel de engenharia, reformado, casado com a sr.ª D. Maria Graciana da Veiga Ferrão Godinho Braga.

Amanhã, ás 9 horas, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde se encontra depositado o corpo, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para jazigo de familia no cemitério de Galveias.

SUFRÁGIOS

Humberto Gonçalves

Amanhã, ás 18 e 30, na capela dos Anjos, em Algés, será rezada missa pelo eterno descanso de Humberto Gonçalves.

FUNERAIS

Alvaro Pires (Alvarito)

Alvaro Pires Pena (sala especial)

Vitimado por doença subita, faleceu o sr. Alvaro Pires (Alvarito), natural de Lisboa, de 50 anos de idade. O seu funeral realisou-se hoje, da igreja da para o cemitério do Alto de São João.

Alvaro Pires estava bastante ligado ao nosso sector artistico, inclusive, como promotor de espectáculos. Não admira, portanto, que no cortejo funebre se tivessem incorporado muitas figuras populares, nomeadamente no meio fadista.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	524$	522$	525$
Consolidado 3%	540$	538$	540$
Consolidado 3 1/2%	640$	640$	650$
Centenários 4%	1.490$	485$	1.495$
Obrigs. Tesouro 5%	1.006$	006$	007$
Externo 1.ª Série	—	590$	610$
Externo 2.ª Série c	—	650$	—
Externo 3.ª Série	—	760$	850$
Externo 3.ª Série c	—	890$	900$
Caute-as 3.ª Série	200$	95$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	495$	490$	—
A P I 5% 56	—	950$	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2 65	—	915$	925$
C P 5 1/2% 67	—	1.030$	1.045$
C U F 6%	1.020$	1.018$	1.020$
C U F 6% 68	1.005$	1.005$	1.006$
Gás Elect 4% 48	—	865$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	905$	—
Gás Elect 5% 52	—	930$	—
Gás Elect 5% 58	—	930$	—
Gás Elect 5% 59	—	930$	—
Gás Elect 5% 62	—	935$	950$
Gás Elect 5% 63	—	910$	950$
Gás Elect 5% 65	—	910$	950$
Gás Elect 5% 67	—	1.015$	1.025$
H E A Alentejo 5%	—	825$	—
H E Cávado 5%	—	850$	—
H E Cávado 6%	1.000$	999$	1.000$
H E Douro 5%	—	840$	850$
H E Douro 6%	998$	997$	999$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	1.0 0$	007$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	840$	—
Lisnave 6%	1.010$	010$	012$
Metropolitano 4%	—	920$	930$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.025$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	820$	—
Nitratos 5% 60	—	820$	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	—	900$	9 8$
Siderurgia 5% 2.ª	—	832$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	830$	840$
Siderurgia 5% 4.ª	—	825$	830$
Sonete 5%	—	822$	—
T A P 4%	—	940$	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	82$5	83$
U E P 4%	—	83$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	82$5	83$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	850$	—
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	985$	982$	985$
Alentejo	680$	680$	690$
Angola	—	—	800$
Burnay	—	—	—
Crédo Predial	—	1.890$	1.920$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	18.000$	13.150$
L & Açores p	3.920$	3.900$	3.950$
L & Açores n	3.870$	3.870$	3.950$
P Atlântico p	—	—	—
Portugal n	2.400$	2.390$	2.400$
Portugal p	—	—	2.940$
Totta Aliança	4.749$	4.740$	4.750$
Ultramarino n	1.670$	1.665$	1.675$
Ultramarino p	1.870$	1.865$	1.870$
Seguros			
Alentejo	70$	68$	72$
Douro	—	—	980$
Mundial	470$	470$	475$
Sagres	—	1.100$	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarina	—	8.500$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	710$	—
Ag Cassequel	580$	580$	590$
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	350$	350$	—
Ag S Tomé e Príncipe	390$	—	400$
Boror	220$	200$	—
Bua	67$	66$	68$
Cabinda	—	176$	80$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	390$	386$	389$
H E Revué	—	580$	595$
Ilha do Príncipe	1.000$	1.000$	010$
Moçambique	—	—	—
Sonete n	—	—	—
Sonete p	—	360$	369$
Zambézia	52$5	52$	53$
C.ª Diversas			
Cedo	—	6 950$	7 000$
Cim Leiria	—	2.500$	2.700$
Cim Tejo	—	3.800$	4.100$
Col Navegação	—	—	680$
C U F	—	1.030$	—
Ind Aliança	—	—	100$
Nac Navegação	—	1.750$	800$
Petroquímica	—	2.100$	—
Port e Colónias	—	1.230$	—
Port Celulose	—	3.100$	3 300$
Port Pesca	700$	700$	720$
Port Tabacos	518$	516$	520$
Sacor	—	905$	935$
Siderurgia Nac	1.215$	1.210$	220$
Socel	2 200$	2.200$	2.220$
Tabacos de Portugal	—	905$	935$
Tabaqueiro	—	—	12 000$
J F Azoto	—	725$	740$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	405$	4 5$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	515$	530$
Gás Electr	390$	390$	390$5
H E Alto Alentejo	59$	58$5	59$
H E Cávado	1.275$	1.275$	—
H E Douro	1 268$	268$	270$
H E Norte Portugal	—	305$	—
H E S Estrela	—	700$	800$
H E Zêzere	1 350$	345$	355$
Nac Electricidade	1.345$	345$	350$
Termoeléctr Port	1 380$	375$	360$
U E P	195$	195$	96$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	57$3	62$
F I D E S	—	105$5	08$7

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	6/3/69	12/3/69	13/3/69
GERAL	111,2	111,4	111,5
METROP	108,8	109,0	109,1
ULTRAM.	129,2	129,0	129,1

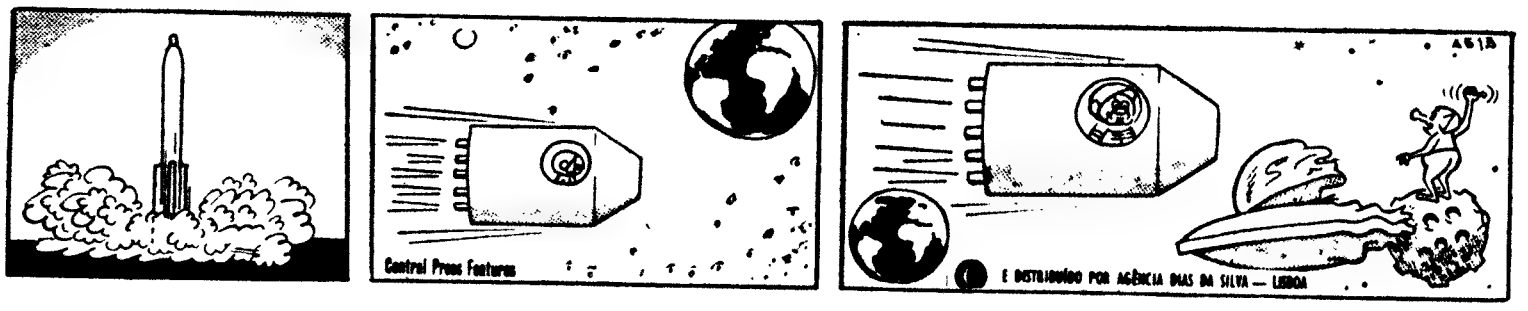
PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	32$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollars de 5 e 000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Austria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,7	$4',2
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$25	5$65
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra isabe	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	360$00	380$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321272

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



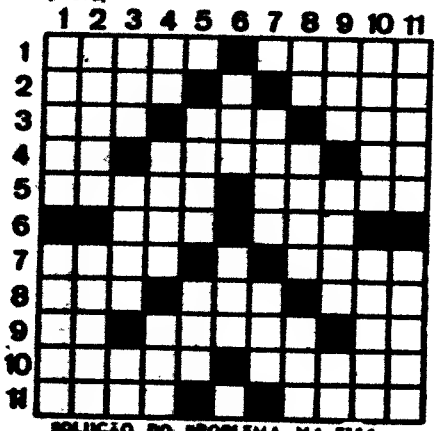
Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 5115

(COM PROVEITO)

HORIZONTAIS: 1 — Dá tempero de aço o Consomem (fig.). 2 — Preposição. Artigo definido. Sofreguidão. 3 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Chefe etíope Vai para fora. 4 — Nota musical. Possessão portuguesa na Oceânia e que faz parte do arquipélago de Sunda. Basta. 5 — Freguesia do concelho de Lousada. Cidade de Espanha. 6 — Magnete natural. Sapo do Amazonas. 7 — Nome de fruto Lavras. 8 — Ferro temperado. Recusa. Organização das Nações Unidas. 9 — Em a. Instrumento dentado com que se alisa o cabelo. Tempo do verbo haver. 10 — Transferem para outro dia. Caminhar. 11 — Mamífero roedor. Suspensório.

VERTICAIS: 1 — Espécie de borboleta que habita as regiões montanhosas. Murchar. 2 — Branquear com cal diluída em água. Erguida 3 — Estava. Exportho. Abreviatura de item. 4 — Batráquio. Receio. Sustento. 5 — Versejo Conjunção. 6 — Medida de líquidos da Holanda. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 7 — Esmurra. Base aérea portuguesa. 8 — Ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Invulgar. Eia! 9 — Pronome pessoal. Rijo. Quinhentos e cinquenta em romano. 10 — Nome de uma célebre família de fabricantes de instrumentos de cordo em Cremona, um dos membros da qual, Nicolau foi mestre de Estrádivario e de Guarnério. Peixes de água doce, em aquários domésticos, especialmente no Brasil. 11 — Peça de vestuário de tecido de malho que cobre o pé e a perna. (pl.). Transpirara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5114

HORIZONTAIS: 1 — Satã. O AMOR. 2 — Ede. Pir. Ode. 3 — Ri. Casem. H. 4 — Veios. Saiam. 5 — Oiros. Surro. 6 — É. Ana. 7 — Sanar. Badal. 8 — Aderi. Imarna. 9 — Mr. Comão. UM. 10 — BOM. Mar. Ala. 11 — Asia. Fios.

VERTICAIS: 1 — SERVO. Samba. 2 — Adiei. Adros. 3 — Te. Irene. Mi. 4 — Cão. Arc. 5 — Passaram. 6 — Ois. MAS. 7 — Ressabiar. 8 — MAU. AMO. 9 — Mé. Irada Af. 10 — Odiar. Anula. 11 — Reima. Lamas.

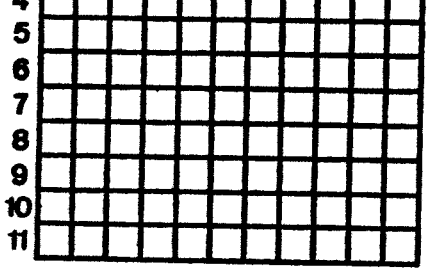
Provérbio: O AMOR é BOM SERVO, MAS MAU AMO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8958

HORIZONTAIS: 1 — Caruma. Exército. 2 — Rustico. Pequenos barcos de forragem (Bras.). 4 — Gálio (s. q.). Irmão de Moisés. Viração. 5 — Monarca 6 — Cidade da Arábia Espécie de batráquios anuros insectívoros 7 — Costume. Cidade do Peru. 8 — Agoro. Cidade de Espanha. Oásis. 9 — Despido (inv.º). Falta de trabalho. Basta. 10 — Rede de arrastar. Levantar ferro (Naut.). 11 — Guarneces de asas. Quinhentas folhas

VERTICAIS: 1 — Penhasco. Vila e concelho do distrito de Beja. 2 — Fama Canção e dança popular provenientes de Cabo Verde (pl.). 3 — Senhora Freguesia do concelho de Alter do Chão. Apelido. 4 — Leito. Aqui. Duzentos e um em romano. 5 — Cobrira de óleo. Atrás. 6 — Nota musical. Nome de homem. 7 — Socais. Rio da Alemanha que nasce no Tirol. 8 — Fasca. O mais. Voz usual entre os índios e caboclos da Amazónia e que exprime espanto, surpreso, alegria ou mofa. 9 — Base aérea portuguesa. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Abreviatura de «post scriptum». 10 — Freguesia do 2.º Bairro da cidade de Lisboa. Não mencionem. 11 — Planta vivaz e medicinal. Ave. trepadora.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8957

HORIZONTAIS: 1 — Meda. Leno. 2 — Asi. Bam. Mas. 3 — Op. Paris. Rs. 4 — Meter. Morra. 5 — Era. Aar. 6 — Açor. Sair. 7 — Adorado. 8 — Vê. Elada. Tó. 9 — Ota. Asi. Rir. 10 — Rufar. Afino. 11 — Amada. Sáfia.

VERTICAIS: 1 — Maomé. Ivora. 2 — Espera. Atum. 3 — Di. Toça. Afá. 4 — Pé. Ode. Ad. 5 — Bar. Relara. 6 — Pôr. Rás. 7 — Mim. Sadias. 8 — Sá. Aldo. Fó. 9 — Em. Raia. Rif. 10 — Narrar. Tini. 11 — Asar. Coroa.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Março de 1939 publicava:

«Há quem admita que o carácter pode evoluir com o progresso, fazendo mudar de ideias como quem muda de camisa, passar por todos os partidos e sempre pronto a passar o pé nos finais-contumélias para a frente e figa torta para trás, ou dominó para os dois lados. A imagem está naquele político do tempo de Fontes, que, quando apanhava este no Poder, só dizia «o sr. Fontes» e tirava o chapéu, e, quando o pilhava fora do Poder, só dizia «o Fonteca» e cuspia para o lado.

«É que o carácter, para ser a «marca indelével» ou a «nota perdurável», que corresponde á sua etimologia, tem de conservar através de tudo os seus elementos substanciais. Ou luz de projector ou de lanterna furta-fogo, ou toalha de mesa ou esfregão de cozinha, ou corrente que purifica, ou enxurro que enlameia.» (Dias Ferreira).

ENGENHEIRO
JAIME
PASCOAL DE BRITO

Ex-Chefe da Repartição de Melhoramentos Rurais do Ministério das Obras Publicas

MISSA DO 5.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua Família participa que amanhã, dia 14, pelas 19.15, na Igreja da Conceição Velha, sita na Rua da Alfândega, será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma, agradecendo desde já, reconhecidamente, a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. — Telef. 771639. (Ao Campo Pequeno)

INTERCAL

COMPANHIA NACIONAL DE CONSTRUÇÕES

S. A. R. L.

Capital: Esc. 2 500 000$00

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral Ordinária da «INTERCAL» — COMPANHIA NACIONAL DE CONSTRUÇÕES, S. A. R. L., para reunir no dia 31 de Março, próximo futuro, pelas 18 horas e 30 minutos, no escritório da sua Sede, em Lisboa, Rua Ricardo Espírito Santo, n.º 1, com a seguinte ordem do dia:

1.º — Discussão, aprovação ou modificação do Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, relativamente ao Exercício de 1968;
2.º — Eleição do Presidente da Mesa da Assembleia Geral e da Comissão a que se refere o Artigo 21.º do Pacto Social;
3.º — Ratificação da nomeação de um Administrador, nos termos do § 4.º do Artigo 8.º do Pacto Social.

Lisboa, 10 de Março de 1969.

O 2.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral
Eng.º *Filipe Carlos de Vilhena*

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1969

Limpeza interior e exterior de Serviços Hospitalares — Conc. Publico n.º 50/69.

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 ás 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 11 de Março de 1969

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
Manuel Briosa Pina de Jesus

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

Admissão de radiomontadores e radioperadores

Pelo prazo de 30 dias a partir da data do presente anuncio, está aberta a inscrição de candidatos do sexo masculino para radiomontadores e radioperadores de 3.ª classe. Os interessados deverão dirigir-se pessoalmente ou por escrito á Repartição de Segurança Aérea, Av. Alvares Cabral, 84-2.º, Esq.º, Lisboa, a fim de obterem as informações necessárias sobre as condições de admissão. As habilitações mínimas exigidas são: o curso de radiomontador das Escolas Industriais ou do Instituto dos Pupilos do Exército, o curso de radiomontador ou mecanico de radar da Escola Militar de Electromecanica de Paço d'Arcos ou outro curso equivalente.

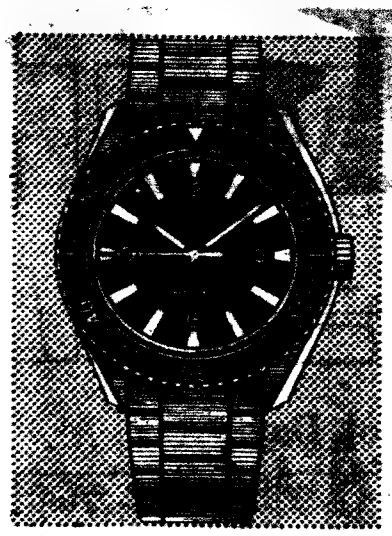
Ω
OMEGA
Constellation

Desde 3.900$00

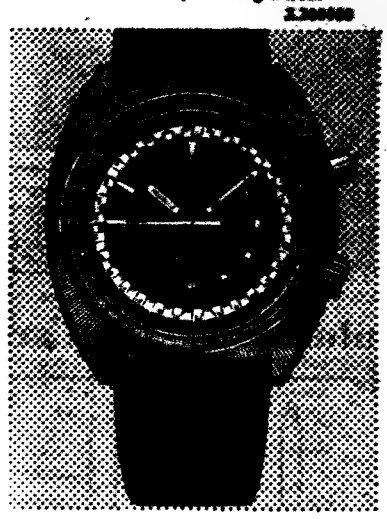
UM CRONÓMETRO QUE É O PADRÃO DA PRECISÃO SUIÇA

OMEGA, SÓ POR SI, PRODUZ MAIS CRONÓMETROS DO QUE AS OUTRAS 90 FÁBRICAS SUIÇAS QUE SUBMETEM OS SEUS ARTIGOS AOS DEPARTAMENTOS OFICIAIS DE VERIFICAÇÃO DA MARCHA DOS RELÓGIOS

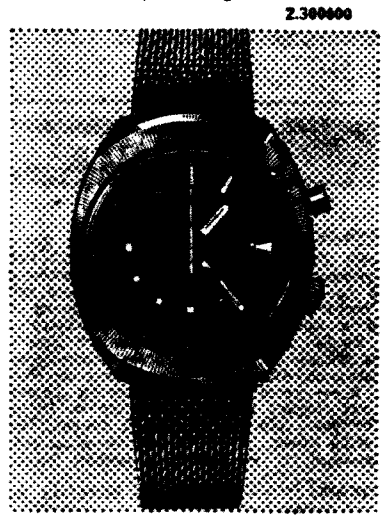
Os OMEGA CONSTELLATION são cronómetros automáticos, com calendário, impermeáveis e de que há, também, modelos com a indicação do dia da semana.
A sua precisão inegualável faz com que o OMEGA CONSTELLATION seja o cronómetro mais famoso em todo o mundo. A Garantia internacional OMEGA é válida em 163 países. É, portanto, um passaporte internacional da precisão.



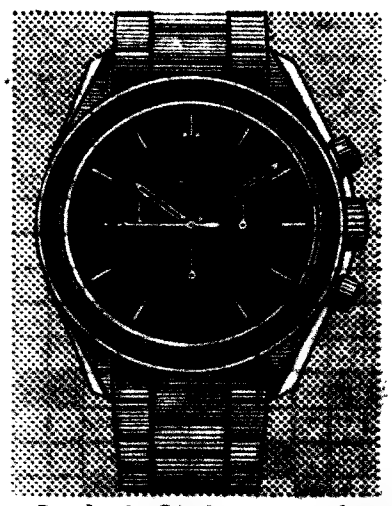
Seamaster 300. -Relógio para mergulho, cóm aro giratório. Impermeabilidade verificada até 200 metros. Automático, antimagnético.
2.300$00



Chronostop Seamaster. Com escala taquimétrica. Antimagnético e amortecedor de choques. Permite leituras de 1/5 de segundo.
2.300$00



Chronostop Genève. Modelo concebido para trazer por debaixo do pulso. Marca o 1/5 de segundo.
2.200$00 c/correia 2.800$00



Speedmaster. Cronógrafo com escala taquipredutométrica. Estanque, antimagnético e amortecedor de choques. Totalizadores de minutos e de horas.
4.400$00

A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS, COM GARANTIA INTERNACIONAL

Cada Omega é acompanhado de um certificado de garantia

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joalharia ÁUREA
Rua Áurea, 89

Ourivesaria do ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

Relojoaria MAURY
Rua Áurea, 302

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Ourivesaria NOGUEIRA & SOUSA
Rua Braamcamp, 74

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257

Relojoaria SUIÇA
Rua Áurea, 288

TORRES Joalheiros
Rua Áurea, 285

dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA: «A JUSTIÇA DOS DALTONS»

Eis Broderick Crawford no aeroporto da Portela, quando em 1961 passou por Lisboa. Protagonista de uma série que foi êxito, ficou sensibilizado com a popularidade que tinha entre nós. Bastante mais jovem, aparece hoje em «Noite de Cinema»

UM «WESTERN» norte-americano de 1940, exibido nesta emissão, pelas 21 e 55. Com Randolf Scott, Broderick Crawford, Brian Donlevy e Stuart Erwin nos principais papéis, esta película preenche, assim, a rubrica «Noite de Cinema».

Broderick Crawford (neste filme era ainda um jovem actor) tornou-se, há alguns anos, figura deveras conhecida e popular junto do público português graças à série «Hig road Patrol» (Polícia da Estrada) apresentada pela RTP. »

«O MOTOR E O HOMEM»

CERCA DAS 20 E 50, será emitida mais uma edição do programa quinzenal «O Motor e o Homem», coordenado por Alberto de Canha e Sá que é, também, o autor da rubrica «Homens e Aviões».

É o seguinte o sumário do programa:

— A Exposição Anual da Bicicleta e da Motocicleta, em Londres; A segurança dos motociclistas; Novos modelos de comboios e a estação de ensaios de Vitry; Segurança nas estradas e um novo computador antiderrapante; Novos carros experimentais e, finalmente, um filme sobre o superpetroleiro «Univese Ireland» — um gigante dos mares.

2.° PROGRAMA

FOLHETIM, TV CLUBE E UNIVERSIDADE NA TV

PELAS 21 E 50 é transmitido o 6.° episódio do folhetim «O Cavaleiro Tempestade», já apresentado no I Programa em 24 de Fevereiro do ano passado. Às 22 e 15, haverá «TV Clube» programa preenchido pela actuação do excelente conjunto alemão Hoshner.

Completa a programação de hoje, a rubrica «Universidade na TV» com dois documentários das séries «O Mundo e os Homens» e «A Vida e a História...»

O primeiro narra, por meio de desenhos e caricaturas da época, a primeira escalada do Matterhorn, realizada no 14 de Julho de 1865 pela equipa de Edward Whymper, que escolheu o lado suíço da montanha para a subida.

O Matterhorn é uma das mais altas montanhas da Cordilheira dos Alpes: 4482 metros acima do nível do mar e situa-se no Cantão do Valais.

O segundo filme intitulado «Luxemburgo — uma fortaleza de 1000 anos», conta um pouco de história desde minúsculo país, desde a sua fundação até aos nossos dias.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35. Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 38: 9.° Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela Orquestra Mantovani; 21 e 40: Variedades no Estúdio; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Góis; 22 e 51: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.° e 2.° actos da ópera «Rigoletto» (Verdi); 18: Música do século XX — Obras de Chostakovitch; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore Português — Música da Beira Alta recolhida por Artur Santo (gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: Música de piano de Mendelssohn; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Missa em dó maior op. 317 «Missa da Coroação» (Mozart); 21: Parte do concerto da série organizada pela Emissora Nacional, em que participa a Academia de Instrumentistas, sob a direcção de maestro Fritz Rieger; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em lá menor op. 42 (Schubert) — piano: Wilhelm Kempff; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Oriente; 1 e 15: Resumo do Programa.

2.° Programa (Cultural MF) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23 e 30: Festival de Saint Donat de 1968 em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 0 e 31: Quarteto n.° 3 (1927) de Bela Bartok — Quarteto de Camara «The Fine Arts»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — 19 e 10: Abertura e 1.° disco; 19 e 15: Nova musa; 19 e 32: U. R. I.; 19 e 50: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,15 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 28 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta fidelidade Phillips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecho.

Emissor de Miramar — 387,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea, 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Radio placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 15: Só rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,7 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical da Europa; 8 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades, 21 e 30: Fados por Carlos do Carmo; 21 e 45: Selecções; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa, 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular — Das 7 ás 8** e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

PROGRAMA DE HOJE

1.° Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Lanterna Mágica; 20 e 25: Nós as Mulheres; 20 e 40: Vamos Jogar no Totobola, 20 e 50: O Motor e o Homem; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 30: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.° Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim — «O Cavaleiro Tempestade»; 21 e 15: TV Clube; 22 e 45: Universidade na TV; 23 e 40: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.° Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto de Brinquedos; 20 e e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Tempo de Poesia; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «David Copperfield»; 22 e 25: Concerto; 22 e 50: Enigma; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.° Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «Voz Humana», de JeanCocteau, por Lourdes Norberto; 22 e 35: A Grande Aventura; 23 e 5: Concerto; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

O MELHOR JOGADOR FOI O 23.°: A TELEVISÃO INGLESA

Futebol, uma vez mais. Futebol como não podia deixar de ser. Futebol que veio de longe, da fria Albion, e que teve pelo menos a vantagem de evitar a visão em tele de algumas outras rubricas.

O público português não estava emocionalmente interessado na peleja, não é assim que se diz, em termos de agressividade local? Foi portanto uma visão calma, uma chávena de café sem cafeína, uma descontracção para os olhos...

...E ao mesmo tempo uma possibilidade de ver como que arte se transforma qualquer espectáculo em espectáculo para a televisão. Ontem estivemos disponíveis para assistir à manobra desembaraçada da câmara por todo o terreno, sem perder pitada do jogo. Detivemos o nosso olhar na água a formar piscinas dentro do campo, a transformar tudo aquilo em «terreno impraticável». Olhámos a odisseia (olhámos e sofremos, quer dizer: participámos intimamente, ou seja, televisivamente) a odisseia daquele homem isolado que debaixo de chuva percorre todo o caminho das cabinas até ao campo. E não ia jogar... Recordam-se quando o guarda-redes inglês pôs a bola em jogo com a mão? A câmara estava tão lá, tão lá — que por um pouco a bola não nos entrava em casa.

O sentido de humor britânico: aquele objecto insólito em que a câmara se demora é a borla de um gorro, como depois se viu num movimento lento... E quando a câmara acompanhou longamente um jogador francês só porque ele tivera a lembrança... de rematar á baliza inglesa...

Outros motivos de meditação? Certamente. A decadência do futebol francês, por exemplo, a favor do râguebi, e já se sabe a influência que as transmissões da TV exerceram nessa modificação. Outra: a não inclusão na equipe Bobby (como é que se escreve Charlton?) por fazerem falta ao seu clube, empenhado no campeonato europeu de clubes. Os ingleses têm razão: a riqueza de um conjunto é constituída pela riqueza de cada elemento. Não encontraremos aqui, a propósito de futebol, uma boa lição de patriotismo?

QUARTO DE BRINQUEDOS

Aquilo que se passou ontem no «Quarto de Brinquedos» não tem explicação. É que não tem mesmo. Maria Isabel Limão foi totalmente incapaz de organizar a rubrica; não houve a mínima relação entre os diversos capítulos; tudo assumiu o aspecto de uma improvisação. Por duas vezes se pediu aos meninos que fechassem os olhos. Fechar os olhos duas vezes? Caramba! Fechá-los uma vez já é demasiado.

A primeira preocupação de um educador é conhecer quem tem á sua beira. Nisso ainda a apresentadora falhou completamente. Com uma turma que dera provas já de grande turbulência e tendência para a dispersão, para a indisciplina, o que faz Maria Isabel? Ensina os o jogo dos pauzinhos: molho de pauzinhos no chão e agora vamos a ver quem apanha mais pauzinhos...

Como fácilmente se imagina, o ardor da competição tornou os meninos mais agitados, eufóricos — agressivos, mesmo. E a «bagarre» continuou...

Os operadores costumam ter uma acção importante no interesse televisivo desta rubrica. Ontem, recordo-me de um pormenor: enquanto Maria Isabel falava sobre papel

(Continua na pág. seguinte)

ANDAR

ALUGA-SE

Com 400 m2 em 2 grandes salões. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nos lojas) — Telef. 824350.

TELE RADIO e TV serv. permanente relampago TV fone 820726

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA
FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F.
E
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

AUTOMÓVEIS USADOS

FIAT 2100	1960
FIAT 1500	1963
CORTINA	1964
COMET 202	1964
M. G. 1100	1965
N. S. U. 110	1966
N. S. U. 110	1966
N. S. U. 100	1966
LOTUS ELAN	1966
COOPER S	1967
FIAT 850	1967
FIAT 124	1967
TAUNUS 12 M	1967
RENAULT — R 10	1968
NSU P 30	
ISABELA-COUPÉ	
BOND EQUIPE 1966	
CADILAC IMPECÁVEL	
PORSCHE 911	

AUTO EDUARDO COSTA
R. de Campolide, 27-B

GULBENKIAN — nome de nova rua na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 13 — Prosseguem os trabalhos de urbanização na nova rua Calouste Gulbenkian, de acesso ao novo edifício do museu e biblioteca municipais.

A construção custará um total de 14 mil contos e a sua ultimação está para breve, pois as obras estão muito adiantadas.

Além da biblioteca e museu outros edifícios estão a ser construídos na nova zona das Abadias, a qual se está a valorizar com novas construções residenciais. O novo arruamento parte da Avenida Eng.º Arantes e Oliveira, que já está parcialmente concluída e que leva ao Liceu Nacional, que começará ainda a funcionar no actual ano lectivo.

Aspecto exterior do mercado de Vila Real de Santo António

Compras à chuva no mercado de Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 13 — Já de outras vezes temos feito referência ao pequeno mercado de verdura vila-realense e à sua curiosa feição arquitectónica, que desperta a atenção de muitos nacionais e estrangeiros.

Dissemos que o mercado não possui dimensões para a população que serve, o que se acentua em especial no Verão, quando a frequência é maior.

Os seus quatro torreões estão a precisar de pintura, pois apresentam-se quase negros quando a sua cor original era o... branco.

Por outro lado, a falta de higiene continua e os utentes do pitoresco mercado estão esperançados que este aspecto mereça, também, a atenção da edilidade local.

Mas a falta de higiene interior e exterior não é tudo! Pois quando chove, certos pontos do telhado do mercado lembram o fundo roto de um cesto, o que obriga muitos fregueses a retirarem-se apressadamento do recinto e, até, muitos vendedores abandonarem os locais de venda.

As arrelias e as preocupações causadas, tanto a quem compra como a quem vende, justificam o rápido estudo e solução do problema.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu em combate, na província da Guiné, o soldado 12963768, José Alexandre Moreira Pinto, natural do concelho de Marco de Canaveses e filho do sr. António Pinto e da sr.ª D. Camila Moreira Pinto.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

canelado, um dos meninos entregava-se totalmente á sua brincadeira positiva. A mesma camara, porém, falhou outro pormenor importante de reportagem: na cantiguinha da «Loja do mestre André» (ora, ora, não há coco a medicina caseira!) estavam ao pé de Maria Isabel cinco meninos. Faltava um. Onde estava ele? A fazer o quê? A camara não disse E foi pena.

Voltando ao jogo competitivo: quer utilizando os pauzinhos, na Televisão, ou os palitos, em casa (como sugeria a monitora), quer-me parecer que aos quatro ou cinco é demasiado cedo para pôr os homens a competir. Este assunto tem de ser revisto no «Quarto dos brinquedos». Com urgência. — *M. C.*

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa

SEDE: Alameda D. Afonso Henriques, 45 — LISBOA-1
DELEGAÇÃO: Rua de Santo Ildefonso, 245 — PORTO

AVISO

ALARGAMENTO DO ESQUEMA DE BENEFÍCIOS — PENSÃO DE SOBREVIVÊNCIA — CONTRIBUIÇÕES

No «Diário do Governo» — II Série, n.º 38, de 14 de Fevereiro de 1969, foi publicado o novo contrato colectivo de trabalho para os industriais de electricidade, homologado por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 18 de Dezembro de 1968.

A cláusula 65.ª daquela convenção preceitua:

«1. E' criada pelo contrato a pensão de sobrevivência e, para os devidos efeitos, as empresas e os trabalhadores passam a contribuir para a Caixa Nacional de Pensões, nos termos do respectivo regulamento».

Nesta conformidade, avisam-se todas as empresas contribuintes desta Instituição que se encontrem filiadas no Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade que, com efeito **A PARTIR DE 1 DE MARÇO DE 1969** devem considerar o pagamento de contribuições para o novo regime em relação a todo o pessoal que tenham ou venham a ter ao seu serviço.

Para o efeito, as entidades patronais e os respectivos trabalhadores contribuirão respectivamente com 2 e 1 % sobre as retribuições pagas e recebidas na parte que não exceda o limite superior vigente.

Assim, deverão as empresas que se encontrem na situação indicada promover de 1 a 10 de Abril de 1969 o pagamento das contribuições devidas a esta Caixa.

No serviço informativo da Caixa — sede e delegação no Porto — ou pelos telefones 5 06 21 e 53 75 70 (Lisboa) e 2 53 34 e 3 37 55 (Porto), serão prontamente prestadas quaisquer informações, que sobre o assunto, forem solicitados.

Lisboa, Março de 1969.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

ESCAPE — ASSISTÊNCIA AUTOMÓVEL PERMANENTE, S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Ordinária, nos termos do Artigo 10.º dos Estatutos, para reunir no dia 31 de Março de 1969, pelas 17 horas, na sua Sede Social, Rua Castilho, n.º 72-A em Lisboa, com a seguinte ordem de Trabalhos:

1.º — Discussão do relatório do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal referente ao exercício de 1968.
2.º — Apreciar e deliberar sobre o Balanço e Contas encerrado em 31 de Dezembro de 1968.

Lisboa, 10 de Março de 1969
O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Carlos da Camara Pinto Coelho

TRANSUL
Empresa de Transportes, Limitada
HORÁRIO

CARREIRA N.º 42
VALE FETAL-VALE FIGUEIRA

Partidas V. Fetal	Partidas V. Figueira
7.20	14.25
8.05	18.40
14.30	20.40

CARREIRA N.º 23
FEIJÓ-VALE FIGUEIRA

Partidas Feijó	Partidas V. Figueira
14.15	7.25
18.30	8.10
20.30	14.35

Em vigor a partir de 1-4-69

COOPERATIVA DE CASAS ECONÓMICAS DOS FUNCIONÁRIOS CIVIS DO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

S. C. R. L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 55.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 31 do corrente mês, pelas 20,30 horas, na Rua dos Condes, n.º 9-2.º, Lisboa, (Sede da Casa de Moçambique), com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discussão e votação do Balanço e Contas do exercício de 1968 e o Relatório da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal;
2.º — Exclusão de sócios que se encontrem abrangidos pelo disposto no art.º 36.º dos Estatutos e no art.º 23.º do Regulamento.

Se não se encontrar presente, ou representada, a maioria dos sócios para a Assembleia funcionar em primeira convocação, reunirá esta, decorridos trinta minutos sobre a hora marcada, com qualquer número de sócios, e de harmonia com o estabelecido no art.º 54.º dos Estatutos.

Lisboa, 5 de Março de 1969.
O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Joaquim Ferreira da Silva

Homenageado o eng. Mascarenhas Caivão

Por, a seu pedido, ter sido aposentado, foi alvo de uma homenagem, tendo-lhe sido oferecido um jantar num hotel da cidade, o sr. eng.º Manuel Sárrea Tavares de Mascarenhas Gaivão, funcionário superior do Ministério das Obras Públicas, que foi governador civil da Horta e também de Faro.

O eng.º Mascarenhas Gaivão exercia actualmente o cargo de director do Gabinete da Habitação da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Campeonato Nacional de Futebol

(1. Divisão)

GUIMARÃES-BENFICA

DOMINGO, 16 DE MARÇO

A C P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Guimarães e volta, no dia 16 de Março, por ocasião do desafio de futebol «Guimarães - Benfica», ao preço de 140$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) ...	1.45 h
Chegada a Guimarães	7.45 h
Partida de Guimarães	18.05 h
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia) ...	0.16 h

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

DESPORTO

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Leixões-Sanjoanense ...	1
Varzim-Setubal	X
Atlético-Braga	1
Sporting-Belenenses	1
Guimarães-Benfica	X
C. U. F.-F. C. Porto	1
Salgueiros-Beira Mar ...	X
Penafiel-Famalicão	X
Valecambrense-Leça	1
Tirsense-Boavista	1
Montijo-Barreirense	X
Sesimbra-Portimonense.	1
Seixal-«Leões»	1

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino (2.ª Divisão): Ferroviário-Atlético e Sporting-Queluz, na Tapada da Ajuda, a partir das 21 horas.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, de seniores, apuramento do 5.º ao 8.º classificado: Faculdade de Ciências-C. D. U. L., ás 22 horas.

No Porto

AUTOMOBILISMO — *«3.º Rallye Lampreia»* — Encerramento das inscrições, ás 22 horas, na sede do Sport.

BILHAR — *Campeonato Nacional de Clubes*: F. C. do Porto-Leixões, na sala do Café Ceuta, ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — *Campeonato Regional Individual de Juniores*—Jogos nas salas do C D U. P. e do F. C. do Porto, a partir das 21 e 15.

VOLEIBOL — *Campeonato Regional de Reservas* — F. C. do Porto-Esmoriz (21 e 30) no ginásio da Escola Gomes Teixeira.

DIVERSOS — *Na Associação de Andebol do Porto* — 1.º curso de monitores, com palestras de Armando Campos (matérias do curso) e dr. Augusto Costa (traumatologia)

ONTEM, EM NEWCASTLE, PARA A «TAÇA DAS FEIRAS»

O ARDOR DO NEWCASTLE E A NEVE DE ST. JAMES PARK DERROTARAM (5-1) O VIT. SETÚBAL

Jacinto João, o internacional setubalense, foi ontem, em Newcastle, o «gato preto em campo de neve», aquele que mais perigosamente se esgueirou entre os vigorosos defensores ingleses.

NEWCASTLE, 13 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — Meridionais sedentos de sol, para mais com alguns africanos, os elementos do Vitória de Setubal, como não podia deixar de ser, estranharam uma temperatura de cinco graus negativos e a neve que caiu ininterruptamente e transformou o terreno de St. James Park em alvacento e escorregadio manto. Talvez nunca os representantes do Vitória se tivessem visto em semelhantes apuros. O frio e a neve tinham para eles acentuados — e indesejáveis — efeitos de ineditismo. E isso representou decerto atenuantes de vulto para a pesada derrota que sofreram ante um Newcastle ávido de evidência e empurrado, firmemente, por uma falange de apoio gritante em suas manifestações de jubilo.

O mau tempo não impediu que ao encontro houvesse afluido uma multidão de 60 000 espectadores, os quais deixaram nas bilheteiras a choruda quantia de um milhão e meio de escudos.

Alfredo, o defensor do Vitória que melhor suportou o embate com os rudes dianteiros do Newcastle.

Pode dizer-se que o embate teve este cariz predominante: ataque dos ingleses, insistente, maciço, implacável, e defesa porfiada dos portugueses — uma defesa enregelada, por vezes petrificada, talvez mais perturbada pelas condições atmosféricas do que própriamente pelas virtudes dos adversários. E foi a defesa que mais periclitante tornou a vida da equipa até em seus lampejos de jogo agradável, feito de movimentos acertados e quantas vezes vistosos gizados em especial a meio campo e pela linha avançada.

À subtileza dos portugueses, entrecortada de pormenores técnicos de valia, responderam, rudemente, os ingleses com rapidez... e força. Sem dúvida alguma, o poder atético e o sentido prático dos homens do Newcastle constituiram trunfo precioso em terreno tão pesado e diante de adversário tão paralisado pelo frio.

Vital, nas redes, teve muito que fazer, em defesas, em cortes de lances, mas também teve hesitações comprometedoras e uma falha de mais tomo na intervenção que originou o 4.º golo. No entanto, também não deixou de ser grande vítima das constantes incompreensões e da apatia e perturbação notadas aos colegas da defesa.

O terceiro golo do Newcastle pareceu-nos irregular. Com efeito, Davies, o autor do tento, deu a nítida sensação de deslocado, mas o árbitro não quis atender os longos e veementes protestos dos jogadores lusitanos. Esse 3.º golo, como tantas vezes acontece, ainda mais aturdiu quem o sofreu.

José Maria, o marcador do unico golo do Vitória de Setubal, no jogo de ontem em Newcastle

Na turma de Setúbal nasceu um raio de esperança quando José Maria, a centro de Figueiredo, colocou a marca em 4-1. Sempre era um golo obtido fora de casa, que nesta competição europeia por vezes representa dádiva preciosa, caso no outro embate se consiga chegar á igualdade no resultado, sem que o adversário consiga violar as redes do antagonista. E havia, nesta altura, apenas uma diferença de três golos... Mas o raio de esperança feneceu, abruptamente, quando, a um minuto do termo da contenda, os ingleses puderam fixar o marcador em 5-1. E o frio e a neve voltaram quiçá a penetrar mais no animo dos visitantes, que — repita-se — perderam, subjugados por aquele «cilindro» que rolava impiedosamente no gelo, mas que, em determinados períodos, conseguiram deixar ainda ao público inglês uma recordação de técnica individual e colectiva a todos os títulos apreciável. E em plano de mais relevo agiram José Maria e Figueiredo.

No Newcastle, os avançados, especialmente, viram a sua acção facilitada, mas revelaram, no entanto, arcaboiço atlético e um poder de infiltração fora do vulgar. Quer dizer: foi uma avançada forte de mais para uma defesa que actuou em circunstancias particularmente penosas.

Diga-se, igualmente, que nos movimentos ofensivos, o «team» inglês se mostrou mais apurado que nos exibidos pelo compartimento da defesa. É natural que em Lisboa o Vitória de Setúbal consiga rectificar, de maneira peremptória, a pesada derrota sofrida em James Park.

★

Equipas:

NEWCASTLE — McFaul; Craggs, Burton, Moncur e Clark; Gibb e Scott; Robson, Davies, Horsefield (Sinclair) e Foggon.

VITÓRIA — Vital; Herculano, Cardoso, Alfredo e Carriço; José Maria e Wagner; Jacinto João (Tomé), Vitor Baptista, Figueiredo e Arcanjo (Petita).

Árbitro: Curt Liedberg.

Ao intervalo, 2-0. Marcadores: Foggon (21 minutos), Robson (36 minutos), Davies (15 minutos da segunda parte), Robson (29), José Maria (39) e Burton (44).

Américo, Pinto e Gomes afastados da equipa do F. C. Porto

• Alberto, que se solidarizou com os companheiros poderá vir a ser utilizado.

Após os banhos de imersão no Hospital Geral de Santo António e quando se preparavam para seguir para estágio, em Esposende, alguns dos futebolistas do F. C. Porto, Gomes, Pinto, Américo e Alberto declararam ao treinador José Maria Pedroto não poder cumprir essa determinação. O técnico do clube das Antas ainda procurou demovê-los dessa decisão, sem, contudo, consegui-lo.

Antes do treino ontem á tarde, o técnico do F. C. Porto voltou a falar aos jogadores, chamando-lhes a atenção para as consequências do seu procedimento. Não teve melhor resultado esta segunda tentativa de José Maria Pedroto, o que, aliás, também aconteceu ao apelo feito pelo director do Departamento de Futebol do F. C. Porto, focando a necessidade dos jogadores acatarem disciplinadamente as decisões dos responsáveis.

Perante a intransigência dos referidos futebolistas o treinador portista decidiu afastá-los da equipa principal no jogo de domingo contra a C. U. F., embora Alberto possa vir a ser utilizado por se considerar a sua atitude como um acto de solidariedade com os companheiros, não lhe tendo, portanto, pertencido a iniciativa dessa atitude considerada de indisciplina.

Assim, quer Américo, como Pinto e Gomes, nem sequer deverão ser utilizados no jogo de reservas da Taça do Norte, e só na próxima semana é que a direcção do F. C. Porto apreciará o comportamento destes profissionais do clube.

Foi castigado com seis meses de suspensão o vice-presidente da Sanjoanense

• Mais seis dirigentes também punidos

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol reuniu ontem para apreciar o processo instaurado a alguns dirigentes da Sanjoanense acusados de terem feito declarações publicas lesivas da honra e prestigio dos membros do Conselho Técnico, a propósito do diferendo que aquele clube mantém com o Benfica.

Foi proferido no processo um extenso acórdão que pune com seis meses de suspensão o vice-presidente da direcção do Sanjoanense Manuel Ferreira Barbosa e com três meses os dirigentes do clube António Nicolau da Costa, Fernando Apolinário Correia, Simplicio Gomes de Pinho, Aureliano Rodrigues, Manuel José da Silva e José da Cunha Ferreira.

LUTA LIVRE AMERICANA

(TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA)

1.ª SESSÃO

AMANHÃ,

ÀS 21.45 H. NO

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Abertura solene do torneio, com desfile dos lutadores e execução dos hinos nacionais dos países participantes.

4 COMBATES DE 6 ASSALTOS DE 5 MINUTOS

ARBITRO: Prof. ÁLVARO SANTOS, mestre de luta do Ateneu Comercial de Lisboa

Lutadores inscritos no Torneio

TARZAN TABORDA (Portugal); MIK BARONE (Itália); LANDRO (Espanhá); MONTORO (Espanha); SHARON (Inglaterra); CASTAÑEDA (Peru); MAXEMILIANO (Peru); VELIZ (Espanha).

PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL, UM TORNEIO DE LUTA LIVRE SÉRIO E VERDADEIRO!
AUTÊNTICOS CAMPEÕES DO «CATCH» EM LISBOA!

MIK BARONE, o «bisonte dos ringue»

O sorteio dos combates, realiza-se esta noite na sede da Empresa.

TARZAN TABORDA, o verdadeiro e melhor lutador português de todos os tempos

Num sensacional Torneio de Luta Livre, de que toda a Lisboa já fala, presente os dois maiores lutadores da actualidade:
O português Tarzan Taborda, ex-campeão do Mundo, e o italiano Mik Barom, recente vencedor no Torneio Internacional de Montreal.

As bilheteiras nos Restauradores (Agência), já se encontram a funcionar.

Suspensas rigorosamente as entradas de favor.

(M/ 17 anos)

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O BENFICA EM BRUXELAS

— DE REI A VASSALO

BRUXELAS, 13 — (Especial para o «Diário de Lisboa» — Cerca de vinte e cinco mil espectadores assistiram ontem à noite à interessante festa de homenagem a três dos mais famosos futebolistas do Anderlecht: o guarda-redes Trappeniers, o defesa Cornelis e o avançado Van Hinst, todos eles com mais de dez anos ao serviço do clube. O grande atractivo da festa foi o jogo entre a equipa daquele clube (incluindo os três homenageados) e o famoso grupo do Benfica sem dúvida dos mais admirados pelos entusiastas belgas.

Poderá dizer-se que o jogo foi muito agradável e até emocionante, o que não seria de esperar tratando-se de uma partida que não desafiava ao maior espírito competitivo. O Benfica iniciou o jogo em grande estilo e durante meia hora encantou a assistência com o seu jogo elegante. A categoria técnica de quase todos os jogadores permite-lhes desenvolver jogadas brilhantes, de passes precisos e suaves, á maneira sul-americana. É uma «escola» de futebol só acessível a quem possui jogadores de grande técnica, como são Jaime Graça, José Augusto, Simões, Eusébio, Jacinto e o próprio Torres, este apesar das suas imensas pernas e de sua corrida «desajeitada».

O Benfica não colheu todos os benefícios possíveis desse seu excelente princípio de jogo, pois apenas obteve um tento, aos 23 minutos, marcado por Graça, a concluir uma jogada em que a bola andou, em passes repetidos, pelos pés de quase todos os jogadores portugueses, sem que nenhum belga conseguisse tocá-la. José Augusto e Eusébio tiveram ainda remates á barra da baliza do

Humberto Coelho, um valor que se afirma no «onze» do Benfica. Contra o Anderlecht o jovem defesa voltou a alardear a sua categoria.

Anderlecht, e foi num lance de surpresa que esta equipa obteve o golo do empate, por Van Hinst, aos 34 minutos, não tardando a colocar-se em vencedora, com um tento de Nordahl, aos 37 minutos.

A partir de então, os jogadores do Anderlecht ganharam um novo ânimo. Mais rápidos e possantes que os seus magníficos adversários, valeram-se dessas qualidades naturais para despedir ataques sobre ataques contra a baliza do Benfica, cujo guarda-redes — Henrique — passou a ser a grande figura do jogo, pois conseguiu defesas incríveis lançando-se aos pés de avançados que apareciam na sua frente sem qualquer outra oposição. Isto diz bem sobre a forma como a linha defensiva dos portugueses estava a ser ultrapassada, especialmente pelos flancos, pois tanto Devrint como Puis dispunham fácilmente dos seus «polícias» — Malta da Silva e Adolfo.

Ao começar a segunda parte, o Benfica substituiu Graça por Praia e poucos minutos depois fez entrar Cruz saindo Jacinto, mas passando aquele para o lado esquerdo. Adolfo transitou para a direita e Malta da Silva para a linha intermediária, até que ele próprio saiu para entrar Humberto Coelho. Mais tarde, já com o resultado em 3-1, o grupo de Lisboa fez mais duas substituições: Simões por Vieira e José Augusto por Águas.

O domínio do Anderlecht, nesta segunda parte, estendeu-se até ao momento em que Torres confirmou a sua fama de perigoso rematador com a cabeça, fazendo assim o segundo golo do Benfica. Daí em diante o Anderlecht perdeu ímpeto e os portugueses voltaram a controlar as operações.

O triunfo do Anderlecht foi justo, pois pertenceu-lhe a supremacia durante mais tempo e teve mais e melhores ocasiões para marcar golos. A sua firmeza e velocidade fizeram com que o Benfica passasse de rei (nos primeiros 30 minutos) a vassalo (em quase todo o resto do tempo).

Os melhores jogadores do Anderlecht foram Van Hinst, Puis, Dockx, Cornelis e Mulder. Dos portugueses terá de dizer-se que quase todos jogaram admiràvelmente no referido período de início, com destaque para Eusébio, Humberto, Graça e Simões. Ao longo do jogo, o mais brilhante dos portugueses foi, porém, Henrique, um guarda-redes extremamente ágil e decidido que parece desconhecer o perigo.

- **Anderlecht, 3 - Benfica, 2**
- **Futebol admirável dos portugueses ... mas só durante meia hora**
- **A rapidez belga destroçou a defesa adversária.**

Jogo no «Parc Astrid», em Bruxelas.

Árbitro: Minnoy (belga).

ANDERLECHT — Trappeniers; Heylens, Planskie, Kialunda e Cornellis; Nordohe e Dockx; Devrint, Mulder, Van Himst («cap.») e Puis.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto Fernandes, Raul e Adolfo; Jaime Graça e Jacinto; José Augusto («cap.»), Torres, Eusébio e Simões.

SUBSTITUIÇÕES: No início da 2.ª parte, Praia entrou para o lugar de Jaime Graça.

Aos 57 m. deste 2.º tempo CRUZ substituiu Jacinto, indo ocupar o lugar de defesa esquerdo, passando Adolfo para lateral direito, derivando Malta da Silva para médio.

Aos 65 m. Malta da Silva cede o seu lugar a Humberto Coelho, passando este a actuar em «líbero».

Aos 70 m. nova substituição no Benfica: Simões sai, dando lugar a Vieira.

Finalmente aos 71 m. José Augusto é substituído por Raul Águas.

Golos de: Jaime Graça, aos 23 minutos; Van Hinst, aos 33 e 66, e Nordahl, aos 35, e Torres, aos 77.

ASSEMBLEIA GERAL NO SEIXAL F. C.

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Seixal F. C. e a pedido da respectiva direcção, uma reunião da assembleia geral extraordinária, para discutir e apreciar uma proposta da direcção.

O guarda-redes do Benfica, José Henrique, que teve ontem destacada actuação em Bruxelas.

EFECTUOU-SE ONTEM O SORTEIO DOS JOGOS DA «TAÇA SADO»

Na sede da Associação de Futebol de Setúbal efectuou-se ontem á noite o sorteio dos jogos da 1.ª fase da «Taça Sado», competição destinada á categoria de reservas e em que participam o Luso, o Cova da Piedade, o Amora, o Sesimbra e o Trafaria.

A competição é disputada em duas voltas apurando-se os dois primeiros classificados para disputar a fase final com os dois apurados da Associação de Lisboa.

O sorteio determinou os seguintes jogos:

1.º dia: Luso-Piedade e Trafaria-Sesimbra;

2.º dia: Piedade-Trafaria e Sesimbra-Amora;

3.º dia: Amora-Piedade e Trafaria-Luso;

4.º dia: Piedade-Sesimbra e Luso-Amora;

5.º dia: Sesimbra-Luso e Amora-Trafaria.

A prova tem o seu início no dia 22 de Março.

NOVOS CORPOS GERENTES

A Casa de «Os Belenenses» de Queluz

Em assembleia geral foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa de «Os Belenenses» de Queluz, que ficaram constituídos do seguinte modo:

Direcção: Presidente. — Francisco de Jesus Fortunato; Vice-Presidente — Artur José de A. Carvalho; Secretários: — Ernesto António Correia e Rui da Silva Jacinto; Tesoureiro. — António Pinto Brás; Vogais: — José António Dias e Pedro Pinto Marques; Suplentes: — João José Roxo da Cruz e Martimiano Almas Figueiredo.

Assembleia geral: Presidente: — Alberto Correia; Vice-Presidente: — Augusto dos Santos; Secretários: — José Coelho Ribeiro e António Severino M. Sequeira.

Conselho Fiscal: Presidente: — Domingos Eugénio dos Santos; Secretário: — Manuel V. Cortes Primo; Relator: — Joaquim Soares Assunção; Suplentes: — Luís Rosa Lopes e António Eduardo Santos Pratas.

Entretanto, antes da eleição, foi apresentado o relatório e contas da gerência de 1968 e o parecer do Conselho Fiscal.

Acontecimentos DE ONTEM

TÉNIS DE MESA

TAÇA DE PORTUGAL (SENIORES)

Na terceira eliminatória da Taça de Portugal (zona Norte) os resultados foram os seguintes: Cultural das Antas, 3-Alvinegro, 0; C. D. U. P., 3-Portuense de Desporto, 0.

CAMPEONATO REGIONAL UNIVERSITÁRIO DE FUTEBOL

Letras, 1-Medicina, 6; Economia, 2-Engenharia, 0. A equipa da Economia comanda a classificação, com 4 jogos e 12 pontos, seguida de Medicina, com 4 jogos e 10 pontos. Em 3.os, estão Engenharia e Letras.

BADMINTON

1.ª jornada da Taça «R.S.L.»

Singulares-homens — Alegre dos Santos, C. D. L., venceu Jorge Paulos, Benfica, por 2-0; Marques da Costa, Benfica, v. Vilfredo Ribeiro, C. I. F., por 2-0.

Singulares-senhoras — Lavínia Pais, C. I. F., v. Lurdes Ganha, C. D. L., por 2-0.

Pares-homens — José Bento e Marques da Costa, Benfica, v. dr. Jorge Cruz e Tomás Matoso, C. I. F., por 2-0, e José Azevedo e Rui Damásio, Benfica, v. Alegre dos Santos e Guilherme Trindade, C. D. L., por 3-1.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relêvo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64

LISBOA

Homenagem à nadadora Olga Noronha

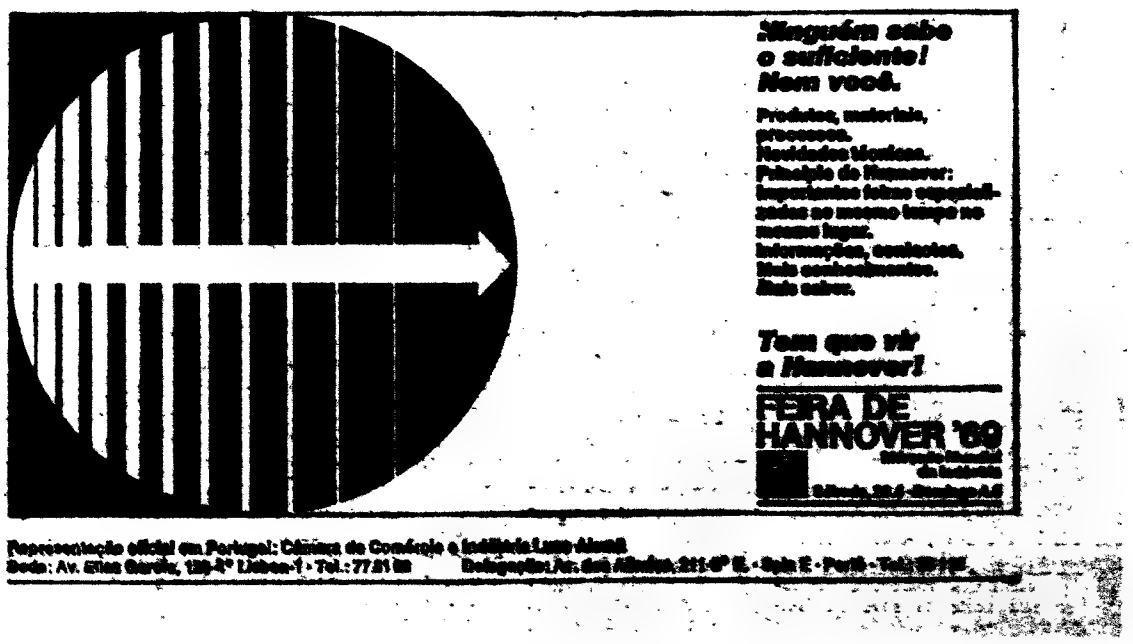
Está a ser preparado pelo Clube Fluvial Portuense uma significativa homenagem á sua mais prestigiosa nadadora Olga Noronha. A consagração da valorosa atleta efectuar-se-á no próximo dia 16, na piscina de Inverno do clube.

Olga Noronha em 20 anos de actividade, sempre no Fluvial, conquistou 43 títulos regionais e 14 nacionais, tendo representado o País numa edição dos Jogos Luso-Brasileiros.

Três equipas estrangeiras convidadas a particpar no Grande Prémio Riopele

PORTO, 13 — O «1.º Grande Prémio Riopele», a disputar entre 10 e 13 de Abril, é a primeira competição ciclista por étapas em estrada que se efectuará, no norte do País. A Associação de Ciclismo do Porto procura valorizar esta competição e nesse sentido estabeleceu contactos com equipas estrangeiras: a «Filotex» (italiana), a «Frimatic» (francesa) e a «Fagor» (espanhola).

Deverão, naturalmente, participar também as melhores equipas portuguesas, tanto mais que esta prova encerra ainda o aliciante da análise das possibilidades dos corredores nacionais com vista á formação da representação portuguesa que alinhará na «Volta» a Espanha», a realizar de 24 de Abril a 11 de Maio.



CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
A MAIOR BOLADA DO MUNDO
O roubo mais «sexy» da história
com Raquel Welch, Robert Wagner, Vittorio de Sica e Edward G. Robinson

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Gregory Peck, Eva Marie Saint num filme de invulgar craveira
EMBOSCADA NA SOMBRA
Technicolor · Panavision

QUINZENA
A INFÂNCIA NO CINEMA
AMANHÃ — 18.30 h.
OS DOMINGOS DE CYBELE
de S. Bourgignon
com Hardy Kruger, Patricia Gozzi, etc. (Adultos)
Próx. Quinz.: Espionagem (início a 17 de Março)

RESTELO
(M 12 anos) Tel. 616375
As 21.30 horas
ONDE ESTAVAS QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com Doris Day e Terry-Thomas

EUROPA
(M 12 anos) Tel 661016
As 15.15 e 21.30
Cinema de grande espectáculo
A REVOLTA DOS COSSACOS
c/ Silvana Mangano, Van Heflyn e Vittorio Gassman

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
Às 21.30
UM ÍDOLO DA CANÇÃO!
3.ª SEMANA
ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme com belas canções!

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
DUAS RAPARIGAS EM LONDRES
O MEU FUNERAL EM BERLIM

CONDES
Telefs. 32 25 23 32 67 10
(M 12 anos)
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON CLINT EASTWOOD MARY URE
Um espectáculo que é um desafio à sua coragem!
O DESAFIO DAS AGUIAS
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
STEVE McQUEEN e FAYE DUNAWAY
O GRANDE MESTRE DO CRIME
Um filme de classe invulgar

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15 e 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Roman Polansky
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow - John Cassavetes

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763680
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Roman Polansky
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow e John Cassavetes

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel 779095
Às 21.45 — 2.ª SEMANA
Um filme sádico e violento
FRANCO NERO
RESGATE HUMANO
EASTMANCOLOR
c/ Charlotte Rampling

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 21.30
3.ª SEMANA
Um acontecimento memorável na história do Cinema!
O DESAFIO DAS AGUIAS
com Richard Burton, Clint Eastwood e Mary Ure
70 mm — Metrocolor
O filme de fundo começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor...
TECHNICOLOR
ROMEU E JULIETA

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 48560
Às 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Carl H. Dreyer
«A PALAVRA» (Ordet)

ODEON
(Adultos) Tel. 326283
Às 5.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
A maravilhosa obra-prima
DÚNIA, A NOIVA ETERNA
com Eva Bartok e Ivan Desny
A odisseia de uma jovem vítima de falsas promessas de amor
AGFACOLOR

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, às 15.15 (P. r.) e às 21.30
EM 2.ª SEMANA:
A TRIUNFAL SUPERCOMÉDIA
O RANCHO DA INJUSTIÇA
com a incomparável
DORIS DAY
Uma mulher revolucionou o Far West. Foi a primeira que bateu o pé aos homens
TECNICOLOR

MUNDIAL
(Adultos) Tel 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª SEMANA
Carrol Baker Jean Sorel e George Milton no empolgante filme em Scope colorido
O DOCE CORPO DE DEBORAH
Metro estação Picoas

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Cenas de um realismo extraordinário num filme impressionante!
DAS ARDENAS AO INFERNO
com Frederick Starfford, Daniela Bianchi e Curd Jurgens

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite (pr. red.)
2.ª SEMANA
A história de um homem estranho que joga com a vida e a morte dos outros
JOGO PERVERSO
com Anthony Quinn, Michael Caine e Candice Bergen

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 791574
Às 21.30
Ar Condicionado
Parque Privativo
O LADRÃO DE QUEM SE FALA
com Camilo de Oliveira, Fernanda Borsatti, Luís Cerqueira, Leonor Poeira, Ray Furtado
A SEGUIR — Dia 18:
INTERLÚDIO DE AMOR
(M. 17 anos)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
A NOITE É PERVERSA
com Elizabeth Hartman, Geraldine Page, Peter Kastner e Rip Torn

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
DOUTOR, VAMOS A ISTO
O CASO IPCRESS

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
CAMARADA MINI-SAIA
O PROCESSO QUILER

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Maria Stuart» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45. «Tango» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e às 23: «A Preguiça» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU (Cinema) — Às 21 e 15: «Arena» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «O espião sai às nove» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Regresso de um ídolo» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Nas asas do amor» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «Elas são mais perigosas» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «A Rapariga e o General» (17 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «O regresso dos 7 magníficos» (17 anos)
OLIMPIA — Às 2 : «A justiça de Gringo» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 9: «O duplo homem» (12 anos)
B. ENCARNAÇÃO — Às 21: «James Bond 007 — Casino Royal» (17 anos)
UNIVERSAL — Às 2 : «Acidente» (17 anos)
B V LOURES — Às 21 e 30: «Operação Tubarão Branco» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «O Repasto das Feras» (17 anos)

● **Linha de Cascais**

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O terror das estepes» e «O Vale do mistério» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A hora da fúria» e «A ilha do amor» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 2 e 30: «A noite é perversa» (17 anos
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O ladrão de quem se fala» (12 anos)

● **Linha de Sintra**

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «A queima roupa» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Todas as noites às nove» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 2 «Um homem chamado Gringo» e «Os juízes da Bíblia» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Safari de diamantes» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ CINE — Às 21 e 5: «O estranho retrato de Jessica» e «Tunis máximo segredo» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30 «Três chapéus para Lisa» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A cabeça de martelo» (17 anos)

● **Outra Banda**

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «As girls» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «A vingança dos Vikings» e «Os espiões chamam Beirute» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «A Princesa» (17 anos)

RAMÓN CUÉ NO TIVOLI

Na próxima terça-feira, às 18 e 30, decorre no Tivoli um recital pelo padre Ramón Cué, o famoso jesuíta espanhol autor da célebre canção «Mi Cristo Roto», um dos discos mais vendidos de todos os tempos. O programa do recital compõe-se dos seguintes números, realmente excepcionais: «Dios tiene mano esquierda», «Compraventa de Cristo», «Se ha perdido una cruz», «De qué pie cojea Dios» e «Quién te partio da cara?».

Colabora no programa D. frei Hermano da Camara, o fadista que se fez monge.

O produto do recital destina-se ao Centro Social da Musgueira.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno D**

AJUDA — Mendes Gomes, Calç da Ajuda, 222 (638256) ● Tapada Lda. Calç da Tapada, 83-A (634721)
ALCANTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av Almirante Reis, 99-A (4 269) ● Romano Baptista, R Passos Manuel 6-0 (50593) ● Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (à Pr Paiva Couceiro) (84357)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B-C (71 68) ● Nova Iorque, Av Estados Unidos da América 40-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68 5 5)
AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 31-A (776235) ● Lusitana, Avenida de Roma, 8-A (735443) ● Chinde, R Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — Langenit, Avenida da Republica, 55-A (772 32) ● Providência, R D Filipa de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) ● Sá da Bandeira, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (4196 - 54672) ● Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (310172)
BAIXA — Simões Pires, Rua da Prata, 115 (362350)
BENFICA — Benfiluz, E de Benfica 444-A (782606) ● Alegria, Estrada de Benfica, 80-A-B (78051) ● Progresso, Estrada A-da-Maia, 54-C (702226) ● Macedo, Est do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — Andrade, R do Alecrim (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linalda, R Ferreira Borges, 30 (660955) ● Findar, R D Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Penincolor, Campo dos Mártires da Pátria, 117-119 (553308)
CAMPOLIDE — Renil, R Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ● Zénel, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) ● Nova, R. de Campolide, 197 (681475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R do Margem,15-B (ao Bairro do Grilo), (382470) ● Zema, R General Justiniano
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça 38-A-39 (862909) ● Higiénica, R Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patutela, R do Lumiar, 122 a 124 (790332) ● Douro Alam Linhas de Torres, 93-A-B (791 31)
MADRAGOA — Moderna, R Garcia de Orta, 24 (663117)
MOURARIA — Ferrão, R da Mouraria, 2 (860464)
ESTRELA E LAPA — Alb, R de Santana à Lapa, 56 (663562)
OLIVAIS — Simão Av de Berlim Rua D, 6-A (31058)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras 202-B (78084)
PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços 50-52 (610280)
PICHELEIRA — Marlux, Calç da Picheleira 40-B-C (720703) ● 128395)
S PAULO — Marcos do Nascimento, Calç Marquês de Abrantes, 36-A (664238)
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira 38-40 (638 321)
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R de Santa Marta 5-A 5-B (46490)
Sé — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-3 (869831)
MOSCAVIDE — Varela, Av Moscavide, 44 (2518520)

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — Almeida Nifo, Av. C G Guerra, 64 (212070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto, 186 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (2471054)
ESTORIL — Marques dos Santos, R Ferreira, J A., 15 (260116).
CASCAIS — Marginal, Av Marginal (280078) — A. Costa, R Freitas Reis, 24-C (280214)

● **Linha de Sintra**

AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) — Campos, R Elias Garcia, 85, (930072) — Clebel — R António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel 97 10 23).
QUELUZ — André, Av Elias Garcia 51 (950043) — Queluz, Av Miguel Bombarda, 123-A (95 841)
CACÉM — Central R Elias Garcia 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins 285, (2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)
SINTRA — Marrazes, (Vila), Lg Rainha D. Amélia, 20 (980155).
COLARES — Colares Abrelo, (Tel 2990881)

● **Outra Banda**

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (2240201)
ALMADA — Castro Rodrigues, R Capitão Leitão, 2-A (Tel 270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional 14 (224302)
BARREIRO — Normal, Av Alfredo da Silva, 116 (Tel 2273035)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues P 5 de Outubro, 62 (270121)
MOITA — Silva Rocha P da República, 6 (239029
MONTIJO — Giraldes — R Almirante Reis 45 (230008)
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (229028)
SETUBAL — Seromenho, P Machado Santos (27691) ● Alice P da Quebedo (23743)
SEIXAL — Godinho [illegible] 5 (22 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural). 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém). 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

FREQUENTE «O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telf. 51232 - 51365
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR
PRESENTES OS ROCK'S com EDUARDO NASCIMENTO
Telf 50529 - 51501

XANGAI
Av. Duque de Loulé 20-B
Telef 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h)
Telefone: 53 87 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
Parque privativo para automóveis
AR CONDICIONADO
(Maiores de 15 anos)

Lique
PASTELARIA SNACK-BAR RESTAURANTE
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Av. de Roma, 29-B
Tel: 77 77 23

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor João C. de S.
Sede Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 Portugal

JAMES EARL RAY AGIU SÒZINHO?

WASHINGTON, 13 — (A. N. I.) — O senador James Eastland, presidente da Comissão Judicial do Senado, afirmou ter dúvidas de que o assassínio do dr. Luther King tenha sido obra de um único homem.

«Tem havido e continua a haver no meu espírito algumas dúvidas sobre este caso. Estou a reunir todos os dados possíveis num esforço para responder a essas dúvidas», declarou acentuando:

«A pergunta óbvia é: houve comunistas envolvidos?»

Eastland disse ser também necessário averiguar como soube Ray que King ia para o Hotel Lorraine, em Memphis, como soube também qual era o quarto de King e que ele ia aparecer à varanda, sendo também indispensável, acrescentou, saber como alugou o compartimento que lhe proporcionava o ângulo de fogo para disparar o tiro fatal».

«Parece-me evidente que qualquer pessoa do hotel aconselhou Ray a esse respeito», salientou.

Eastland sublinhou ainda que outra das suas dúvidas se relaciona com «a pessoa que aconselhou Ray na sua intrincada viagem internacional».

Por outro lado, Arthur Hanes, que foi o primeiro advogado contratado para defender James Earl Ray da acusação de ter morto Luther King, e mais tarde foi substituído por Percy Foreman, afirma — em entrevista concedida à «Columbia Broadcasting Corporation» — que o seu antigo constituinte lhe contou que tivera cúmplices na preparação do crime.

«Suponho ter passado mais tempo do que qualquer outra pessoa em conversa séria com James Earl Ray, olhos nos olhos. Aprendi a conhecê-lo e sei muito bem quando estava, ou não, a falar verdade. Ele sempre me disse e acredito-o, perfeitamente, que não agiu sòzinho» — afirmou categòricamente Arthur Hanes.

De vez em quando

Eu bem sei que Março, marçagão, etc., etc. Sei também que falta Abril, o tal das águas mil, teimando em estragar anualmente um pretenso cartaz turístico. Eu sei, nós sabemos. Mas o Inverno tem sido tão rigoroso que todos ansiamos pelo seu termo. Acontece, porém, que se tudo caminhar como até aqui, ficam-nos poucas esperanças de que venha em breve a almejada e promefida Primavera.

V D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE ONTEM — Em Portugal Continental o céu estava encoberto, o vento era moderado de Sudoeste, caía chuva em todo o território.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra 5°; Faro 6°, Funchal, 9, Lisboa, 6°, Penhas Douradas, 7° Porto-Agre 3° Porto, 4°

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 6°,5; mínima: Penhas do Saúde, °,8

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 16° na água do mar: 4°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento moderado de Sudoeste; chuva por vezes forte

Amanhã
Nasce às 7 e 50
Ocaso às 19 e 42

Dia 18	Dia 24	Dia 2	Dia 9

MARÉS

PREIA MAR, Dia 8 — 2 e 30 (3,2 m) Dia 4 — 2 e 02 (3,5 m), 3 e 50 (3,4 m) Dia 15 — 2 e 03 (3,8 m) 14 e 46 (3,7 m) BAIXA-MAR: Dia 3 — 5 e 52 (1,6 m); 18 e 23 (1,7 m) Dia 14 — 7 e 14 (1,4 m); 19 e 33 (1,4 m) Dia 15 — 8 e 10 (1,1 m) 20 e 25 (1,2 m)

Condenados dois «SS»

STUTTGART, 13 — (F. P.) — Dois antigos «SS» membros do sinistro comando especial «1005» durante a última guerra, Hans Sohns (61 anos) e Fritz Zietlow (66 anos), foram hoje condenados pelo tribunal desta cidade, respectivamente, a 4 e dois anos e meio de cadeia.

Foram absolvidos dois outros acusados Walter Ernst Hergott e Fritz Kierstein ambos de 60 anos.

O comando especial «1005», chefiado pelo antigo coronel «SS» Paul Blobel, enforcado pouco depois da guerra, estava encarregado de dispersar os cadáveres que se acumulavam nas fossas comuns nazis dos países do Leste.

Os presos civis que os ajudavam nesta missão eram assassinados em seguida. Era necessário suprimir as testemunhas incomodativas

HOMENAGEM NO PORTO A HUMBERTO MADEIRA

Um grupo de amigos de Humberto Madeira resolveu organizar uma festa de homenagem ao popular actor, que se realizará no próximo dia 24 do corrente, no Coliseu do Porto.

Na homenagem vão colaborar muitos artistas do Teatro e da Rádio, alguns dos quais se deslocarão propositadamente ao Porto. Entre eles podem já citar-se os nomes de Raul Solnado, Eugénio Salvador, Marlema, Max e Hermínia Silva.

BALEIA MORTA E BUROCRACIA

SÃO FRANCISCO (Califórnia), 13 — (A. N. I.) — O arrendatário em São Francisco da Califórnia dos serviços camarários de recolha de animais mortos recebeu um choque do município.

Em vez dos gatos e cães mortos do costume, mandaram-lhe recolher uma baleia de trinta toneladas.

O cetáceo, que deu à costa quarta-feira perto de Golden Gate Park, provocou uma luta burocrática para fugir às responsabilidades.

«Não é da nossa conta, a não ser que haja crime no caso» — disse a Polícia, quando recebeu queixas por causa do mau cheiro.

A Guarda Costeira limitou-se a dizer que o animal «podia ser um perigo para a navegação», embora perto da praia nenhum barco possa navegar.

«Não é peixe nem caça» foi a resposta dos Serviços Estaduais de Caça e Pesca.

Por fim, o Departamento de Saúde Pública de São Francisco entrou em acção e chamou o arrendatário dos serviços camarários de recolha de animais mortos.

«Não se pode dizer que fosse o homem mais feliz da cidade quando lhe mandámos tirar a baleia dali» — declarou Jack Coyne, inspector-chefe do referido departamento.

Os serviços de recolha dirigiram-se então para a praia onde se encontrava a baleia, içaram-na com um guindaste para dentro de um camião e conduziram-na para uma fábrica de comidas para animais.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Interior

O dr Gonçalves Rapazote, titular da pasta do Interior, recebeu os governadores civis de Beja e de Braga que lhe expuseram assuntos de interesse para os respectivos distritos.

● Ministro das Obras Públicas

O engº Rui Sanches, ministro das Obras Públicas, recebeu o deputado sr. José Vicente de Abreu com quem tratou de assuntos respeitantes á variante rodoviária de Elvas; o dr Cunha Araújo, deputado pelo Círculo de Vila Real, que se interessou pela obra da estrada do Alto da Quinteia, entre Amarante e Arrentela; o bispo da diocese de Angra do Heroísmo; os governadores civis dos distritos de Faro e de Beja bem como os presidentes e vereações dos municípios de Silves e Ourique com quem tratou de assuntos relacionados com a estrada de ligação ao Algarve, por S. Marcos da Serra; o governador civil de Coimbra que tratou de assuntos ligados ao seu distrito; o governador civil da Guarda e o presidente da Câmara Municipal da Meda que lhe expuseram problemas respeitantes á estrada de Ranhados-Meda; o presidente do Município de Vila Nova de Fozcoa, que apresentou assuntos ligados á estrada entre Almendra e Fozcoa; e o dr Nunes Vicente com quem tratou de obras respeitantes á Clínica de Neurologia do Hospital de Celas, em Coimbra.

● Subsecretário das Obras Públicas

O dr Silva Pinto presidiu a uma reunião de trabalho em que participaram o governador civil de Braga e os presidentes das Câmaras Municipais de Braga, Famalicão, Vila Verde e Barcelos. Foram apresentados e estudados assuntos de interesse regional.

O subsecretário de Estado das Obras Públicas recebeu também o dr. Fernando Cruz, o engº Pinto Eliseu e o dr. Correia de Barros; e ainda o governador civil de Coimbra, o dr. Manuel José Homem de Melo e engº Blanc Nogueira.

Biafra propõe tréguas

LAGOS, 13 — (F. P.) — A Rádio Biafra, captada em Lagos, anuncia que o coronel Ojukwu propõe uma trégua de um mês, seguida de um cessar-fogo e de conversações sem condições prévias.

A NIGÉRIA REJEITA

O Governo Federal da Nigéria, por seu lado, rejeitou a proposta do Governo biafrense para suspender os combates durante um mês. Com efeito, um informador do Governo nigeriano declarou hoje que a proposta do Ojukwu era inaceitável para o seu Governo.

O informador do Governo Federal declarou, por outro lado, que a proposta biafrense, não é nova, foi feita depois dos recentes bombardeamentos do quartel-general do Ojukwu realizados pela aviação nigeriana. Provàvelmente, estes «raids» não foram estranhos á nova proposta de trégua, acrescentou.

Tensão na Ford Inglesa

LONDRES, 13 — (R) — Um ressentimento crescente contra os métodos americanos de administração parece estar a surgir em consequência da greve que há quatro semanas paralisa 40 mil operários das fábricas Ford na Grã-Bretanha.

Na base do problema esteve uma tentativa da direcção para introduzir novos contratos em que se previam sanções contra os operários que aderissem a greves não-oficializadas pelo sindicato. Os operários rejeitaram esses contratos por considerarem que a cláusula viola os seus direitos e entraram em greve simultaneamente exigindo aumento de salários.

Ontem as negociações entre os sindicatos e a empresa terminaram em desacordo e o conflito ameaça arrastar-se. Hoje, o jornal «Daily Telegraph», a propósito da greve, cita as palavras de um dos operários que disse: «Antes da Ford inglesa ser comprada pelos americanos reinava nas fábricas um ambiente de grande camaradagem. Podia-se falar com o director da mesma forma que se falava com um colega de trabalho. Nessa altura era tudo mais simples»

O jornal diz que os operários estão descontentes com a tendência americana para tornar tudo muito eficiente e brilhante de aspecto. E' citado como exemplo o «dossier» lindamente encadernado em que a direcção apresentava os seus pontos de vista numa altura em que decorriam ainda negociações com os sindicatos.

Morreu a criança portuguesa operada em Groote Schuur

O pequeno doente cardíaco António José dos Santos Lemos, ontem operado no Hospital de Groote Schuur pela equipa médica do prof. Barnard, morreu hoje — soube-se, ao princípio da tarde, em Lisboa.

O garoto, a quem a generosidade de um anónimo benemérito e amigo de «O Século» tornou possível deslocar-se á Cidade do Cabo, ainda ontem reconheceu a mãe após a operação e lhe sorriu com grande optimismo.

Daí, pois, a consternação que reina no Bairro da Madre de Deus, onde o moço residia com os pais. Efectivamente, um telefonema da mãe, D. Felismina Lemos, feito esta tarde para os familiares, fez apagar os sorrisos de esperança em muitos lábios amigos...

M/ 6 ANOS
DOMINGO, 16 DE MARÇO — ÀS 16 HORAS
TOIROS e JUVENTUDE
CAMPO PEQUENO
GARRAIADA DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE MEDICINA
«A CAVÁ-LO»
(4.º ANO)
JORGE CARVALHO / CARLOS EMPIS
«MATA-DOR»
D. JOSÉ PISCO
2 GRUPOS DE FORCADOS
ELAS acariciantes e meigas — ELES... acagaçados! «dumandados» por Ana Eduarda e Defensor de Oliveira
E ainda os hilariantes números
Cortejo à antiga Portuguesa, Corno-Ball e Vacinação Anti-Hong Kong e o mais que ao tempo se verá...
Telefones: 77 18 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69
Estão abertas as marcações para a temporada

Conta Universitária

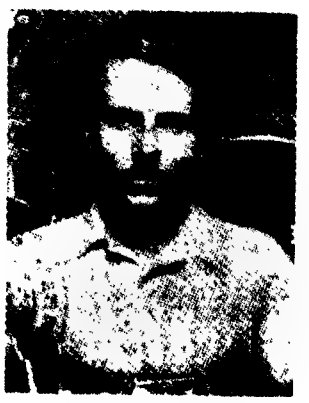
SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO
N.º 554/13 DE MARÇO DE 1969

MONS-TRUÁRIO DOIS

A crónica de Alexandre O'Neill
(página central)

CÉLINE: Processo reaberto

por Vítor Silva Tavares



O ÚLTIMO ROMANCE de Céline, *Rigodon* (que fecha o ciclo constituído por *D'un Château l'autre* e *Nord*), acaba de ser publicado pela Gallimard. Com ele termina a edição das obras desse Louis-Ferdinand Destouches, médico de profissão e sacerdócio, que pela palavra escrita, e sob o pseudónimo de Céline, garantiu o ódio (político) de muitos e a admiração (literária) de uns quantos. Para aqueles, sinceros democratas ou simples medíocres das letras que pela invocada opção julgam eliminar o que fica à vista, o itinerário ideológico de Céline (que foi violentamente anti-semita, anticomunista e pela Europa — ou pela «Paz» — dos alemães) destrói todo o possível mérito do escritor; para os outros (hoje em número crescente, dado o aparecimento de uma geração de leitores que não sofreu os dilemas da guerra e, portanto, os observa agora sob outros ângulos e com novas achegas), Céline não é sequer aquilo a que se poderá chamar «um grande escritor» porque atinge outra dimensão, de bem mais complexa abordagem: a de «monstro da literatura» — tal o ímpeto do seu mergulho «ao fundo da noite» (toda a assumida *abjecção* de um tempo de falências), tal, sobretudo, a criação de uma linguagem pujante de som e de fúria, torrencial, vulcânica, exaltada, que atinge aquele registo maior, aquela culminância onde a beleza (nocturna, secreta, insidiosa, quase inexprimível por tão absoluta) dói. Céline, como escritor, é esta linguagem — a linguagem de um Orfeu das trevas, irada e magnífica, orgulhosamente soberana, apaixonada até à litania. Não, não se trata de *exercício de estilo*, de «tricot» literário: trata-se de uma vivência feita oralidade («la petite musique», chamava-lhe Céline), orquestração tumultuosa, confissão aberta — a um tempo cruel e enojada — dos múltiplos compromissos e das múltiplas contradições de uma personalidade que escolheu o ódio como expressão de amor.

Sabe-se hoje (sobretudo pelos dois «Cahiers de l'Herne» consagrados a Céline e que «lhe prestam a mais literária das justiças» — Paul Morelle) que os actos do homem nem sempre acompanharam (quando não desmentiram) as suas aberrações ideológicas. O citado Paul Morelle, num artigo publicado no jornal «Le Monde», arrisca que «sob a Ocupação, ele (Céline) não foi pròpriamente um colaborador, talvez nem mesmo pró-alemão», sendo então (como que) «um bufão das peças shakespearianas que acompanha os exércitos triunfantes, mas para os achincalhar», seguindo-os na derrota «não por idealismo ou fidelidade políticas, mas para evitar a sorte trágica que sem dúvida lhe estava reservada». Não é isto, evidentemente, uma reabilitação (aliás, e mesmo neste ponto melindroso — sobretudo para os candidatos a juízes imparciais —, muito mais claramente promovida pelos «Cahiers de l'Herne», que fazem publicar alguns documentos reveladores), nem se trata, aqui, de passar a esponja sobre os *parti-pris* «filosóficos» do escritor, seu jogo falhado ou sua arrostada maldição — questões que o próprio enfrentou como o não faria o melhor advogado, de acusação ou de defesa. Tratar-se-á, isso sim, de reconhecer em Céline (fora do tribunal em que ele foi, é e será julgado) o extraordinário narrador de uma extraordinária experiência que se quis sempre pessoal, vivida até às fezes, cumprida e autenticada — para a morte irremediável do cidadão, para a permanência da testemunha que ele foi de um mundo apodrecido, para a glória da expressão literária em que ele verteu a sua danação.

«Ressuscitado» na Itália, nos E. U. A., na Alemanha (onde a Rowhlt lançará a tradução de *Nord*), na Argentino, na própria França (refira-se a reedição pela 10/18 do tão «comprometido» como brilhante ensaio de Dominique de Roux «La mort de Céline»), acusado na Rússia — passado o tempo (1934/1939) das cinco edições da *Viagem* que foi traduzida por Elsa Triolet — de «anti-humanista», «decadente», «modernista», «monstro moral», «útil à reacção», Céline aí está no *Rigodon* como em *Mort à Crédit*, exposto ao processo. Processo civil? Sem dúvida, ainda e sempre. Mas agora e sobretudo, processo literário: que há tudo a investigar sobre uma obra que se furtou à definição necrológica.

Para este processo contribui sem reticências, esquecido até dos riscos possíveis, o jovem J.-M.-Le Clézio, autor do admirável texto «Como se poderá escrever doutro modo?» que nesta página se reproduz.

Destouches morreu a 1 de Julho de 1961. Congestão cerebral. Fantasmas demoníacos. Solidão pavorosa. Louis-Ferdinand Céline, a voz de Louis-Ferdinand Céline está viva e fera: é só escutá-la, à «petite musique», se para tal e tanto houver a coragem de não se estar surdo.

●

De uma entrevista a Céline, pouco antes do fim:

— Vous avez été heureux?

— Jamais!

Como se poderá escrever doutro modo?

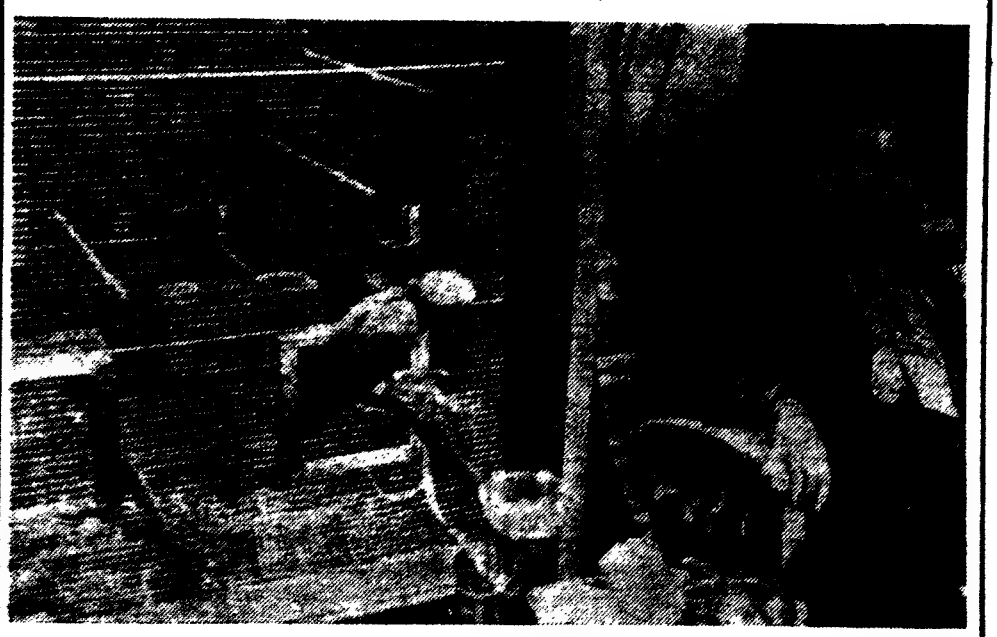
por J.-M.-G. Le Clézio

NÃO SE PODE deixar de ler Céline. Tarde ou cedo a ele se volta, porque é assim mesmo, porque ele aí está, porque não se pode ignorá-lo. A literatura francesa contemporânea passa por ele, como passa por Rimbaud, por Kafka e por Joyce. Céline pertence a esta *cultura* em perpétuo nascimento, que é, de qualquer modo, o sonho do pensamento moderno.

A ele se volta, e, contudo, ele nada faz para isso. Não procura os fiéis. Recusa-os. Não pretende fazer parte da cultura, fechou a porta do seu universo, e zomba. Aqueles que se aproximam, ele afasta-os. Escapa a todos os que procuram encerrá-lo na grande máquina das classificações e dos sistemas. Sabe estar longe das homenagens. Não aceitou a sepultura.

Nele não há nem altos nem baixos, nem entradas nem saídas. Não propõe nenhuma forma geométrica, nenhum género, nenhuma cartilha. Contudo, sabe-se que uma parte do mundo lhe pertence. Ele está sempre presente na memória — verdadeiro, inteiro, exemplar. Permanece vivo.

É que ele situa-se resolutamente na negação. A ideia da revolta — contra a burguesia, o dinheiro, as armas, a ordem — não teve tempo de se tornar utilitária. Ele realizou-a num só movimento, em que a reflexão não interveio. Não há crimes na literatura, não pode haver-los. Mas há o insulto. É assim que Céline recebe aqueles que se aproximam dele: insultando-os. O insulto é uma das formas primeiras da linguagem, seja ela directa («Seus mulas! Aldrabilhas! Pedaços de cuspo! Fedorentos! Pendurticalhos! Parlapatões! Eh! Sarnosos!») ou formando-se através de uma anedota, de uma imagem: «Mas, pensando bem, e em suma, a minha súcia raivosa prejudica-me fortemente, claro!... Mas protege-me dos burgessos... Desconfio das pessoas que passam... dos desconhecidos... e dos conhecidos! Ouvem os cães ladrar... Põem-se à coca ...e ala, mela-volta!... Os assassinos não gostam de correr riscos!... São mais prudentes a matar-vos que um burguês a comprar



Céline, no fim da viagem: «Eu, não perdoo nunca».

acções...» Trata-se sempre do mesmo *acto* de agressão que prevê o mal e o combate por meio de um outro mal. Linguagem que não procura seduzir de maneira linear, mas que age por uma série de chicotadas, linguagem que se alicerça na dor. É pela dor que Céline escapa à literatura, que ele fica, por assim dizer, de fora, fora de alcance. Não jogou o jogo. Não admitiu o romance, nem a história. Não aceitou a sociedade dos homens.

É, ainda, o insulto, a linguagem ejectada, sincopada, impulsiva, onde cada ponto de exclamação é uma barreira contra a qual embate a inteligência (o ponto de exclamação é, antes do mais, o sinal de um ponto mudo) que exerce uma tal fascinação sobre nós, que fomos dominados pela linguagem coerente. Fascinação feita de horror, e júbilo feito de medo. Alguém escolheu ficar de parte, alguém escolheu ser testemunha.

O veículo deste insulto continuamente eriçado contra nós é uma linguagem marginal, entenda-se. O calão célinfano nada tem a ver com o do romance populista ou o do romance policial. Poderá ser o calão da guerra, como em *Casse-pipe* e *Guignol's Band*. Mas em *Voyage*, *Mort à crédit* e *D'un château l'autre* é verdadeiramente uma *outra* língua que Céline inventa, código secreto de que somos deliberadamente excluídos. Com o hermetismo da linguagem, nós desco-

(Continua na página seguinte)

Equilíbrio difícil

CHAPLIN
Antologia de textos de Eisenstein, Bazin, Sadoul, Lefebvre, Mitry, Aragon, etc.
Colecção «Cadernos de Cinema» n.º 3
Publicações Dom Quixote

O NOVO VOLUME dos *Cadernos de Cinema* editados pela *D. Quixote* é dedicado a Chaplin. Depois do excelente acolhimento do volume dedicado a Antonioni e do relativo desinteresse com que — apesar do interesse dos textos — foi recebido *Cinema Novo, Novo Cinema*, é previsível o êxito deste lançamento e é possível ao mesmo tempo, fazer uma constatação e levantar um importante problema.

A constatação — provisória e talvez optimista — é a de que, agora e entre nós, o livro sobre cinema encontra um público leitor desde que o seu preço seja relativamente módico. O problema é o de que esta aceitação só parece ser segura e em razoável escala quando o assunto versado está na imediata ordem do dia, isto é, está em moda. Antonioni, para além da enorme e real importância da sua obra, é um cineasta na moda! Quem sabe (ou quer saber) o que é o cinema novo, um cinema afastado dos grandes circuitos comerciais, um cinema cujas melhores expressões vêm frequentemente de «desprezíveis» países subdesenvolvidos?

O êxito do volume sobre Chaplin é previsível justamente porque este vem a lume num momento em que, para além de um enorme êxito de público (por boas ou más razões), *A Condessa de Hong-Kong* desencadeia uma das maiores polémicas cinematográficas dos últimos anos.

E aqui se gera um possível conflito entre uma escala de prioridades culturais (de que — cremos — os orientadores da colecção estão bem conscientes) e a necessidade de manter rentável o empreendimento através de uma «actualidade», de uma obediência a modas que pode levar à subversão de dita escala de prioridades.

Porque não há dúvida que é mais urgente chamar a atenção para, por exemplo, o *cinema novo* brasileiro (que, com excepção de *Vidas Secas*, desconhecemos) do que continuar a discutir Antonioni. Embora, sublinhe-se, uma coisa não exclua a outra.

O equilíbrio é difícil. E, na realidade, o que aconteve é que falta um elo fundamental entre o filme e o público: a revista especializada. Seria essa que, pela diversidade de matérias abarcadas, assumiria, sem grande dificuldade, o conflito indicado e preparaia o terreno para uma colecção como a da *D. Quixote* (pode-se imaginar uma colecção como a *Cinéma d'Aujord'hui* da *Seghers* editando monografias sobre cineastas ainda há poucos anos considerados menores sem a acção prévia de uns *Cahiers*, de um *Positif*, de um *Cinéma?*)

Nesta incómoda situação contra a qual pouco poderão os seus orientadores, o *Chaplin* dos *Cadernos de Cinema* surge como o mais equilibrado dos volumes da colecção. Na medida em que proporciona um variado e assaz completo leque de opiniões sobre o genial realizador-intérprete e a sua obra, os elementos do qual possuindo, para além de perspectivas por vezes bastante divergentes, o denominador comum de uma básica seriedade cultural (contrastando assim, por um requinte de humor cujos intuitos críticos são evidentes, com as breves «opiniões» de Lopes Ribeiro, Moutinho Múrias e... Robert Taylor que, em dado momento, se reproduzem). Na medida em que, principalmente, cerca de metade do livro é dedicada a esclarecedores textos do próprio Chaplin, anteriormente dispersos e de difícil consulta.

Apenas um pequeno senão: a omissão de certos textos relativamente recentes que intentam uma revisão e revalorização da obra de Chaplin (e, nomeadamente, dos seus mais recentes filmes) segundo uma metodologia crítica particularmente rigorosa e menos «literária»: se, quanto a estes, temos o prazer de encontrar na colectânea uma excelente passagem de Henri Lefebvre (extraída da *Critique de la Vie Quotidienne*), faz-se sentir a ausência de um Guido Aristarco, autor de algumas das melhores análises jamais escritas sobre o autor de *Tempos Modernos*.

M. M. L.

HERMANO NEVES: «A morte banida do meu canto»

Do amor insubmisso

CHEGAM-NOS de Paris, com um amável cartão do autor, os dois últimos livros de Hermano Neves, editados ambos por Pierre-Jean Oswald: «*L'impudique poursuite*» e «*L'important c'est aimer*». Poucas páginas. Versos curtos, tanto quanto possível despojados de retórica. E no entanto bastam para revelar-nos uma vivência gravada a fogo na carne deste autor inquietante e inquieto, manipulador subtil da sua melancolia superável.

Poderíamos dizer que o tema central é o amor, tal a recorrência obsidiante ao longo das duas obras. Mas não só. Amor vê-o Hermano Neves como «paixão lúcida e louca». Do outro lado está o medo, está a morte. Se todo um livro arranca duma experiência amorosa concreta («*L'important c'est aimer*», onde lemos que «só o amor poderá salvar os homens, só os homens poderão salvar o amor», e ainda «preciso tanto de amar, quereis-me mal por isso?»), esse júbilo esbarra contra forças ameaçadoras. «As mulheres têm medo»: talvez mesmo aquela que entre todas é a grande amorosa. E há a morte, «a morte (...) banida do meu canto», o inimigo absoluto do poeta. Que o canto não despede por completo.

Quem é Hermano Neves? Um homem só. «Cada um de nós ficará só», diz ele. A solidão parece-lhe «um terrível côncavo», de onde o grito amargo em «*L'impudique poursuite*»: «para me agarrar só me tenho a mim».

Um homem só em luta com o mundo batoteiro. A princípio indiferente: «estou-me nas tintas/ se eles fazem batota». Depois erguendo-se de um salto: «a miserável batota/ pode acabar!»

O amor, finalmente, como proposta de solução. «Só e nu», o poeta assume apesar de tudo as palavras solares da esperança. Aparecem as notações precisas. Honfleur, uma estação de onde o amor parte. Hermano Neves fala agora «a todos os apaixonados», finca os pés para cantar um canto luminoso, derradeiro modo de banir essa morte que o desnuda e o encosta às traves do desespero.

Poesia sem retórica, poesia eminentemente oral, mas duma oralidade crua, desmistificadora, insubmissa. É a revelação dum poeta, e apenas lamentamos que ela se não faça na língua materna. Neto do grande jornalista do mesmo nome, Hermano Neves fica a dever-nos esse passo.

G. L.

Tradição e cultura espiritual

NA FRONTEIRA
por Paul Tillich
col. «Linha de Risco»
Moraes Editores

NOS ESTADOS UNIDOS, onde vive há mais de 30 anos, Tillich é considerado o grande medianeiro e intérprete da espiritualidade ocidental; as suas obras e o seu magistério impuseram-se ali, e em todo o mundo culto, como um elo de continuidade entre os fundamentos da tradição ocidental e a cultura espiritual do Novo Mundo.

Na Fronteira é uma síntese da obra deste pensador e homem de acção que foi galardoado em 1962 com o Prémio da Paz instituído pelos livreiros alemães. Adversário de todos os absolutismos, teólogo que procura dar uma unidade de expressão às diversas correntes contemporâneas, todo o seu esforço se orienta «no sentido de transportar para o mundo e para o homem do século XX a antiga mensagem do cristianismo» — escreveu Gotthold Müller. O existencialismo filosófico e as mais importantes doutrinas sociais do nosso tempo são na sua essência, aos olhos do grande filósofo alemão, pontes de acesso aos cristianismo. Discutíveis para muitos mas extraordinàriamente ricas de perspectivas, as teorias de Tillich são de uma amplitude admirável e transportam o nosso tempo a uma dimensão verdadeiramente generosa e plena de sugestões renovadoras. *Na Fronteira* encontram-se os principais vectores do seu pensamento. No muito que tem escrito transparece aquela linguagem nova que o tornou acessível ao homem contemporâneo, ao mesmo tempo que, ali também, se sente a marca de uma inquietação viva e actuante na aferição dos valores das sociedades de hoje. Poucos homens conseguiram como ele ligar despolaridades e associar mediações numa fronteira de universalidade. Poucos têm tido nos conflitos espirituais da sua época uma visão tão global, sem que para isso se fizesse recurso à transigência ou aos esquemas precários.

J. M. L.

A edição francesa

Entre os livros de bolso que serão publicados em França no mês de Março assinalamos os seguintes:

— na colecção «Evolution de l'humanité Poche» (Albin-Michel): Maurice Gaudefroy-Lombines, *Mahomet* e Robert Lenoble, *Histoire de l'idée de nature* (inédito importante).

— na colecção «Idées» (Gallimard): Paul Valéry, *Monsieur Teste;* René Descartes, *Les passions de l'âme;* Hegel, *Leçons de philosophie de l'histoire.*

— na colecção «Théâtre du monde entier» (Gallimard): James Saunders, *La prochaine fois, je vous le chanterai;* Arnold Wesker, *La trilogie* (de um dramaturgo que o público português começa a conhecer).

— na colecção «Questions d'Histoire» (Flammarion): Charles Deyon, *Le mercantilisme* (uma síntese sobre o tema).

— na colecção «Poésie» (Gallimard): Henri Pichette, *Les Epiphanies;* Apollinaire, *Poèmes à Lou.*

— na colecção «Écrivains de toujours» (Seuil): Ludovic Janvier, *Beckett*

— na colecção «Que Sais-Je?» (P.U.F.): Jean Poirier, *Histoire de l'ethnologie;* Claude Mossé, *Histoire des doctrines politiques en Grèce.*

— na colecção «Politique» (Seuil): Marcel Niedergang, *Les 20 Amériques latines* (versão actualizada, em 3 volumes, de uma obra importante de um conhecido jornalista de *Le Monde*).

Como se poderá escrever doutro modo?

(Continuação da pág. anterior)

brimos o sistema célinano; a recusa já não é somente uma atitude perante o mundo, é, também, a invenção de um *outro* mundo.

Este particularismo é assustador. Mas, uma vez transposta a barreira (e para tanto devemos abandonar toda e qualquer pretensão de julgamento), eis-nos inventados pelo sistema. Quem leu a *Voyage*, e, sobretudo, a extraordinária *Mort à crédit*, quem as viveu, está sujeito às regras do universo céliniano: como se poderá escrever doutro modo? Como fugir ao incêndio deste olhar, como fugir à monstruosa ferocidade do mundo? Céline é daqueles que é preciso esquecer para poder viver.

É que no universo de Céline nada é gratuito. Nada é imaginado. Esse mundo existe, bem perto de nós, do outro lado do vidro do nosso compartimento. A *Viagem ao fim da noite* é aquela que nos aproxima desta realidade da recusa, desta outra verdade. Não espanta que livros destes sejam itinerários. Não no espaço, nem no tempo, mas através do espectáculo do conhecimento. Enquanto os escritores, os verdadeiros (mas não serão estes os falsos?), observam o espectáculo do lado de fora, Céline atrai-nos para o interior das coisas. Bardamu é o eterno adolescente a quem o mundo não cessa de abrir as portas da aventura. Aventura em direcção à dúvida, ao horror, aventura em direcção à lucidez e à destruição.

Céline não se abriu à linguagem senão para isso: execrar. A sua infelicidade, e a nossa, é a de se ter reconhecido um dia sobre os traços de Jonkini criança, o inocente que não sabe falar. Mme. Merrywin bem se fartou de lhe dizer: «No trouble, Jonkind! No trouble!», o caos foi descoberto. A infelicidade, a dúvida, a morte mostraram o seu rosto sob as máscaras. Então, nada mais a esperar. Nada mais a perdoar.

«Eu não respondia nada. Mantinha-me ali, eu, em sentido. Ele dava palmadinhas no revólver. De facto, eu não compreendia nada. Ele ainda devia guardar-me rancor. Eu, não perdoo nunca.»

Nada mais. Quase mais nada. Um fio muito fino, mal visível, que liga à terra. Um pouco de vento, um pouco de medo e o fio tenso partir-se-á, deixando esgueirar-se a esfera de vida preciosa.

Escrever é este fio.

Para Céline, como para Kafka e Rimbaud, não se tratava já então de alimentar o grande concerto da inteligência. Nem de contribuir com a sua migalha para a criação de uma consciência universal. Tratava-se, apenas, com pleno conhecimento dos prazos, de ficar vivo, inteiramente vivo, pela alma e pelos sentidos. Então, as imprecações e os insultos já não são meras palavras, ou gritos de socorro. Os pontos de exclamação já não são apenas agoas. Destouches, velho curandeiro, tu és talvez aquele que saberá lancetar os nossos panarícios.

J.-M.-G. LE CLÉZIO

Após a paisagem

por Rocha de Sousa

NORONHA DA COSTA
Galeria Quadrante

A Galeria Quadrante apresentou, no dia 3 de Março, uma significativa exposição de objectos de Noronha da Costa, artista dos mais polémicos, prefaciada por uma carta aberta de Fernando Pernes, crítico dos mais responsáveis, e intitulada no catálogo com o seguinte destaque: «Magritte após Polanski». Discretamente do ponto de vista gráfico, mas ostensivamente como atitude crítica, provocadora e explicativa de um certo estado de coisas, o artista fez publicar uma nota em que (afinal) assim se auto-significa: «Descontos especiais às instituições responsáveis pelas artes plásticas em Portugal».

Pintura de Noronha da Costa: contestação versus integração

AS PROVOCAÇÕES NECESSÁRIAS

Esta provocação não corresponde, na sua agressividade imediata, irònicamente ambígua, à linha de comportamento de Noronha da Costa como pintor — onde ele se faz pólo de problemática bem demarcada e, ao mesmo tempo, se organiza na capacidade contestativa dos meios pictóricos comuns. Ou até dos que geralmente se aceitam como de vanguarda. Mas essa contestação articula-se no tecido da obra, na sua original formulação, no programa em que ela diversamente e por contraste se integra, parecendo negar aos outros caminhos, pelo seu poder de sugestão, a legitimidade e a força que realmente comportam. Assim, de modo indirecto e na interna especialidade da obra, Noronha da Costa *exclui-se* (por enquanto) do que já foi institucionalizado, do que já se reconheceu da cultura moderna no plano dos organismos responsáveis pelas artes plásticas em Portugal. Mas a natureza dos objectos praticados por Noronha da Costa não se define explicitamente *maldita*, querendo objectivamente a denuncia, na marginalidade martirizada, das crises ou das paralisias locais. Ela é apenas, transitòriamente, um produto que se isola pelas suas regras próprias — e não por essas regras se conjugarem numa decisiva oposição a qualquer estatuto externo e opressivo. E aqui se pode anotar, de resto, que a realidade artística do trabalho de Noronha da Costa, a despeito das dificuldades de assimilação do meio, já foi premiada por entidades responsáveis, devendo a crítica aí ser considerada como instituição de facto.

CRÓNICA DE FACTOS CONHECIDOS

A exposição agora apresentada na Galeria Quadrante é, para nós, uma das mais importantes apresentadas nos últimos anos, considerando todo o panorama artístico português dessa cronologia. Noronha da Costa já foi publicamente retratado como «o artista mais inteligente da sua geração», num desenho crítico pouco científico, com certeza, que só se pode entender como reforço de linguagem, mas que não deixa de reflectir o peso da sua originalidade e a natureza peculiar do seu trabalho.

Nas anteriores exposições que apresentou nas galerias Quadrante e Buchholz, constituídas fundamentalmente por objectos que propunham associações diversas entre *imagem* e *corpo*, o espaço funcionava a partir da realidade tridimensional contida no objecto e desdobrava-se virtualmente em «écrans» translúcidos, onde o mundo das *coisas* se reflectia ou aos quais esse mundo se sobrepunha. A realidade tangível das formas da nossa experiência quotidiana tornava-se imagem no reflexo dos espelhos, *indeterminando-se* no lugar e no contorno realizados pela nossa consciência, assim solicitando do espectador uma intervenção plural, também criadora, dirigida para o restabelecimento constante de relações constantemente desfeitas, no fazer e desfazer das aparências por que nos é dado conhecer o real e agir a partir dele.

APÓS A PAISAGEM

Com a presente exposição, Noronha da Costa volta à realidade do plano, confundindo nele a ilusão de um espaço paisagístico que logo destrói pela nova ilusão do «écran», aqui sobreposto e admiràvelmente fingido. A paisagem, absorvendo por completo o suporte, sugere-se como objecto em si mesma e falsifica-se no «écran» pintado, o qual existe apenas em pura aparência e reflecte, na sua mentirosa translucidez, as sombras, as nuvens, as diluições absurdas de uma realidade outra, aqui tão mentida ou tão falsa como a que opaca e aèreamente se simula fora do «écran». Contrariando o processo anterior, em que o objecto, nas suas específicas propriedades, absorvia e retransmitia as imagens próximas, transformando-se nelas de outro modo, Noronha da Costa imobiliza agora as imagens num contexto paisagístico objectivo, dissolvendo-as *depois* pela sobreposição de um plano falso, em que tudo se contesta, se refaz e de novo se imobiliza.

«Aqui o seu jogo continua — escreve Fernando Pernes. — Oh! Estes mares de ondas imóveis! Esta natureza toda de fixidez imagética! Nos objectos da Buchholz havia atmosfera luminosa; aqui há uma luz que objectual se torna. Magritte, pois. E «Pierrot le Fou», ainda e ainda. Mais o Polanski, precipitando-se entre o trágico e o lúdico, sem se poder fixar numa ou noutra dimensão. E onde a fixação é impossível, entra-se no «não-espaço», passa-se da afirmação à provocação».

Tudo o que nas paisagens de Noronha da Costa, de um ponto de vista extremamente limitado, parece a recuperação nostálgica das apropriações naturalistas, ou o romantismo da neve contra um céu de chumbo iluminado, das ondas esverdeadas batendo na praia desértica, tudo isso se desintegra e se nega a partir de uma linha fria e metálica, onde começa (no «écran») a irrealização do horizonte sugerido e a indefinição do movimento proposto. Tudo se desintegra até pela escala dos objectos, ampla e avassaladora, que para eles nos parece atirar, apesar de neles não nos podermos deter ou viajar.

Um último capítulo a considerar: do ponto de vista da realidade física dos objectos, na dependência ou na definição dos meios logísticos, tudo o que referimos se passa num suporte de cartão prensado, recoberto de tintas sopradas e concretizadas, em certos momentos, com outras técnicas intermediárias. Não deixa de ser surpreendente, quando tanto nos preocupamos com as técnicas de coordenação mental, com a finalização das ideias em que o artista se descobre, verificar quanto esse mesmo artista é hoje, mais do que nunca, o descobridor dos seus meios técnicos intermediários — e deles continua a depender, porque da consciência deles melhor se determina a objectivação da linguagem e o que ela exprime.

LIMA DE FREITAS NA DIVULGAÇAO: Lima de Freitas nasceu em 1927. Cursou arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Desde 1946 que a sua actividade como pintor se desenvolve, tendo participado em muitos salões colectivos. Esteve representado na II Bienal de S. Paulo e expôs diversas vezes individualmente em galerias de reconhecido mérito cultural. Participou também em exposições no estrangeiro, numa representação de gravura portuguesa e nas duas exposições da Fundação Calouste Gulbenkian. Obteve um prémio internacional de desenho em Varsóvia com as ilustrações para «D. Quixote». Expôs individualmente no estrangeiro, em diferentes países. Foi convidado para professor de Formação Artística pela Katedralskole de Aarhus (Dinamarca). É autor de numerosas ilustrações para mais de uma centena de livros, incluindo os editados por «Limited Editions Club», de Nova Iorque. Está representado em vários museus e colecções nacionais e estrangeiras, sobretudo na Dinamarca, Suécia, França e Estados Unidos da América.

Para além da sua intervenção como ensaista e crítico, que tem exercido por vezes em luta aberta com personalidades estabelecidas da vida artística portuguesa, pode sublinhar-se a coerência do seu contributo e a força das suas convicções. Procurando desmistificar o que supõe teorização ilusória e dogmática, em referência a certo vanguardismo, tem desenvolvido intervenções diversas, fugindo sempre a qualquer manobra de disfarce. Esse comprometimento tem a sua correspondência, em certa medida, na pintura que pratica e que de novo nos dá conta numa exposição apresentada na Galeria Divulgação. A propósito dessa exposição, e referindo-se ao artista, António Quadros termina assim a sua nota do catálogo: «Na obra de Lima de Freitas, grande pintor barroco, os elementos fantásticos só parecerão irrealistas a quem não leia a sua escrita. Na verdade, são os elementos necessários de uma arte necessária, e fundamentam pois o genuíno realismo. Não são aleatórios, constituem um sistema de símbolos no seio do qual a natureza, reconhecendo-se, decompondo-se e subtilizando-se através da arte, se nos revela na sua transcendência, na sua sobrenaturalidade, na sua tensão antropogónica, que o artista favorece e acelera».

Colóquio com Prassinos

FOI INAUGURADA no passado dia 5, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas. Esta exposição, realizada pela colaboração da S. N. B. A. com o Instituto Francês, foi comentada prèviamente, em notícia, nestas páginas, sobretudo no sentido em que dela se esperava, pela importância e significado de alguns nomes seleccionados, uma ilustração relativa do que aconteceu em França com o ressurgimento da tapeçaria logrado por certos artistas, entre os quais é justo emprestar particular relevo a Jean Lurçat. Infelizmente, e na sua maior medida, a exposição iludiu as expectativas: a quase totalidade das peças é de nível artístico irregular e, no domínio da caracterização da tapeçaria, muitas inscrevem os erros e os desvios da tradução pictórica comum em lã e sofrendo de uma escala deturpada, a sugerir apenas a experiência do quadro. Salva-se, no entanto, a brilhante lição técnica das fábricas francesas e a sua capacidade de se adaptarem a exigências plásticas diferentes, ao mesmo tempo que ainda se recupera uma referência histórica, na linha contemporânea da tapeçaria francesa.

No quadro das realizações previstas em paralelo com a exposição, assistiu-se há dias, na S. N. B. A., a um diálogo com Mário Prassinos, representado na exposição com duas tapeçarias, tendo o artista exprimido os seus pontos de vista sobre a tapeçaria moderna e o sentido das suas conquistas técnicas e estéticas. No diálogo, que teve por vezes momentos animados, Prassinos não saiu muito dos esclarecimentos gerais em torno da realização da tapeçaria e procurou ainda responder a algumas questões sobre a criação e a natureza da obra.

EXPOSIÇÕES *

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**SOUSA CARDOSO,** HOMENAGEM AO GRANDE PINTOR MODERNO PORTUGUÊS
GALERIA PERMANENTE *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA, COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES**
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal-Ribeiro*	**ISABEL LAGINHAS,** O ESPÍRITO DE SÍNTESE NA COR E NA FORMA
DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**LIMA DE FREITAS,** O FANTÁSTICO NUM REALISMO JÁ VIVIDO
GALERIA 111 *Campo Grande*	**ANTÓNIO PALOLO,** O ABSURDO PELA IRONIA E PELA IMAGEM
S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**TAPEÇARIAS CONTEMPORÂNEAS FRANCESAS,** REFERÊNCIA HISTÓRICA E TÉCNICA COM EXEMPLARES DESIGUAIS
QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**NORONHA DA COSTA,** MAGRITTE APÓS POLANSKI OU A PAISAGEM IMPOSSÍVEL

(*) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

Um teatro entre a lama e o sagrado

por Carlos Porto

O EDITOR francês Christian Bourgeois iniciou em 1968 a publicação de volumes subordinados ao título «Le Théâtre» e dirigidos pelo dramaturgo Arrabal. O primeiro volume é dedicado ao «Teatro Barroco» e publica colaboração de vários dramaturgos, críticos, artistas de teatro, e compositores franceses, ingleses, italianos, russos, etc. Alguns nomes conhecidos: Antoine Bourseiller, que dirige uma carta a um antigo intérprete do «Príncipe de Hombourg»; Jorge Lavelli, que fala da peça de Panizza «O Concílio do Amor» (que encenou em Paris); Victor Garcia, o argentino que esteve no CITAC e escreve uma breve nota intitulada «Desumanizar!»; o dramaturgo Jérome Savary, que fala das «Nossas Festas»; os compositores Bussotti e John Cage, entre outros. Este Caderno divide-se nas seguintes partes: «O Teatro Barroco» — Pró e Contra, A Música, Grotowsky e o «Living», Um Teatro Barroco? Três Precursores, Do «Happening» ao Teatro na Rua — e «Inquérito sobre o Teatro contemporâneo». Essa colaboração é composta em alguns casos por artigos originais e noutros por entrevistas. Não me proponho fazer aqui uma crítica deste primeiro número dos Cadernos de Arrabal que, aliás, me parece bastante descosido, sem uma orientação redactorial, incapaz de estabelecer uma definição do tema proposto, sendo na sua maioria a colaboração excessivamente breve para permitir o desenvolvimento que se impunha das discutíveis opiniões que exprimem.

Dessa colaboração, é a entrevista concedida pelo encenador inglês Peter Brook das mais brilhantes, das mais ricas em sugestões, embora a posição assumida por aquele homem de teatro negue a existência de outros caminhos talvez mais válidos e profícuos que o teatro contemporâneo tem vindo a trilhar.

Começa Peter Brook por se referir à imprecisão dos termos com que se pretende definir o teatro dos nossos dias: Barroco, Ritual, Cerimónia, «Possessismo». Para Peter Brook, a expansão que actualmente conhece o teatro ritualista — de que Arrabal é um dos mestres de cerimónia — deve-se à necessidade absoluta duma experiência religiosa colectiva de que sofre a sociedade contemporânea. Para o homem de teatro inglês não seria o cinema, nem a psicanálise nem a igreja que poderiam satisfazer essa necessidade. Mas, embora imperfeitamente, o teatro.

Da mistura de elementos impuros, diz Brook, que o teatro exprime, nasce a sua pureza que seria o lugar onde encontraria eco o apelo colectivo do divino. Brook compara o teatro ao rito vaudou, no qual *o Deus invisível penetra no homem e o habita. O homem transforma-se então no «lugar teatral»*. Mesmo assim, o homem mantém-se um ser terreno. A sua divinização não destrói a sua condição humana. É nessa dualidade que reside para Brook a própria dialéctica do teatro e é ela que permite a sua própria superação. Ao contrário duma «pureza absoluta» — que os clássicos franceses procuraram em vão — é na mistura do sagrado e da lama — como o compreenderam os autores elisabetianos — que está a salvação do teatro.

Peter Brook fala seguidamente do conceito de «possessismo». Refere-se em primeiro lugar aos seus modelos — a Igreja o Teatro Oriental. Em relação a este último, lembra que é normal o impacto provocado pelos espectáculos do «Kabuki» e do «Nô» dado o facto das realizações destes serem muito mais fortes que as do teatro ocidental. Brook nega, contudo, a possibilidade de uma imitação. Afirma, com razão, o facto duma imitação não poder deixar de ser sómente dos seus elementos exteriores, permanecendo o facto do mais íntimo e essencial desse teatro não poder ser desenraizado sem morrer. E, a propósito, Brook sublinha o perigo do ritual tombar no folclore do sagrado.

Depois de se referir ao exemplo de Grotowky Brook trata do problema do actor no que diz respeito ao seu tipo de actuação em palco, ao exibicionismo de que se serve — *todo o actor é exibicionista* — para exprimir a sua sinceridade. Para Brook o problema fundamental nas relações entre o actor e o encenador reside na diferenciação entre a verdadeira e a falsa sinceridade do actor. Diz: «*Certos actores estão convencidos de que sinceridade e talento podem permitir-lhes atingir o dépassement que o feiticeiro africano atinge. Mas o dépassement atingido pelo feiticeiro está ligado a leis terríveis e rigorosas, a origens escondidas e reais.*»

Mais adiante, Brook refere as duas vias que na sua opinião definiriam a situação do teatro contemporâneo: «a via de rigor e da austeridade e a daquilo a que se chama duma *forma ilusória* «teatro popular», que explora numa dimensão suplementar a do JOGO (muito exactamente no sentido de JOGO INFANTIL) com tudo o que implica de ausência de se-

Akropolis, *de Grotowski: descida ao crematório*

RENASCIMENTO DO TEATRO

O TEATRO inventa hoje o seu infinito, arremessa-se dum salto para a rua — criando a história —, mimodramatiza a loucura, celebra a festa, elabora os seus ritos e, esquecendo os fanatismos de outrora, surge e espanta pela suas vagas feridas de oceano sem limites.

Teatro da paixão e da catástrofe, da confusão exacta. Teatro que se dirige para nós em voo, como o cavalo dos pesadelos de que esperamos tudo: o aço insultado, a emoção e o soluço, o sexo, a colher de sangue, os últimos dias e a origem.

Aqui acolheremos todos aqueles (família de ouro e de imundície) que amam o teatro na sua poeira, o violam nos seus luxos, o exaltam nas suas novidades e o fazem explodir nas suas tradições.

É a hora fecunda do renascimento. É o momento da convulsão e do nojo, do sol e do vulcão. É o instante do relâmpago e do deslumbramento das borboletas. É o tempo do teatro que vive na ponta dos actos, das contestações e dos sonhos. Véspera fascinante!

ARRABAL

apresentação dos cadernos «LE THÉATRE»

Jazz Laranja, sumo, laranjada

por José Duarte

QUANDO SE PRETENDE fotografar um assunto escolhe-se um ponto desse assunto para focagem prévia e representativa. Entre os negros norte-americanos, o jazz e os «blues» são um dos pontos escolhidos para centralizar e apoiar uma consciencialização progressiva dos problemas sociais e rácicos. Ao demonstrarem o legítimo valor da cultura negro-americana alguns «leaders» negros têm exaltado a contribuição da sua música para a cultura americana, contribuição essa muito propagandeada e geralmente reconhecida. Paralelamente, e desde que essa exaltação tem tomado aspectos cada vez mais «evidentes», tem havido uma preocupação em afirmar que apesar dessa contribuição jazz e «blues» permanecem música exclusivamente negra, apesar de Bix Beiderbecke, Benny Goodman, Buddy Rich, Stan Getz ou Bill Evans.

Profundamente irritadas com tais afirmações sempre se levantaram vozes (brancas) que, em estilo compensação, proclamam a inépcia de Paul Robeson ou Marion Anderson como intérpretes de música europeia, o que na verdade é incontestável e só vem ajudar a primeira opinião. Mas essa irritação, talvez por ser profunda, traz consigo uma argumentação precipitada e que se revela contraproducente. Afirma-se que jazz ou «blues» é música negra e só perfeitamente entendida por negros, dado o «background» musical que lhes facilita, em exclusivo, a adesão imediata: as igrejas e a sua música, os campos de trabalho e as suas canções, o ingrediente «soul» exclusivo da expressão musical negra. Se aos brancos americanos lhes fosse «oferecido» este «background», então o jazz seria a música do povo nascido branco ou negro. Talvez, fica por provar. E mais acrescenta quem contradiz a teoria: então como se justifica a aceitação, o aproveitamento do jazz e dos «blues», pelo mundo branco?

Sleepy John Estes: consciencialização progressiva

Claro que uma mera exposição a um tipo de música não pressupõe uma compreensão da mesma. Numa teoria da comunicação, é ponto assente que para ela existir verdadeiramente quem comunica e a quem é comunicado devem pertencer ao mesmo tipo de cultura.

Por exemplo, na linguagem falada, na língua, o meio de comunicação por excelência, tudo se baseia em sons, tons, gestos, inflecções, diferentes significados duma mesma palavra, escolha de palavras para uma situação dada. O perfeito conhecimento do dicionário, da sintaxe ou ortografia não chega para um entendimento total. É neste conceito de comunicação, compreensão, adesão mais que racional, que se baseia a opinião: «jazz só de e para negros».

Uma linguagem, neste caso uma linguagem musical, é entendida na razão directa da participação do auditor, na cultura que essa linguagem serve.

Tal como a linguagem falada, também a linguagem musical serve como um meio transmissor de cultura, de preocupações, de opiniões, de interpretações do mundo. Tal como um surdo, ou alguém que não tenha o menor sentido rítmico, aquele que é estranho ou avesso a uma dada cultura dificilmente se poderá integrar, mesmo que emocionalmente, numa manifestação musical, produto dessa mesma cultura. Quando muito, poderá apenas afirmar que se interessa sinceramente e aprecia superficialmente essa música.

Em resposta a este tipo de opinião, afirmam os que com ela não concordam que se um branco fosse sujeito, melhor, passasse a sua vida a ouvir jazz ou «blues» na mesma proporção que um negro americano o faz, acabaria por entender tão bem o jazz como qualquer habitante de Harlem, Watts ou Fillmore.

Mas o que é afinal entender uma música? Ao contrário da linguagem falada, a música não é audi-

(Continua na 6.ª página)

A SEMENTE DO DIABO
(o célebre *Rosemary's Baby*)
2 500 000 exemplares vendidos nos Estados Unidos
A aliança exemplar do cinema e da literatura
Uma narrativa sombria e brilhante, diabólica e moderna, que obriga o leitor a acreditar no inacreditável. Eu acreditei — e fiquei enfeitiçado.
TRUMAN CAPOTE
Colecção "Cinema"
256 págs., ilustrado, 30$00

...liedade, de possibilidades múltiplas.»

Referindo-se ao «Happening», Brook assegura que este representa a libertação das energias, a qual acorda uma evidente alegria física. Declara: «Na minha procura do sagrado, procuro a austeridade, a concentração, mas a minha herança elisabetiana conduz-me a procurar sempre uma espécie de explosão alegre, contida em toda a espécie de elementos exteriores como a música, os jogos de luz, as cores, a *maquillage*, os ventres cheios de palha... Aí existe também um perigo (que representa os limites do «Happening»: dizer que se pode fazer «seja o que for» é verdadeiro e não é. «Seja o que for» contém mil possibilidades. Fazer cegabente «seja o que for» não provoca de maneira nenhuma o desencadear duma energia vital... Por outro lado, é impossível estabelecer regras ou construir o argumento dum «happening» a fim de lhe dar um sentido social ou um peso maior. Em resumo, o problema é semelhante ao do teatro sagrado. Na minha opinião, a diferença não existe: a austeridade é um instrumento, uma lentilha que permite trabalhar em profundidade pela concentração; um escalpelo. Mas para ir além das aparências, pode muito bem utili-

(Continua na página seguinte)

MONSTRUÁRIO DOIS

por Alexandre O'Neill

MONSTRUÁRIO DOIS funciona por si mesmo. O cronista dispensa, por isso, o caixilho do comentário. Ainda mais excitante que escrever — é estar à mesa de montagem...

1

Não há países mais propícios para a vitória do naturismo do que Portugal, na velha e preconceituosa Europa, e o Brasil, da jovem e florescente América. A raça que povoa estas duas nações é idêntica na sua etnologia e da mesma origem, dominando felizmente entre portugueses e brasileiros a não completa dissolução de costumes que o crime da hipercivilização instalou na Alemanha, presa do vício da cerveja e da salsicha, na França, amiga do absinto, na Inglaterra, do «whisky» e da mostarda...

2

O espartilho parece ter sido criado pelos contemporâneos de Joana d'Arc. Que de vítimas tem feito esse instrumento de tortura! Que enorme número de *exemplares* ele não levou à mesa anatómica de Ambrósio Paré — «miseráveis senhoras com o peito escangalhado, com as costelas cavalgando umas sobre as outras»!

Não morreu a duquesa de Mercoeur sufocada dentro dum espartilho?

3

Uma confissão:

A natureza lesdosa e benigna deu-me o aviso do meu estado, por uma grande rosácea cúprica no pulso direito, pelo qual se devia efectuar o início da eliminação tóxica, por ser ele o mais exercitado e sadio. Fiquei alarmado com aquele evidente estigma das minhas incontinências, que principiavam nas feijoadas com pé de porco e fressuras e terminavam, com pejo o digo, no «whisky» e no tabaco sorvidos epilèpticamente, com os exageros próprios do meu temperamento sanguíneo...

4

Mão amiga fez-nos chegar o cartão de visita (?) do simpático e reinadio sr. Francisco Augusto da Silva Finura, de Setúbal:

PROFESSOR DE HIPNOSE, TELEPATIA, RETENÇÃO
MEMORIAL, PSICANÁLISE, MAGNETISMO E FASCINAÇÃO
ASTRO INTERNACIONAL DE CINEMA
ARTISTA DE VARIEDADES
ILUSIONISTA
FAKIR
TOUREIRO
ERUDITO INVESTIGADOR, COLECCIONADOR, NUMISMATA
ARQUEOLOGO, INVENTOR,
MARINHEIRO DE LONGO CURSO
ESCAFANDRISTA, MERGULHADOR, HOMEM-RÃ,
COZINHEIRO,
INDUSTRIAL,
SERRALHEIRO, TORNEIRO, BATE-CHAPA, MECÂNICO,
ELECTRICISTA, AFINADOR DE BICICLETAS, CROMADOR,
RECAUCHUTADOR, VULCANIZADOR, POLIDOR DE METAIS,
OPERÁRIO ESPECIALIZADO EM TRABALHOS NÃO ESPECIALIZADOS,
EX-PROFESSOR DE NATAÇÃO,
LUTADOR, BOXEUR E JUDOCA,
DESPORTISTA,
DADOR DE SANGUE NO HOSPITAL REGIONAL DE SETÚBAL.

Diplomas: Escola de Psicologia de Nancy (França)
Instituto de Socorros a Náufragos (Portugal)
Dador de Sangue no Hospital de Setúbal

Correspondências: Correspondente da Escola Azteca de Psicologia e Hipnotismo (México)

Condecorações: Medalha do Instituto de Socorros a Náufragos (27 salvamentos)

REI DO CARNAVAL DE SETÚBAL
1968
1969

5

Salada deliciosa:

3 bananas
2 tomates
1 cebola

Corta-se em miúdos, deita-se-lhe azeite virgem e limão. É uma das melhores saladas conhecidas.

Dreyer: de lá para cá

por Manuel Machado da Luz

A PALAVRA (ORDET, 1955) de *Carl Dreyer*, com Preben Lerdorff Rye, Ove Rud, etc.

Na manhã de 2 de Março projectou-se, no Império, pela primeira vez em Portugal, e com catorze anos de atraso, um dos mais famosos filmes de Carl Theodor Dreyer: *A Palavra*. Tratava-se de uma antestreia promovida pelo ABC Cine-Clube, e revestia-se do carácter de uma homenagem ao realizador, falecido há exactamente um ano. A homenagem fora bem preparada. Um excelente programa, com filmografia comentada, era distribuído. A gravação da sua última entrevista pelos *Cahiers du Cinéma* era difundida, em substituição da costumada música ambiente, numa sala sábia e teatralmente deixada á meia-luz. E, no entanto, ao projectar-se o filme, ao surgirem na tela as esplendorosas imagens a preto e branco de *A Palavra*, mais uma vez Dreyer não encontrou o seu público. De novo o desfasamento que — a partir de *A Paixão de Joana d'Arc*, considerado errado e quase unânimemente como a sua obra-prima — o terá levado a fazer tão pouco cinema.

Poderia ter sido de outro modo? É de duvidar. Positivamente odiado pelos seus concidadãos, Dreyer teve a má sorte de lançar algumas das bases estilísticas do mais exigente cinema moderno e, simultâneamente, se encerrar na expressão de uma visão do mundo que só muito dificilmente poderia coincidir com os mais legítimos interesses culturais do público potencialmente preparado para as aceitar.

Certo texto de Michel Delahaye, publicado pelos *Cahiers* e resultante de uma viagem à Dinamarca pouco antes da morte de Dreyer, elucida-nos concretamente do ódio a ele votado: «Constatei que, na Dinamarca, Dreyer continuava a ser tão desprezado como antes. Era mesmo escusada a discussão. As pessoas fugiam-lhe, embaraçadas ou escandalizadas. No entanto, encontrei uma vez um dinamarquês corajoso. Falou francamente: «Não queremos ouvir falar do que esse senhor tem para nos dizer. Digamos que é demasiado complicado para nós. Ou, então, demasiado simples, como quiser... Seja como for, tanto nos faz». E Delahaye refere, ainda, a indignação pública gerada pela subvenção atribuída a Dreyer para realizar a sua *Vida de Cristo* (que a morte o impediu de concretizar), o espanto que provocava na cinemateca dinamarquesa o interesse dos estrangeiros pela sua obra, o baixo nível do cinema e do teatro nacionais. As suas observações vêm, de resto, confirmar o que uma curiosa comédia trágica, há algum tempo exibida entre nós — *Escola de Bem Gozar a Vida*, de Knud Leif Thompson —, evidenciava sobre a sociedade e a cultura dinamarquesas: o protagonista, acossado pela ideia do suicídio, procurando razões para continuar a viver, via-se, por exemplo, envolvido numa fantasmagórica manifestação de apoio ao Governo, que comportava a reivindicação de que este dispensasse ainda mais a população de resolver problemas, de *pensar*...

Dreyer «complicado», Dreyer fazendo pensar, Dreyer forçosamente isolado: se o mundo do cineasta tenta fecundar o mundo que o rodeia, este recusa-o e só lhe oferece, por seu turno, o emblema de uma geral alienação. Assim, *A Palavra*, profundamente enraizada no contexto sócio-cultural-religioso dinamarquês, constitui um seu fidelíssimo retrato e uma sua perturbante crítica, que, no entanto, não supera umas bases místico-morais objectivamente caducas. Fidelíssimo retrato, porque reflecte o traço fundamental de uma intemporalidade: o tempo deixou de existir na Dinamarca. Perturbante crítica, porque tem a coragem de pôr em causa a Igreja «oficial» e o ministério dos pastores, porque se propõe uma síntese entre sentimento religioso e erotismo, porque ataca, enfim, a hipocrisia a que deu origem um tradicional puritanismo. Delahaye diz: «algo faz com que o maravilhoso equilíbrio nórdico entre puritanismo e liberdade tenha apodrecido aqui»: poderia ser uma das constatações de Dreyer.

Ordet, de Carl Dreyer: obra-prima incontestável à espera de público

Naturalmente que este «algo» nada tem de misterioso e resulta do brutal desfasamento e inadequação da superstrutura moral nacional em relação a um desenvolvimento das relações económicas que não pode ser sustido (ou, melhor dito, da específica conformação deste desfasamento num pequeno país de certo modo culturalmente isolado), da absoluta — e de longa data — estaticidade da pirâmide social dinamarquesa. Mas, para Dreyer, forçado a viver fora do tempo, uma

(Continua na página seguinte)

A MÚSICA É O NOSSO OFÍCIO
GUILDA DA MÚSICA
DISQUEIROS-LIVREIROS ESPECIALIZADOS

DISCOS ● LIVROS ● MÚSICA IMPREESA ● ALTA FIDELIDADE ESTEREOFÓNICA «FISHER»
Escolha os seus discos no ambiente calmo da nossa Discoteca, onde encontrará o «stock» de música erudita mais completo
● SERVIÇOS DE CRÉDITO
● SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES
(em distribuição gratuita o boletim de Março)
QUE PODE SER ENCOMENDADO PELO TELEF. 50818
R. Tomaz Ribeiro, 43-A.º — LISBOA
Metro: Picoas — Facilidade de estacionamento

Laranja, sumo, laranjada

(Continuação da 4.ª página)

tivamente específica, mas sim evocativa e provocadora de emoções. Um solo de Miles Davis fará com certeza muitos negros norte-americanos pensar na última vez que lhes foi recusado trabalho ou na última vez que um branco os insultou. A um branco americano, um improviso de Miles Davis lembrará mais fàcilmente solidão, rejeição, uma espécie de beleza angustiada ou até mesmo o problema racial, mas visto de fora.

Claro que este o tipo de entendimento de fundo, já que o formal, no jazz, é logo de si o primeiro a sacudir os ouvidos superficiais, massacrados por uma herança de ritmo quadrado, de melodias que se repetem ou se desenvolvem medrosamente.

Uma peça de jazz verdadeiro pede ao ouvinte uma familiaridade com uma certa tradição musical que lhe possibilite, lhe autorize, a apreciação total.

Em suma e «grosso modo», de três tipos de ouvintes se pode gabar o jazz:

— os imediatamente incompatíveis com a linha quebrada das melodias, com as sonoridades «hot», com os ritmos sincopados, por tudo lhes parecer confusão, barulho e afinal tão diferente das musiquinhas dançáveis, decoráveis, ocas e evidentes;

— os que meramente o toleram, por diversas razões (snobismo, exotismo, oportunismo ou aflição em se sentirem «ultrapassados») ou apenas porque um som diferente os conquista; tal como, para um certo negro americano, Mozart o faz descontrair, depois de um «riot»;

— os que intimamente conquistados por essa música mergulham na cultura e problemática que a originou. Para eles, entender jazz é tanto mais ouvir Bessie Smith como ler Carmichael, ver Archie Shepp ou conhecer Harlem. A estes, a terminologia jazz classificou-os de «diggers», «cats» ou «in» (entre nós, usa-se «maluquinhos» ou «estrangeirados», evidente tradução livre...).

Em resumo, a melhor aproximação do jazz é a que completa a audição puramente de tipo musical com o conhecimento de toda a problemática e ambiente que lhe está na origem.

Claro que para apreciar Charlie Parkes não é fundamental saber que em 1619 catorze negros viajaram vendidos do Congo para a Virginia e que em 1786 esse número subia a 2 130 000, que Storyville fechou em 1918, que o insecto gorgulho comeu certo ano metade das colheitas de algodão, que a abolição da escravatura foi em 1865, que para o Código Civil da Luisiana escravo era alguém sob a autoridade de um senhor ao qual pertencia, que na Carolina do Sul os escravos podiam ser julgados, vendidos, alugados ou avaliados, mas... ajuda muito.

Tudo se passa, enfim, como só se julgasse que as laranjas são frutas de sobremesa; há os sumos e as laranjadas coradas artificialmente.

JOSÉ DUARTE

Entre a lama e o sagrado

(Continuação da pág. anterior)

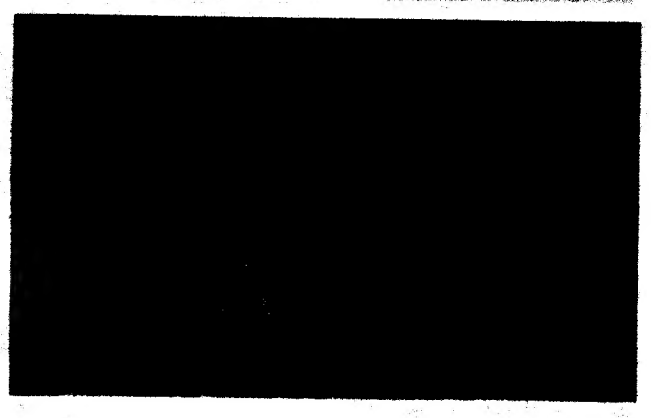
zar-se a colisão, o choque dos elementos habitualmente separados, o deslocamento.

Actualmente verifico uma confusão entre a «Cerimónia» que constitui o nosso verdadeiro fim, que poderia ser o autêntico teatro sagrado, e a imitação dessa cerimónia, imitação baseada em elementos superficiais exteriores, transformando-se numa paródia grotesca, bordélica e que, em vez de atingir o céu, tomba na lama (1).

No entanto, insisto em dizer novamente e a precisá-lo que não sou contra a lama: se estamos ao serviço duma verdade tentamos conquistar através do teatro, somos obrigados a lama e o céu, ao mesmo tempo.

CARLOS PORTO

(1) Esta tradução é um eufemismo, pois é outro o termo utilizado por Brook.



Dreyer: de lá para cá

(Continuação da pág. anterior)

análise e uma estética a partir deste referencial não são viáveis: o seu único referencial *histórica e culturalmente possível* remete a Kierkegaard.

Daqui o paradoxo de a obra recente de Dreyer ser tão artisticamente interessante (e mesmo uma das mais coerentes que se possam encontrar) e a visão do mundo que veicula ser, no essencial, tão poeirenta e tão desinteressante.

Isto acontece porque existe a possibilidade concreta de Kierkegaard continuar a ser um referencial artisticamente funcional num país em que o tempo «parou». Tal adequação — excepcional, única, impossível noutras latitudes — entre semelhante sistema filosófico e uma tão particular conjuntura *permite* um produto artisticamente evoluído, na vanguarda do cinema moderno. Em 1955, ano de *A Palavra*, o estilo de Dreyer apresenta evidentes analogias com o de um Antonioni (*Escândalo de Amor*, 1950), o de um Bresson (*Diário de um Pároco de Aldeia*, 1950) ou o de um Rossellini (*Viagem em Itália*, 1954). A adequação torna possível a Dreyer o intuir das novas concepções de cinema, que, pela Europa, se estão formulando. Até porque a diversidade cultural, ideológica, problemática entre estes autores, a sua individualidade, é *secundária*, no momento em que todos afrontam a mesma questão formal: como «exteriorizar» a narrativa, como jogar dialècticamente com a subjectividade das personagens e o ambiente em que estão colocadas, como projectá-los entre si? A questão — é preciso não esquecê-lo — decorre de uma geral necessidade de colmatar o desfasamento do cinema em relação às outras modalidades artísticas que, nos anos do pós-guerra, era bem patente. Mas Dreyer teve consciência dela na medida em que encontrara um sistema filosófico em que se apoiara e o assumira.

Isto faz com que *A Palavra* seja incontestàvelmente uma obra-prima: expressão rigorosa, a partir de dentro, de um complexo histórico-socio-cultural através de uma subjectividade guiada pelo mais completo aparato conceitual que ele pode permitir (e que, aliás, o ameaça de destruição: daí a razão última do seu efeito perturbante no público dinamarquês) através de um aparato formal que se lhe adequa totalmente.

E, aqui, voltamos ao problema do público. Pode, actualmente, o público culturalmente mais vivo «aceitar» e «privilegiar» o kierkegaardianismo de Dreyer, ou interessar-se pela problemática que a conjuntura dinamarquesa lhe impõe? A pergunta não é correcta, porque a fruição de uma grande obra de arte não depende da aceitação — assunção das preocupações e ideologia do autor por parte do espectador, e sim da possibilidade de um temporário diálogo entre as suas duas subjectividades. Mas não há dúvida que tal diálogo, sempre possível ao nível das grandes obras, pode ser mais ou menos provável consoante a conjuntura em que mergulha o espectador.

Hoje, em Portugal, o «atraso» ideológico de Dreyer surge-nos, com a máxima probabilidade, chocante, quase obsceno. O espectador tem, claro, exigências muito concretas, conjunturais, não redutíveis a questões de incompreensão ou de moda (embora uma e outra possam ter grande incidência) que o levam a não suportar Dreyer. E compreende-se que a problemática desenvolvida em *A Palavra* conote, ainda por cima, em demasiados pontos, com uma outra que lhe surge verdadeiramente desprezível. Que tal conotação seja subjectiva e emocional, que o filme a não implique de modo nenhum, não impede que seja determinante numa rejeição que uns quantos assobios a coroar a projecção do Império tornaram bem patente. Injustiça? Talvez que uma apreciação «justa» de *A Palavra* só seja possível quando as razões conjunturais que levam a conotações como a referida tenham desaparecido. Ou quando o filme ganhar uma patina de antiguidade que o faça ser apreciado com a mesma «calma» com que se aprecia um retábulo de Grunewald.

Repetimos: má sorte, a de Dreyer, de ter trabalhado na Dinamarca. Ela deu-lhe a matéria para grandes filmes, obrigou-o a um referencial que lhe conferiu inabalável solidez. E impediu-o de alargar esse referencial de modo a encontrar fàcilmente, na maturidade criadora dos seus últimos anos, o vasto público que o seu génio merecia.

MANUEL MACHADO DA LUZ

Porquê uma rosa negra
bordada nesta camisa de homem?
A rosa negra é um símbolo.
A rosa é uma flor requintada.
A rosa negra é a perfeição do requinte.
A rosa negra não está imediatamente
à vista, é uma flor discreta.
Abre negligentemente o casaco
— confirme a opinião que os outros têm de si.

rosa negra
para homem

a camisa com o monograma da distinção

Agora também em Portugal • um exclusivo Triple Marfel

MARFEL

ESCRITORES/AS

Para colaborar em curso por correspondência sobre relações humanas e comerciais. Enviar «Curriculum Vitae». Resposta a este jornal ao n.º 251

Medo, humor, fidelidade

(Continuação da 6.ª página)

papel. Eu estava muito fatigado por causa da viagem, com a diferença horária e isso tudo, e pensei: vou ler isto amanhã à beira da piscina do hotel. Mas comecei a ler a primeira página logo ao abrir a cama. Primeiro pensei: impossível, eles enganaram-se. é uma pepineira cor-de-rosa para a Doris Day. Preciso de avançar um pouco mais, para ver o que a coisa dá. Pois bem: podem acreditar que ás quatro horas da manhã eu estava ainda estendido na cama, nadando entre aquelas páginas todas. Não podia parar. Na manhã seguinte fui directamente para os estudios e disse: «OK, a coisa interessa-me bastante mas com uma condição: a história deve ficar como é, sem que vocês a melhorem.» Porque é o que eles fazem sempre em Hollywood: melhoram de tal forma as boas histórias que elas acabam por se tornar horrorosas. Logo, aceitei rodar aquela, mas literalmente, sem tocar em nada. Eles disseram: é exactamente o que nós queremos.» Na altura eu ainda não conhecia muito bem Bob Evans, o director do estudio, que actualmente está á cabeça de toda a produção Paramount, mas agora já o conheço e sei que é um homem muito seguro e decidido. Ele cumpriu em absoluto o que nos tinha dito, jamais sugerindo o que quer que fosse para além da minha própria ideia das coisas.

Mas tive de trabalhar bastante. Porque, por um lado, era simples respeitar o livro, mas, por outro, isso levantava inumeros problemas.

CAHIERS — A vantagem de «Por favor, não me morda o pescoço» talvez consistisse no facto de você poder, simultaneamente fazer acreditar no medo que mostrava, como divertimento ou medo infantil, e não acreditar nele na medida em que lhe antepunha uma distanciação. De facto, talvez nem se pusesse o problema de acreditar ou não acreditar.

POLANSKI — Nesse filme, o principio consiste em não se acreditar mesmo. Apesar de tudo temos medo, mas sabemos que é extremamente *agradável* experimentar tal espécie de medo. E, ao mesmo tempo, o meu principio condutor, a minha filosofiazinha: quando digo não acreditar em Deus, não acreditar em feiticeiras nem em vampiros, com isso quero dizer que, em meu conhecimento, eles não existem — mas nunca estou certo do que quer que seja. Isto é: quanto mais me torno sábio mais adquiro a certeza de que não é preciso ter a certeza de nada. Aliás, o que de pior pode acontecer ás pessoas é ter uma certeza. E é o que há de mais abominável nelas. Por exemplo Hitler devia estar muito seguro das suas ideias, convencido de ter razão. Porque eu não julgo que ele tivesse realizado alguma coisa sem acreditar nela; de outro modo, não teria conseguido realizá-la. E creio que Godard acredita que fez bons filmes, ainda que talvez eles não sejam assim tão bons...

CAHIERS — Mas ao fim de «Rosemary's Baby» você duvida da existência do bebe no berço?

POLANSKI — Como é que dizia Musset?... Ah, era isso: «Nunca é preciso jurar nada».

CAHIERS — Julgamos sentir nos seus filmes o desejo de ligar o medo e o prazer, e de para isso utilizar essencialmente personagens femininos. Quer se trate de Deneuve, Dorléac, Sharon Tate ou Mia Farrow, sente-se em si a vontade de mostrar as mulheres a um tempo satisfeitas, torturadas e aterrorizadas.

POLANSKI — Talvez seja mais fácil fazer medo a uma mulher que a um homem. O medo será mesmo, essencialmente, uma característica feminina. É feminino, para uma mulher, ter medo — e ter medo, para um homem, é também feminino, só que o homem procura escondê-lo. Mas, seja como for, toda a gente *gosta* de ser assustada. Isso vê-se sobretudo nas criança. Uma coisa igualmente muito curiosa, quando se observa as reacções daquele que assusta e daquele que é assustado, é que elas se assemelham, ou seja, que a pessoa atemorizada solta o mesmo grito que o causador do medo. Não sei exactamente ao que isto responde, e são provávelmente reacções muito primárias, mas é assim que a coisa se apresenta. Em suma, gostamos de ter medo — e a prova é que pagamos para entrar no cinema.

CAHIERS — Sim, mas dá a impressão que em «Rosemary's Baby» a personagem de Mia Farrow não tem qualquer vontade de ter medo. Nela só há um desejo: ter consigo o marido e o filho.

POLANSKI — Não é exactamente medo, é angustia. E não é por ela que tem medo, mas pelo filho. Estamos, aí, noutro domínio, porque há um outro instinto que entra em jogo. Quero dizer que as pessoas gostam de ter medo sem perigo (...). E nesse momento (é também o caso de «Por favor não me morda o pescoço») verifica-se que o medo está bastante próximo do humor, que consiste justamente em rir da desventura de alguém ou da desventura própria.. Todo o medo que não é acompanhado de um verdadeiro perigo deve fazer-nos rir, uma vez passado

CAHIERS — A propósito de «Rosemary's Baby» você disse que se aplicou a respeitar em absoluto tudo o que estava no livro. Desejaríamos saber, portanto, se o nome de Roman Castevet (com a curiosa associação que se poderia levantar entre o seu nome e o de Cassavets) veio do livro ou de si. Porque nisso não deve haver acaso...

POLANSKI — Não, não há acaso — porque consta do livro (onde esse nome, como viram no filme, é o anagrama de Steven Marcato) e, se há associação, ela é pura coincidência. Mas no que respeita ao «Roman» suponho que Levin, o romancista, quis fazer uma alusão a *Repulsion* —filme que muito o impressionou e onde ele apanhou, talvez algumas coisas respeitantes á atmosfera e ao ambiente do apartamento. Em todo o caso, é o que eu suponho — mas Levin, não o reconheceu: perguntei-lhe e a resposta foi categórica: não.

CAHIERS — Na sua primeira entrevista, e referindo-se justamente a «Repulsion», você falou no «tour de force» técnico do filme, que o tinha apaixonado e que fora tomado por si como um desafio. Trabalhou também com esse espírito ao realizar «Rosemary's Baby»?

POLANSKI — Em cada filme, como sabem, é-me necessário um «knack» *(termo intraduzível: quererá dizer algo que estimula o agrado)*. Neste, o «knack» era acima de tudo a adaptação. Porque era a primeira vez que eu adaptava um romance. Talvez isso não representasse verdadeiramente um «tour de force» (feitas as contas, a dificuldade não era intransponível), mas em todo o caso um certo desafio a enfrentar e que não se afigurava muito fácil. Como já vos disse, a fidelidade absoluta era o meu «parti pris»; porque eu acho que, se se ama verdadeiramente um livro, nada é mais desagradável que descobrir que o filme que se fez é completamente diferente. Por mim, quis não sómente respeitar o espírito e a atmosfera do livro mas também todos os elementos, todos os lugares, todos os personagens. A grande dificuldade residia nisto: o filme corria o risco de durar quatro ou cinco horas. O primeiro argumento contava, aliás, 270 páginas — e reduzi-lo a 160 ou 170 querendo respeitar tudo era verdadeiramente muito mais difícil que tudo reescrever. Gastei com isso muitos meses. Em seguida, fiz o filme permanecendo fiel a essa fidelidade.

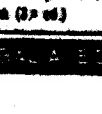
MANUEL DA FONSECA

acaba de ser publicada a 3.ª edição de

POEMAS COMPLETOS

com um estudo de

MÁRIO DIONÍSIO



Obras de Manuel da Fonseca:

Poemas Completos (3.ª ed.) 40$
Cerromaior (3.ª ed.) 45$
O Fogo e as Chamas (2.ª ed.) 30$
Na Colecção Contemporânea:
Aldeia Nova (3.ª ed.) 30$

PEDIDOS À EDITORA

Com Plexus

(Continuação da 6.ª página)

tra-texto em relação à teorização desse «experimentalismo». É evidente que temos de distinguir os matizes existentes entre os vanguardistas brasileiros, o grupo de Max Bense, a posição de Pierre Garnier em *Spatialismo et poésie concrète* ou os trabalhos de Melo e Castro. E, como sem o uso de tais distinções, qualquer juizo globalizante se tornaria injusto, ocupar-nos-emos hoje apenas da produção de Melo e Castro.

A leitura tanto quanto possivel atenta do seu último livro, *Versus-in-versus*, (*) deixa-me várias impressões contraditórias. Comecemos por fazer três citações.

TEXTO 1:

esta tensão concentra-se dispersa
esta atenção alesta-se já presa
esta ilusão liberta-se depressa
certa na mão a solidão tristeza

outra não esta a hora alvo tarde
entra por esta chora alto arde
entreaberto o peito alvo onde
caem os dias tensos tantos tarde

e dispersos memória livres navegar
esperando veloz o esquecido lento
que desprenda do lume o soluço apagar

e não traga destroços de traços no ar
mas consumir o sangue de súbito cons-
[tante
atento amor esquece luz olhar

Texto 2:

uma chama não chama a mesma chama
há uma outra chama que se chama
em cada chama que chama pela chama
que a chama no chamar se incendeia

um nome não nome o mesmo nome
um outro nome nome que nomeia
em cada nome o meio pelo nome
que o nome no nome se incendeia

uma chama um nome a mesma chama
há um outro nome que se chama
em cada nome o chama pelo nome
que a chama no nome se incendeia

um nome uma chama o mesmo nome
há uma outra chama que nomeia
em cada chama o nome que se chama
o nome que na chama se incendeia

Texto 3:

deixa o vinho encher tuas visões de sal
meixa o sinho enlher duas tisões te cal
queixa o rilho enher puas fisões de mal
leixa o rito ender suas fitões de tal
dei xas vin hoc nch ert uas vis oes des
[alm
eix aos inh oen lhe rdu ast iso est vca
[alm
etc.

Este texto fica incompleto (o que é certamente grave) mas o leitor encontra-o na página 49 do livro de Melo e Castro. No texto 1, temos o exemplo de uma composição complexa que, sem deixar de utilizar determinados jogos verbais, produz um efeito poético indiscutível. No texto 2, temos a utilização de um método «experimentalista» na produção de um objecto estético extremamente belo. No texto 3, temos a utilização do mesmo método de tal forma que o efeito estético apenas poderá resultar do maior ou menor rigor na aplicação do mecanismo escolhido e na maior ou menor riqueza *provável* dos resultados obtidos. Digamos que os dois primeiros textos são alguns dos melhores do livro de Melo e Castro e que o outro, escolhido pelo seu valor exemplar, representa aquilo que nesse mesmo livro nos é perfeitamente indiferente. Ora a questão é esta: poderemos ler o livro sem tentar encontrar o ponto organização dos textos representados por 1, dos textos representados por 2 e dos textos representados por 3? Poderemos fazer, como em parte fizeram Liberto Cruz e João Rui de Sousa, em dois excelentes artigos, isto é, elaborar uma espécie de antologia do que é poético no livro de Melo e Castro e excluir o restante? É certo que isso acontece em todos os livros, mas normalmente o restante aparece como menos poético e aqui aparece-nos como *outra coisa*. Operar uma selecção e eliminar essa *outra coisa* e a sua função no livro não será desintegrar os textos do projecto que os propõe?

ACONTECE até que Melo e Castro enuncia a sua pequena «arte poética»:

a minha fonte é a probabilidade
a fronte a prova a bilis a idade
o tema fruto vem de não saber

antena frente a prova mão subir
tanto vento vulcão a iris ver
o tenaz procurar idade vir
a minha frente é tudo o que vier

Comparemos este poema com um passo do livro *A Proposição 2.01:* «Os problemas humanos cada vez mais dependem do progresso económico qualsquer que sejam as ideologias típicas desta ou daquela zona. O progresso económico cada vez mais depende do desenvolvimento tecnológico. Este, (sic), assenta numa aberta mentalidade investigadora e experimentalista» (p. 56).

ORA bem, podem-se concluir daqui duas coisas: o positivismo da poética de Melo e Castro (apesar de todas as divagações filosóficas nem sempre muito sólidas no seu livro doutrinário) e a conotação tecnocrática evidente do seu projecto. E, na medida em que o positivismo, base de diversas variações reformistas, tem sido um dos alvos visados nestas crónicas, sinto uma certa dificuldade em aderir a este tipo de poesia, embora reconhecendo a sua audácia esporádica e o valor efectivo de um número relativamente escasso das suas produções. Mas bastar-me-á uma poesia intervalar, feita de acasos felizes e combinações mais ou menos fecundas? E, simultâneamente, poderei ignorar o programa que subtende o livro? Não será esta valorização da «probabilidade» e esta aceitação passiva de «tudo o que vier» uma versão *positivista* da noção romântica de inspiração? Poderemos suportar sem constrangimento estes gritos algo provincianos de glória à ciência e à técnica do nosso tempo? Poderemos deixar de sentir que esta arte «baseada numa percepção tecnológica e humanista do Mundo actual» se apresenta, no seu vanguardismo aparente e esbaforido, dum conservadorismo ideológico, político e filosófico muito acentuado? Receio muito que esta poesia de Melo e Castro se dirija àquele público, hoje muito bem definido e circunscrito, que lê o *Planète*, *O Macaco Nu* ou *O desafio americano:* mesmo gosto pelas sínteses cavalgantes e pseudo-científicas, mesma exaltação do homem na alegria do seu progresso tecnológico, mesma concepção tranquila, e afinal burocrática, da arte, mesma fascinação irracionalista (em certos casos), mesma adequação tão contente de si ao Mundo de hoje. É possível que tudo isto seja injusto e não passe de uma impressão minha.

Contudo, não consigo aproximar-me desta poesia sem o sentir. Nada me irrita mais do que a leitura submissa do *Planète*. E se quisermos brincar um pouco com as palavras e as coisas (e a gente está aqui é para se divertir), diremos que ao *Planète* eufórico e mistificador e à *Penela* doce fada de lares inacessíveis, será preferível, ah!, mil vezes preferível, o *Plexus*, que tem muito mais poesia — pelo menos, dessa poesia não humanista e não-tecnológica que nestas páginas tenho procurado defender.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) E. M. de Melo e Castro, *Versus-in-versus*, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1968.

Polanski e Mia Farrow na rodagem de «Rosemary's Baby»

Polanski:

Medo, humor, fidelidade

O último filme de Roman Polanski exibido entre nós — A Semente do Diabo (Rosemary's Baby) — comprova o talento e a versatilidade, a maestria técnica e a desconcertante desenvoltura criativa do jovem cineasta polaco. A crítica do filme foi já feita no «Diário de Lisboa» (1-3-69) por Eduardo Prado Coelho: para ela chamamos a atenção dos leitores porventura distraídos.

Complementarmente, pareceu-nos do maior interesse transcrever nestas colunas algumas passagens da notável entrevista que o realizador concedeu à revista «Cahiers du Cinéma» (n.º 208, Janeiro de 69) e que incidem justamente sobre a génese da obra, quer no propósito de fidelidade ao romance de Ira Levin (já traduzido para português numa edição da Portugália Ed.) quer no que respeita ao tratamento, estético e psicológico, do medo e de seu irmão gémeo: o humor. De lamentar, apenas, a não-publicação integral da entrevista — documento sem dúvida necessário para o conhecimento de um cineasta inquieto e frutuosamente inquietante.

CAHIERS — Um amigo disse uma coisa que nos parece muito acertada sobre o seu filme, a saber: que ele é perfeito mas que lhe falta uma dimensão: a crença do realizador no medo que cria; porque «Rosemary's Baby» é o filme de alguém que não acredita no que mostra, ao contrário de Hitchcock, que tem realmente medo daquilo que expressa nos seus filmes.

POLANSKI — É muito possível, e acima de tudo porque sou ateu. Logo, aceitar o que se passa em «Rosemary's Baby» seria ir contra aquilo que sou e aquilo em que acredito. Consequentemente, não tive medo e continuo a não o ter. Mas gostaria de encontrar uma espécie de droga que me permitisse esquecer totalmente o filme e ir vê-lo depois pela primeira vez, como o fazem os meus amigos, para sentir um pouco desse medo que alguns experimentaram. Infelizmente, como eu, 1.º: fiz o filme, e, 2.º: não creio em Deus nem no Diabo — o que agrava o meu caso — sou duplamente incapaz de ter medo do filme, o que me aborrece bastante.

Se tomei a decisão de o fazer foi porque muito simplesmente eu adorava o livro. Para um realizador como eu é um livro terrivelmente sedutor, tem-se logo o desejo de fazer dele um filme — o que é normal. É como quando se tem desejo de uma mulher, sabendo perfeitamente que ela é leviana. Foi um pouco a mesma coisa o que me aconteceu. Eu dizia para comigo: é preciso que eu faça um filme deste livro porque não posso deixar de o fazer — e contudo o princípio que o informa é-me bastante estranho.

CAHIERS — Ora, precisamente, você manteve-se numa absoluta fidelidade ao livro.

POLANSKI — Isso era o meu ponto primordial, a minha condição: não faria o filme se não pudesse ser absolutamente fiel ao livro. A coisa começou assim: logo á minha chegada a Hollywood deram-me as provas do livro — logo, ainda ninguém sabia o que ele era. Imensos bocados de

(Continua na 7.ª página)

À VENDA O XVII VOLUME DA

História Universal

de Carl Grimberg

A MAIS AMBICIOSA
E A MAIS ACESSÍVEL
DE TODAS AS
HISTÓRIAS UNIVERSAIS
ATÉ AGORA
EDITADAS EM PORTUGAL

204 págs. de texto e 16 págs. ilustradas a preto e a cores: 35$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: R. das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: R. de Entreparedes, 6, 2.º

crítica

Com Plexus

por Eduardo Prado Coelho

TODO o discurso filosófico procura transmitir uma mensagem. Contudo, e aí reside a principal diferença, a inteligibilidade dessa mensagem em relação aquele que a recebe é precária, na medida em que ela pressupõe o exercício de um código que o receptor não possui. Não possui, porquê? Porque é a mensagem que vai produzindo o seu próprio código, porque a verdadeira mensagem é efectivamente a que transmite esse código. Mas a sincronia do sistema (isto é, a verdadeira mensagem) só se manifesta na diacronia da sua exposição discursiva, fazendo dessa diacronia uma condição da sua existência e comunicabilidade. O sistema existe no interior do discurso que o expõe como «uma não-presença no interior da sua própria existência» (Alain Badiou).

Por conseguinte, o discurso filosófico produz um código através da transmissão de uma mensagem. Esse código adquire consistência na medida da insistência com que os seus termos axiais intervêm nos lugares decisivos ao longo da mensagem. Podemos, pois, concluir que a mensagem desse discurso tem um valor secundário, e que apenas serve como suporte da verdadeira mensagem, que é a do próprio código. Como diz Lacan, aquilo que efectivamente se transmite de mestre a discípulo, não é um saber, que em breve está ultrapassado, mas um estilo.

CONCRETIZEMOS: nas críticas feitas aos livros A, B ou C, o crítico produz determinadas mensagens (sínteses descritivas e juízos de valor) relativas a esses objectos. No entanto, o valor dessas mensagens depende inteiramente da consistência do sistema teórico que as articula, isto é, do código que as fundamenta. Contudo, o crítico raramente chega a expor esse sistema antecipadamente (até porque ele, na verdade, só existe *depois*, no termo de uma obra crítica), mas vai tentando elaborá-lo e transmiti-lo através das mensagens mais ou menos circunstanciais relativas a esta ou àquela obra. A verdadeira mensagem do crítico é a transmissão de um sistema teórico. No entanto, essa mensagem apenas consegue existir nas diversas mensagens dispersas que regularmente ele, crítico, nos envia. A única possibilidade de fundamentar as «intuições» expressas nessas mensagens parcelares consiste em indicar as articulações que a integram no sistema. Se as «intuições» não corresponderem a aplicações (provisórias) de um sistema, elas nada valem. Tem sido uma das teses aqui defendidas aquela que diz que a «intuição» é sempre aplicação consciente de um sistema teórico ou aplicação semiconsciente de uma ideologia semi-sistematizada.

Quer dizer, portanto, que o que conta no projecto do crítico não é cada um dos seus textos isolados, mas *o texto* que esses textos escrevem e que o crítico nunca chegará a escrever. Nunca, ou quase. O que isto exige do leitor, habitualmente desatento, é uma dupla leitura, que saiba notar no corpo do texto aparente as marcas, os relevos, as fendas, os cortes, as pregas, as rugosidades, os vazios e as linhas *do texto essencial*. Esse que nunca chega a ser apontado, mas se constrói num sistema aberto de alusões.

AO mesmo tempo, vale a pena observar que Jean Dubois e Joseph Sumpf, no artigo «Linguistique et Révolution», publicado no n.º 12 de revista *Communications*, sonctuam o *carácter «pessoal»* do discurso científico (ou conceptual), reagindo assim contra a tendência, sobretudo enraizada numa tradição ideológica universitária, para exibir a neutralidade pura e impessoal do investigador. Para Dubois e Sumpf,

o discurso científico apresenta-se sempre como uma contestação ou uma confirmação de proposições anteriores, o que é equivalente, porque a confirmação é sempre de proposições que se definem como contestação de outras. Por conseguinte, cada texto situa-se na diacronia da pesquisa científica e, simultâneamente, essa diacronia inscreve-se no interior de cada texto. Isto é, não só o discurso científico funciona sempre como discurso que visa um efeito de conhecimento e ao mesmo tempo constitui um contra-discurso, como esse contra-discurso habita sempre, como sombra irredutível, a progressão do discurso, situando-se o conflito no interior do movimento. Ou, por outras palavras: não só toda a ciência é sempre ciência duma ideologia como a ideologia persiste como mancha progressivamente reduzida e irredutível no interior do processo científico — e como mancha que logo alastra nas recaídas ideológicas.

Concluímos, portanto, que um texto (no nosso caso, uma crítica) representa sempre a conjunção de vários textos e situa-se sempre, como contra-texto, num processo de intertextualidade. Textos que convergem para a fixação de um Texto, que, sempre inacessível, assegura o dinamismo interminável da escrita.

APROVEITEMOS estas considerações para lembrar o que nestas páginas se tem dito sobre literatura experimentais, mesmo sem se lhe fazer referência explícita. Porque o Texto que hesitantemente aqui se tem erguido é com certeza um con-

(Continua na 7.ª página)

NOVIDADE

O DISFARCE

ALVARO GUERRA

PREÇO 30$00

Publicado em França na EDITORA GALLIMARD com o título
«LE PRINTEMPS DEGUISE»

PRELO-EDITORA — Rua do Misericórdia, 97-2.º — LISBOA